

**ESCOTILHA #1**

## **GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ**

*Camilo Sobreira de Santana*  
Governador do Estado do Ceará

*Maria Izolda Cella de Arruda  
Coelho*  
Vice-Governadora do Estado do  
Ceará

### **SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DO CEARÁ**

*Fabiano dos Santos Piúba*  
Secretário da Cultura

*Luisa Cella de Arruda Coelho*  
Secretária Executiva da Cultura

*Mariana Braga Teixeira*  
Secretária Executiva de  
Planejamento e Gestão Interna da  
Cultura do Estado do Ceará

### **INSTITUTO DRAGÃO DO MAR**

*Rachel Gadelha*  
Diretora-presidenta

*Adriana Victorino*  
Diretora de Planejamento e Gestão

*Elisabete Jaguaribe*  
Diretora de Formação e Criação

*Lenildo Gomes*  
Diretor de Articulação Institucional

### **PORTO IRACEMA DAS ARTES**

*Elisabete Jaguaribe*  
*Edilberto Mendes*  
*Raphaelle Batista*  
Coordenação Editorial

*Tarcísio Bezerra Martins Filho*  
Projeto Gráfico e Diagramação

Escotilha : ateliê de escrita dramática 2018-2019 : v. 1  
/ organização Elisabete Jaguaribe , Edilberto da  
Silva Mendes. -- Fortaleza, CE : Instituto Dragão  
do Mar, 2021. -- (Coleção Escotilha ; 1)

ISBN 978-65-993753-5-4

1. Artes 2. Dramaturgia 3. Teatro brasileiro I.  
Jaguaribe, Elisabete. II. Mendes, Edilberto da Silva.  
III. Série.

Ateliê de Escrita  
Dramática 2018-2019

# #1 AHTLOSE

Elisabete Jaguaribe  
Edilberto Mendes

- 12     **Apresentação**  
          *Elisabete Jaguaribe*
- 20     **Estratégias de ensino e criação no**  
          **Ateliê de escrita dramática**  
          *Edilberto Mendes*
- 32     **O ensino da Dramaturgia: escolhas,**  
          **tradições e brincadeiras**  
          *Carlos Rabelo*

### **Poéticas do Feminino – Ateliê 2018**

- 42     **A matriarca encarcerada**  
          *Clarisse Ilgenfritz*
- 74     **Mar Lúcia**  
          *Rosana Reis*
- 92     **A mamãe aqui**  
          *Raphael Barros*
- 125    **Cerimonial**  
          *Cupertino Freitas*

## Poéticas da Existência – Ateliê 2019

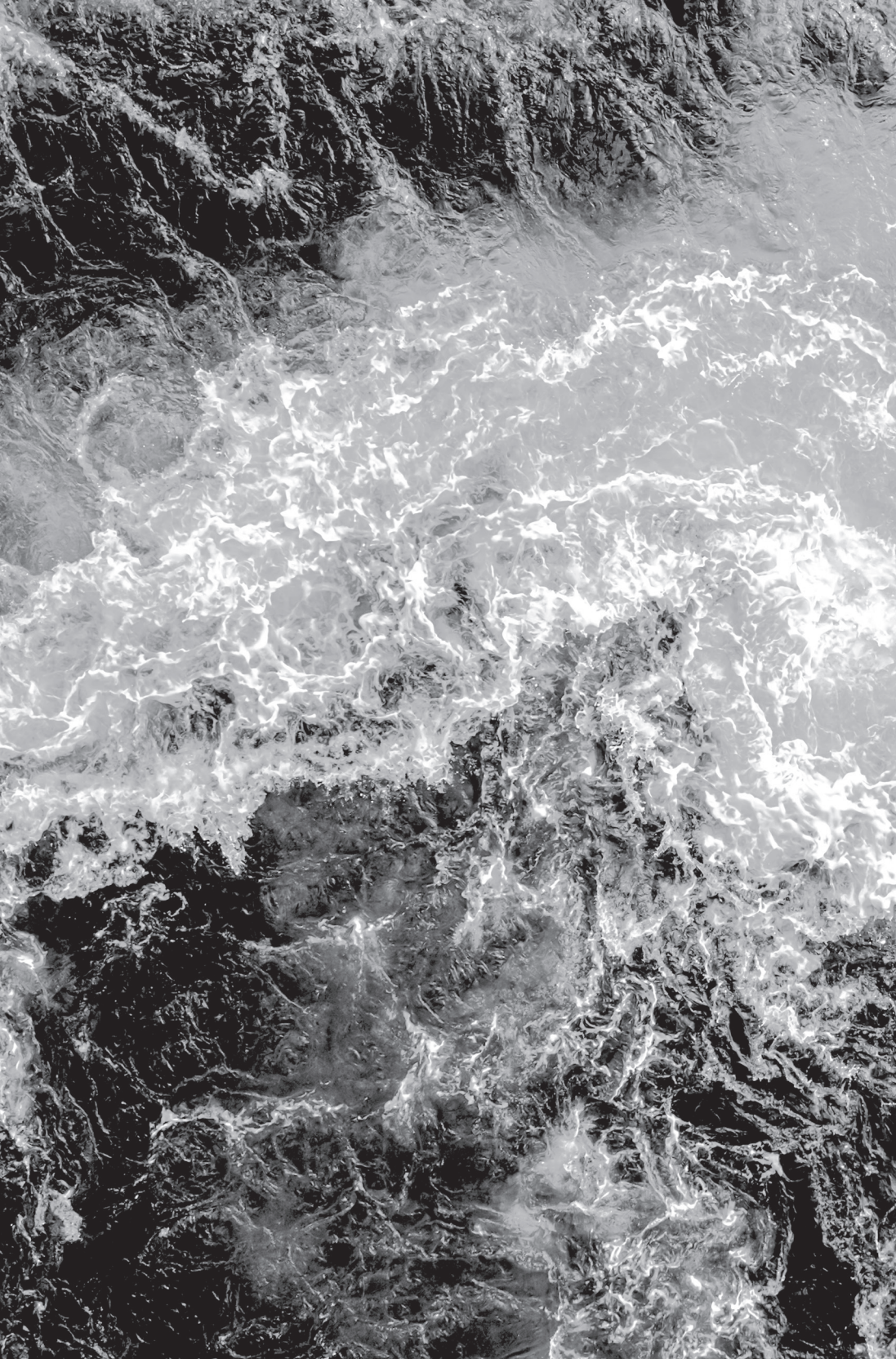
- 148 **Uma casa**  
*Lygia Amador*
- 176 **As raposas**  
*Yago Barbosa*
- 210 **Travessia**  
*Monique Cordeiro*
- 232 **Muros agudos iguais à fome**  
*Yuri Marrocos*
- 254 **Varrida**  
*Priscila Queiroz*
- 265 **O corpo pedrado**  
*Carlos Roque*



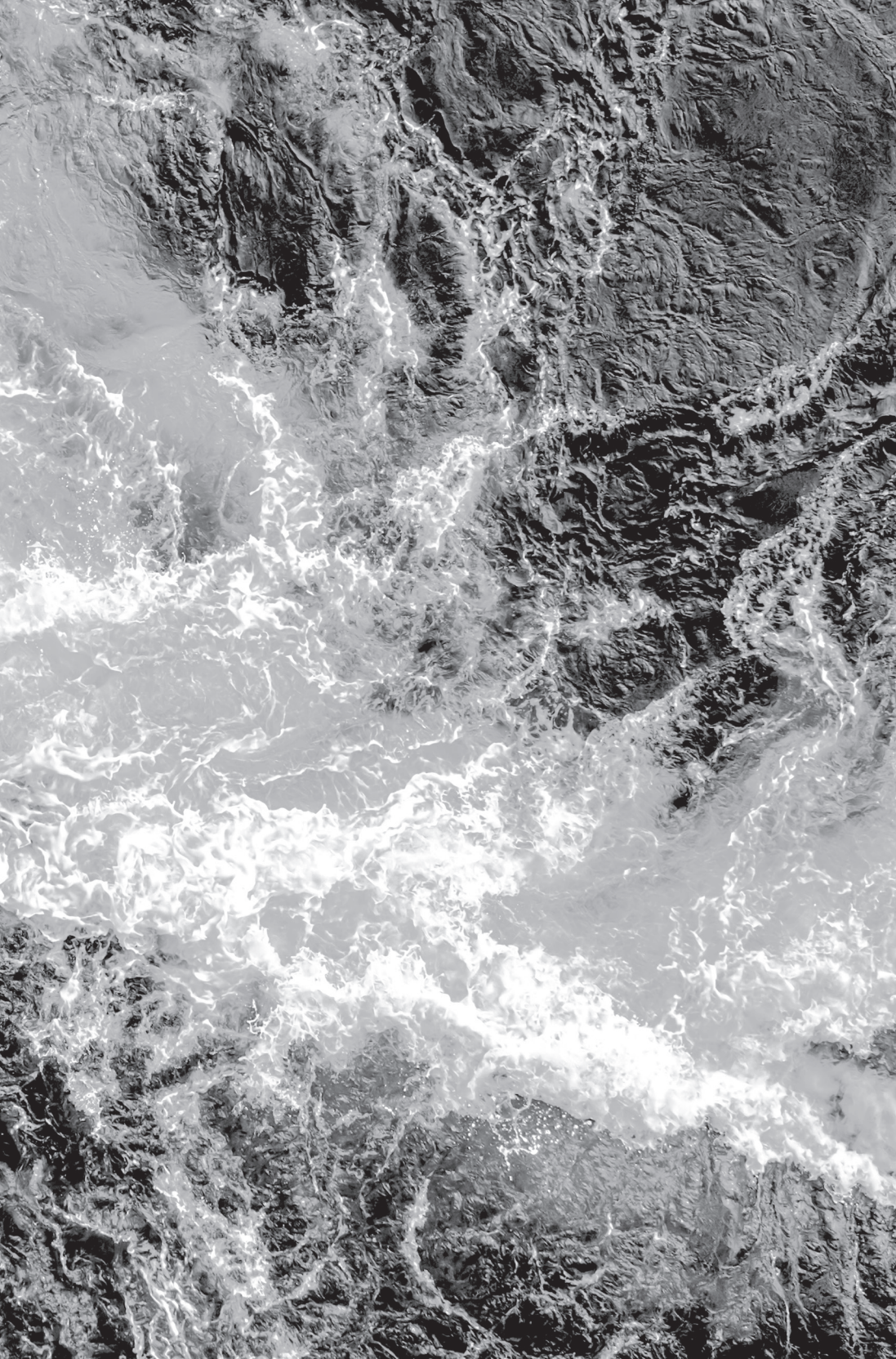


No escritor, o pensamento não dirige de fora a linguagem: o escritor é ele mesmo um novo idioma que se constrói, que inventa meios de expressão e se diversifica segundo seu próprio sentido.

*Claude Lefort*









# APRE- SEN- TA- ÇÃO

*Elisabete Jaguaribe*

Esta publicação é parte do projeto *Escotilha* que propõe, por meio de diferentes canais, dar visibilidade e, ao mesmo tempo, refletir sobre os processos de criação desenvolvidos no âmbito das esferas formativas da escola Porto Iracema das Artes. A proposta é apresentar não apenas o “produto” final, mas, de algum modo, a dinâmica de experimentação característica do processo artístico em todas as suas etapas, com suas incertezas, dúvidas, reflexões e revisões.



Aqui estão reunidas as peças produzidas nas edições 2018 e 2019 do Ateliê de Escrita Dramática. O volume foi organizado em três partes. Na primeira, Edilberto Mendes, coordenador do Programa de Formação Básica, apresenta o conceito e a estrutura do ateliê, bem como um relato de como vem sendo articulado o binômio ensino e criação nessa experiência formativa. Em seguida, o dramaturgo, professor e pesquisador Carlos Rabelo, que ministrou o módulo de abertura do ateliê em 2018 e 2019, destaca os desafios do ensino de uma forma poética tensionada, ao mesmo tempo, pela expansão do próprio conceito de drama e, no Brasil em particular, pela pouca ou nenhuma atenção dada à arte de escrever drama nas graduações em Artes Cênicas e Letras. Partindo de sua própria experiência, na condução de oficinas de dramaturgia, em diferentes contextos institucionais, Rabelo propõe a engenharia reversa como metodologia de ensino dos princípios do drama e o jogo como dispositivo facilitador da criação.

A segunda parte apresenta os textos dramáticos para teatro, produzidos na turma de 2018 – Poéticas do Feminino. A discussão sobre o feminino foi proposta pela escola num contexto de profunda crise social. Entre suas muitas facetas, essa crise incluiu eventos de violência física e simbólica contra artistas e suas obras, que foram alvo de censura e criminalização por questionarem ideias e práticas sedimentadas na cultura sobre gênero, sexualidade, relações de poder, ou seja, por tensionar, de algum modo, a heteronormatividade.

O Ateliê de Escrita Dramática se alinhou com essa proposta, escolhendo o arquétipo da mãe na dramaturgia como eixo de discussão e criação. Por meio da leitura de obras dramáticas de diferentes contextos, abordou-se as dimensões poética e política desse arquétipo, tomando-o como disparador dos projetos individuais de criação. Os quatro textos para teatro, aqui reunidos, reinventam esse arquétipo sob diferentes perspectivas, constituindo uma mostra da relação mito, cultura e realidade, mediada pela imaginação de cada dramaturgo.

Em *A Matriarca encarcerada*, Clarice Ilgenfritz constrói, em tom de tragicomédia com notas rabelaisianas, uma crítica do mito da “pátria mãe gentil”, tendo como ponto de partida um filicídio cometido pela matriarca do título. A alegoria é construída com notável habilidade poética e humor, em diálogos rimados que vão destrinchando o complexo de sentimentos envolvidos – perplexidade, revolta, dúvida, insegurança – quando os fatos desordenam nosso universo simbólico.

Já *Mar Lúcia*, de Rosana Reis, revisita o arquétipo materno em diálogo com uma metáfora recorrente no imaginário nordestino: a da travessia do sertão para o mar como processo de autoconhecimento e libertação. A história de D. Neném, das implicações de seu desejo por sopa de tartaruga na gravidez de gêmeas, é o mote para a autora tecer um drama denso, inundado por imagens dialéticas da relação entre passado, presente, tradição, conformismo, ruptura.

*A Mamãe aqui* é a expressão que a personagem Tiaga, de Raphael Barros, usa repetidamente para enfatizar seu potencial para ser a melhor prefeita que Capistrina já teve, caso vença as eleições. A saga da sacoleira pelo posto de maior prestígio no município, rompendo com a tradição política local dominada por homens, é o enredo por meio do qual o dramaturgo exerce a vocação da comédia para ironizar os vícios culturais, no caso, a mistura entre o público e o privado, a barganha de favores para obter vantagem política, o fascínio pelos modelos culturais de massa.

Em *O Cerimonial*, Cupertino Freitas põe em cena três mulheres: Fátima, mãe biológica de Miguel; Lourdes, tia que exerceu o papel de mãe porque assumiu a educação do sobrinho; e Clara, noiva do rapaz. O conflito sobre quem deve entrar com o noivo na cerimônia religiosa surge com a postura conservadora da nora diante do perfil de Lourdes: lésbica, atuante na militância LGBTQIA+. Esse conflito ganha força quando o desejo da mãe biológica por se reaproximar do filho é manipulado pela nora. A habilidade com que o autor articula o *ethos*, ou seja, as estratégias de discurso-ação das personagens, cria um interessante jogo dramático, no qual o espectador é convidado a se deslocar e se posicionar.

Na terceira parte, temos os textos produzidos no ateliê de 2019, quando os participantes foram instigados a criar a partir do operador poético do ano letivo, Poéticas da Existência, experimentando o drama como espaço de crítica da produção sócio-cultural de identidades, no

tensionamento com questões como desigualdade social, gênero, racismo, sexualidade, neurodiversidade entre outras. As respostas à essa provocação tecem um mosaico de conflitos contemporâneos, apresentados segundo a singularidade de cada autor, suas experiências de vida, seu modo próprio de apreender e problematizar o mundo e as formas poéticas. De um eixo comum nasceram cinco dramaturgias radicalmente distintas em conteúdos e formas.

Em *Uma Casa*, Lygia Amador aborda o cotidiano de moradores de periferia afetados pela violência urbana, que produz territórios “faccionados”, controlados pelo crime organizado. Mas, ao invés de focar na representação da violência, a autora nos apresenta a delicada relação entre uma mulher com sintomas de demência e seu neto. Por meio deles, conhecemos todo um universo afetivo comunitário, com sua sociabilidade, sua prosódia. A vizinha que toma mantimento emprestado, a rezadeira que esconjura o barulho do jogo de futebol enquanto ministra a cura, o gato que ataca as rolinhas no quintal, a visita da agente de saúde. Imagens da vida que resiste à opressão das restrições de mobilidade pelo bairro, dos episódios de assaltos e assassinatos, enfim, da violência que espreita de diversas maneiras.

Essa decisão estética e política de abordar o assunto por esse viés é materializada na forma realista em estrutura espaço-tempo fechados. A autora atualiza essa estrutura de modo bem particular, trabalhando com elementos líricos, seja nos delírios da avó, seja no rico jogo de imagens visuais e,



principalmente, sonoras. Incomum na produção dramatúrgica contemporânea para teatro, essa forma só realça as tensões entre o desejo comunitário por paz, dignidade e o caos que a realidade da violência gera.

Já *As Raposas*, de Yago Barbosa, apresenta o universo totalmente fictício e fantástico de uma pequena aldeia cercada de bosques e brumas, onde os habitantes cultuam a natureza e praticam ritos sacrificiais. A aldeia é abalada com o aparecimento de corpos de homens assassinatos. As mortes são imediatamente atribuídas a um inimigo comum, as raposas do título. Um grupo de mulheres, misteriosamente trancadas no templo da localidade, envolve-se num frenético ciclo de expiações, na busca por descobrir quem, dentre os habitantes, incluindo elas mesmas, é o responsável pela violência e morte que se abateram sobre a aldeia. Inicia-se, assim, um jogo de acusações e disputas, no qual qualquer um, ou nenhum, ou todos podem ser raposa. A linguagem rebuscada e a forma ritualística, espiralada, potencializam o caráter metafórico desse mundo fantástico que o autor compõe para falar do tão humano e atual assombro diante do estranho que está ao lado e/ou dentro de cada um.

*Travessia*, de Monique Cordeiro, é uma narrativa de autodescoberta feminina. Conta, com forte acento lírico, a trajetória da jovem Nina da luz para a escuridão, do calor para o frio, da terra para a água, do eu aprisionado pelas referências culturais para o eu das entranhas. Uma garota e seu desejo por liberdade e autoafirmação. Uma pele que descasca para

deixar aparecer outra pele. Um ser que se transforma em outro. Um processo que só se realiza quando se olha para além das vontades externas impostas sobre si.

*Muros agudos iguais à fome*, de Yuri Marrocos, parte de um mote atualíssimo: a precarização do trabalho. Mas o autor transborda o conteúdo imediato ao abordá-lo a partir da questão-chave da revolta. O que é revoltar-se? A revolta ainda é possível? Contrastando o absurdo das situações com a concretude e aparente coloquialidade das personagens, ele vai tecendo uma imagética própria da condição humana aprisionada em certas mitologias de tempo, de produtividade, de lazer, de relações de poder.

Já *Varrida* traz a loucura para a cena. Não é um texto dramático. O que está inserido nesta publicação são textos diversos (relatos, cartas, jogos), experimentados no processo de construção de um espetáculo solo que privilegia o performativo para questionar: Quem é louco e quem é são? Que mecanismos produzem as noções para enquadrar e, ao mesmo tempo, varrer as subjetividades divergentes? O que é um transtorno? E um diagnóstico? É em torno de questões como essas que a atriz Priscila Queiroz investe sobre certas concepções culturais de sanidade. Ao mesmo tempo, tensiona a forma dramática, a relação texto-cena, a própria formação em dramaturgia. Desse *work in progress* registra-se aqui apenas uma etapa, a que foi possível dentro dos limites do ateliê.

Finalmente, em *Corpo Pedrado*, Carlos Roque constrói um manifesto cênico sobre a marginalização de pessoas com

dependência química. O autor, que é psicólogo com atuação em Centros de Apoio Psicossocial (CAPs), em Fortaleza, se inspira nos teatros de Bertolt Brecht e Augusto Boal, e nas concepções pedagógicas de Paulo Freire, para propor uma cena aberta, na qual não cabe o drama *stricto sensu*, mas um mosaico de cenas-provocações que, com diferentes registros discursivos (diálogo, monólogo, laudo psiquiátrico, música etc.), interpelam diretamente o espectador sobre suas atitudes cotidianas e as políticas públicas para lidar com essa dimensão de nossa paisagem cultural.

Vale ressaltar que, em sua maioria, os participantes do ateliê tiveram, nesse espaço, sua primeira experiência de formação sistemática em dramaturgia, bem como o fato do ateliê estar vinculado ao Preamar, programa de realização de espetáculos teatrais e filmes de curta-metragem, proporcionando aos dramaturgos iniciantes a possibilidade de ter seus trabalhos levados à cena, como se deu com quatro das dez peças publicadas neste volume.

**Elisabete Jaguaribe** é doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Tem larga experiência no campo da gestão pública de cultura, com ênfase no audiovisual e na formação em artes. Coordena o Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade de Fortaleza (Unifor) e é diretora de Formação e Criação do Instituto Dragão do Mar/Porto Iracema das Artes.



# ESTRATÉGIAS DE ENSINO E CRIAÇÃO NO ATELIÊ DE ES- CRITA DRA- MÁTICA

*Edilberto Mendes*

O Ateliê de Escrita Dramática integra o Programa de Formação Básica do Porto Iracema, que tem como foco a iniciação no campo das artes nas linguagens de Audiovisual, Artes Cênicas e Artes Visuais. O desenvolvimento de um percurso formativo centrado na escrita dramática foi um desdobramento da experiência do Preamar, programa especial criado em 2015, para atender à demanda por um espaço específico, onde os alunos que concluíram a formação básica pudessem aprofundar os conhecimentos por meio da imersão



num processo criativo complexo, experimentando todo o ciclo de criação de um filme de curta-metragem, de um espetáculo teatral ou de uma exposição de artes visuais. A proposta é que os roteiros e peças produzidos no ateliê alimentem as produções audiovisuais e teatrais realizadas a cada ano no Preamar.

O formato ateliê enfatiza a centralidade do processo artístico neste percurso que, em sua configuração atual, é composto de cinco módulos, totalizando 200 h/a. O primeiro módulo apresenta e discute os fundamentos do drama (conflito, ação, personagem, fábula etc.); o segundo tem como foco a experimentação do texto dramático (réplicas, indicações cênicas, tempo, espaço, situação) para teatro; o terceiro, apresenta e discute as etapas de roteirização no audiovisual: ideia, sinopse, descrição das personagens e argumento. Os participantes do ateliê têm, assim, a oportunidade de estudar e exercitar a escrita tanto para teatro quanto para audiovisual para, em seguida, escolherem em qual linguagem desejam desenvolver seu projeto de criação individual. Este é o foco do último módulo do percurso: o desenvolvimento orientado de uma peça teatral curta ou de um roteiro de curta-metragem de ficção.

Os pré-requisitos mínimos para ingresso no ateliê são idade de 18 anos, Ensino Médio concluído e interesse na escrita para teatro e cinema. Trata-se, portanto, de formação voltada para não iniciados na área. Desse modo, não é exigido que os candidatos apresentem uma proposta prévia para

desenvolvimento de roteiro cinematográfico ou peça teatral. O processo seletivo é dividido em duas etapas. Na primeira, avalia-se o perfil do candidato por meio de uma ficha de inscrição. Na segunda, propõe-se uma produção escrita em forma livre a partir de um tema, uma imagem, uma citação etc.

É comum que oficinas de criação dramática para iniciantes acionem os mais diferentes recursos para estimular os participantes a se apropriarem dessa forma poética e esconjurar os fantasmas que, frequentemente, assombram os escritores: a folha de papel em branco, a falta de inspiração, o *insight*. Há quem trabalhe com temas, notícias de jornais, provérbios, imersão em espaços da cidade, imagens fotográficas, obras de arte, recriação ou continuação de histórias ou de um personagem, escrita automática, sonhos etc.

Certamente é possível trabalhar com ideias prévias livres dos alunos, sem a mediação de um elemento facilitador. O desafio, nesse caso, é a possível emergência de ideias ainda muito imprecisas, ou complexas para desenvolvimento na forma curta, ou que demandem recursos inacessíveis para sua realização cênica ou fílmica nas condições de produção disponíveis, questão determinante no contexto de um programa de realização como o Preamar. Em todos esses casos, essas ideias demandariam tempo de maturação para além das possibilidades de um ateliê de curta duração.

Nesse sentido, desde a primeira edição deste curso, inicialmente como oficina de roteiro de ficção em curta-metragem, temos experimentado alguns dispositivos

facilitadores do ensino centrado na criação dramatúrgica, considerando as especificidades do processo formativo integrado do Preamar.

**\*CALVINO, Italo.**

Seis propostas para o próximo milênio. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p.119 – 140.

Nossa referência inicial foi a noção de “hiperromance”, desenvolvida por Italo Calvino\*. Em síntese, Calvino propõe a criação de narrativas complexas a partir de estruturas modulares, que podem ser elementos figurativos, citações literárias, números, espaços geográficos etc., delimitadas e combinadas segundo regras estabelecidas pelo próprio autor. A ideia é que a dinâmica combinatória estimule a invenção e a liberdade narrativa. Calvino experimentou esse método em várias de suas criações e cita outros escritores que o fizeram no campo da escrita literária ficcional.

**\*\*BARTHES,**

**Roland.** Fragmentos de um discurso amoroso. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Já Roland Barthes\*\* usou mais de uma vez o princípio combinatório na escrita ensaística. Para seu *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, por exemplo, adotou um método, em suas palavras, “dramático”, que consistiu em simular, a partir de referências literárias e empíricas, figuras – assumidas como atos de enunciação – do discurso do amante (“suspirar”, “dar uma”, “fazer uma cena”, “chorar”, “escrever”, “esperar” etc.) e agrupá-las segundo dois “arbitrários conjugados”: nominações criadas por ele mesmo e dispostas, por sua vez, em ordem alfabética.

Nossa proposta foi investigar as possibilidades desse princípio compositivo na criação dramatúrgica audiovisual.

Vale notar, nesse ponto, que essa proposição foi discutida com professores e apresentada aos candidatos ainda na etapa de seleção, deixando claro que a adesão não era compulsória, nem implicaria na impossibilidade de participação no curso. Aqueles que já tivessem uma ideia prévia de narrativa a ser desenvolvida ao longo da formação poderiam trabalhá-la. Em geral, os alunos se mostraram receptivos à experimentação.

Trabalhamos com a obra *Dicionário Amoroso de Fortaleza*, de Tércia Montenegro. Trata-se de um volume da coleção *Dicionário Amoroso*, da editora Casarão do Verbo, que convida o escritor para construir um léxico da cidade onde vive, a partir de sua relação afetiva com os espaços dessa cidade. Os sessenta verbetes da autora sobre Fortaleza foram assumidos como módulos-matrizes pelos roteiristas que podiam, à sua escolha, isolar um módulo, combinar dois ou vários, ou ainda inventar seu próprio verbe. O material recortado foi tomado como referência para a criação de uma narrativa dramática cinematográfica de curta duração.

Não se tratou, pois, de um exercício de adaptação da narrativa literária para o cinema, mas de uma criação orientada pelos mesmos elementos da obra de referência: os espaços da metrópole, a relação afetiva do autor com os espaços recortados, a ideia de verbe.

Observe-se que o jogo com a obra, nesse caso, propiciou diferentes fluxos e fricções na relação cidade e narrativa: a percepção de Tércia Montenegro narrada nos verbetes; a percepção prévia dos roteiristas sobre os espaços por ela

narrados; a percepção dos roteiristas sobre esses espaços a partir da mediação da autora; a percepção dos roteiristas de espaços não narrados na obra, mas que fazem parte de sua relação pessoal com a cidade, a partir da lógica do verbete; a abordagem literária da autora e abordagem dramático-cinematográfica dos roteiristas.

Nessa dinâmica de referências, os roteiristas construíram seu material autoral à medida em que percorriam o circuito tradicional de iniciação à escrita do roteiro cinematográfico: a construção da story-line, da sinopse, do argumento, da

escaleta, do roteiro\*. Esse processo deu origem a treze roteiros de ficção em curta-metragem. Dois foram produzidos em grupo e onze individualmente. Verbetes do Dicionário Amoroso

\*Em 2016, a oficina foi ministrada por Wislan Esmeraldo.

como Água, Beira-Mar, Barra do Ceará, Centro, Cemitério São João Batista, Praças, Iracema, Passeio Público e Ponte dos Ingleses aparecem nos roteiros como espaços onde transcorrem as ações, como indicadores de certa configuração de relações sociais, como referências poético-dramáticas.

Entre os treze roteiros foram escolhidos para produção no Preamar daquele ano (2016): *Ao Mar*, de Djeyne Rudolf, Lucas Negreiros e Esaú Pereira; *O Abismo entre Nós*, de Hariel Martins; e *Gentilândia*, de Tárzia Freitas. A escolha é feita por meio de um *pitching*, no qual os roteiristas apresentam seus trabalhos para uma banca de especialistas do audiovisual.

Esses filmes - “verbetes” cinematográficos - adquiriram vida própria, independente da obra-matriz, e geraram também

mais de um caminho possível como composição narrativa cinematográfica: poderiam ser reunidos em um único filme sob a rubrica da relação cinema / cidade; ou poderiam percorrer os circuitos de exibição como obras distintas, que foi nossa opção. O filme *Ao Mar*, por exemplo, foi selecionado para a Mostra Olhar do Ceará, do 27º Festival Cine Ceará, em 2017. No mesmo ano, participou do Cine Congo, festival de audiovisual na Paraíba.

Em 2017, a obra poética de Belchior, falecido em abril daquele ano, foi a matriz sugerida para inspirar a criação. Já

\*Em 2017, a oficina foi ministrada por Marcelo Müller.

no processo seletivo para o curso de roteiro\*, os candidatos foram convocados a escrever um texto livre com base num trecho da canção *Alucinação*, um clássico do disco de mesmo nome, lançado em 1976. Dois dos selecionados, Arthur Gadelha e Kamilla Medeiros, descobriram, logo no início do curso, que haviam se inspirado no mesmo verso: “uma mulher sozinha”, e que as personagens que criaram na ocasião podiam ser a mesma

\*\*Entrevista ao Jornal O Povo, edição de 26/09/2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2018/09/alucinacao-premiada.html>

pessoa. Nasceu daí a parceria que gerou o roteiro do curta *Capitais*.

Vale destacar o modo como esses roteiristas reinventaram o princípio combinatório em seu projeto: “Reunimos as letras das músicas dele [Belchior] e soltamos num site que contava as palavras mais utilizadas. Vimos que a que mais aparecia era medo. E só depois a palavra amor”\*\*,



eles criaram a história de Alice, uma jovem que é levada a questionar sua solidão quando a vizinha, sumida há dias, é encontrada morta em seu apartamento.

Esse exemplo é elucidativo de como uma matriz de referência (conjunto de imagens, textos etc.), longe de cercear a invenção, pode, ao contrário, estimulá-la, ao estabelecer um fluxo todo próprio entre planificação e liberdade criativa.

**\*Carlos Rabelo** (Fundamentos do Drama); Aldo Marcozzi (Texto Dramático – Teatro); Janaína Marques (Roteiro); Suzy Élide (Orientação projeto individual – teatro) e Pablo Arellano (Orientação projeto individual – cinema) foram os professores do ateliê de 2018.

**\*\*Desde 2016**, a escola elege um operador poético para nortear as formações e os eventos ao longo do ano. A escolha é feita a partir de questões que emergiram nas experiências formativas do período letivo passado e não ganharam o espaço necessário para sua plena reflexão. A proposta é aprofundar essas questões.

*Capitais* fez sua estreia na Mostra Competitiva Brasileira de Curta-metragem do 28º Cine Ceará, em 2018, e venceu a mostra universitária do Festival de Cinema de Brasília do mesmo ano. Além dele, foram produzidos no Preamar daquele ano os roteiros *Aos meus pés*, de Giovanna Damasceno, e *Grilhões*, de Rafael Luan. O primeiro participou da 12ª. Mostra CineBH – Festival Internacional de Belo Horizonte. O segundo foi exibido no 18º NOIA – Festival do Audiovisual Brasileiro, e no 29º Festival Cine Ceará, ambos em Fortaleza.

Em 2018, com base na avaliação dessa experiência dos cursos de roteiro de curta-metragem, criamos o Ateliê de Escrita Dramática\*, agora como um percurso mais longo e incluindo produção de peças teatrais. O operador poético\*\* do ano da escola, Poéticas do Feminino, nos levou à proposição do mito da mãe como referência para a criação.

Como o mito é um fenômeno cultural de extrema plasticidade, ou seja, passível a infinitas variações de formas e sentidos, elegemos um conjunto de peças teatrais e filmes nos quais esse mito é recriado em diferentes perspectivas. Propomos a *Medéia*, de Eurípedes e as reescritas desse mito no musical *Gota d'Água*, de Chico Buarque e no filme *Medéia*, de Lars Von Trier; *Hamlet*, de Shakespeare, e as reinvenções fílmicas de Laurence Olivier e Kenneth Branagh; *À margem da vida*, de Tennessee Williams; e *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri.

Entre as peças teatrais incluídas neste volume, foram encenadas no Preamar de Artes Cênicas 2018 a comédia *A Mamãe aqui*, de Raphael Barros, e o drama *Mar Lúcia*, de Rosana Reis. O material dramaturgício escrito na primeira

**\*Carlos Rabelo**  
(Fundamentos do Drama); Edilberto Mendes (Texto Dramático – Teatro); Janaína Marques (Roteiro); Edilberto Mendes (Orientação projeto individual – teatro) e Pablo Arellano (Orientação projeto individual – cinema) foram os professores do ateliê de 2019.

edição do Ateliê de Escrita Dramática incluiu ainda doze roteiros de curtas-metragens de ficção, dos quais foram produzidos no Preamar: *Casa Sem Chão*, roteiro de Leonardo Câmara; *Plástico*, escrito por Tim Oliveira; e *Terceiro Dia*, roteirizado por Rogeane Oliveira.

O operador poético do ano de 2019, Poéticas da Existência\*, convocou à reflexão crítica sobre as narrativas das existências contemporâneas, nas quais estão implicadas questões como as desigualdades sociais, o racismo, as identidades

de gênero, entre outras. Considerando essas múltiplas possibilidades, propomos não adotar uma obra, ou

um conjunto delas, mas partir da percepção direta dos participantes sobre o operador poético. Para estimular a elaboração, os dramaturgos foram convocados a trazer suas próprias referências de imagens, textos ou objetos que, de algum modo, traduzissem sua primeira aproximação com o que desejavam narrar em seus projetos.

Monique Cordeiro, por exemplo, conjugou a escrita do texto *Travessia*, que apresenta a autodescoberta da jovem Nina, com cinco composições visuais em colagem que aludem às diversas etapas da transformação do personagem: 1. A menina com o sol amarelo; 2. Pernas a caminho; 3. Barcos; 4. Mulheres: ancestralidade-raiz; 5. Mulher que vira peixe. Yago Barbosa trouxe inicialmente a imagem de sangue sobre o palco. No processo, essa imagem foi transmutada no elemento cênico-dramatúrgico de um altar sacrificial, núcleo em torno do qual se desenvolve a narrativa de *As Raposas*. Carlos Roque, para desenvolver seu texto *Corpo Pedrado*, trabalhou com prontuários, bulas de medicamentos, projetos de lei. Priscila Queiros usou cartas, objetos, gravações e outros dispositivos em suas experimentações para *Varrida*. O título *Uma casa*, de Lygia Amador, refere-se diretamente ao núcleo dramático da peça. Yuri Marrocos partiu de um aviãozinho de papel em seu primeiro exercício de improvisação, mas optou por experimentar novas possibilidades até chegar ao texto *Muros agudos iguais à fome*. Enfim, cada processo indicou suas próprias matrizes e as estratégias para seu desenvolvimento no diálogo entre os dramaturgos e o orientador.

Além dos seis textos para teatro citados, foram produzidos onze roteiros de curta-metragem, entre os quais foram escolhidos *Terral*, de Leonardo Igor, e *Há números que sonham*, de Bruna Costa, para realização no Preamar.


A experimentação de métodos facilitadores da conjunção ensino e criação artística é sempre um desafio, especialmente quando se considera a dimensão da liberdade, da identidade autoral, bem como o papel do improviso e do acaso nos processos artísticos. No ateliê, buscamos estruturas (imagens/textos) complexas e porosas, de modo a estimular a imaginação sem sufocar a voz autoral. O foco está na dinâmica relacional entre o criador e essas referências como estímulo à invenção, e não na imposição de temas e formatos. E a experiência demonstrou que é perfeitamente possível para os participantes estabelecerem conexões entre os materiais propostos e seus interesses pessoais, aquilo que os move a escrever. Trata-se, em grande parte, de se disponibilizar para o processo.

Isso se deve, sem dúvida, ao fato de que não há limite para a forma como um texto literário, uma letra musical, um quadro, uma narrativa mítica, podem instigar a imaginação criadora. É notável a rica variedade de narrativas produzidas com o material proposto a cada ano. É notável que, aceitando partir de referências aparentemente limitadas, os escritores tenham sempre encontrado caminho para falar sobre o que lhes afeta e interessa.

Pode-se dizer também que mesmo os que optaram por desenvolver suas narrativas a partir de ideias desvinculadas das matrizes propostas tiveram agregado ao seu repertório um modelo possível para experimentação em futuros processos de criação, bem como o conjunto de referências e discussões propiciadas pelo material adotado, em termos de conteúdo e forma, investigando as possibilidades de cooperação entre as linguagens.

Como este relato, os filmes realizados e os textos dramáticos incluídos neste volume evidenciam, o ateliê é uma experiência formativa centrada no processo artístico. Como tal, envolve um fluxo contínuo de experimentação, diálogo, negociações, discussão de conceitos, técnicas e metodologias, gestão do tempo, dos recursos disponíveis, organização e cumprimento de prazos, enfim, tudo o que está implicado no fazer artístico. Envolve, sobretudo, a escuta, a avaliação permanente e a abertura para transformações indicadas pelo próprio processo.

**Edilberto Mendes** é doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tem experiência em ensino e pesquisa com ênfase em dramaturgia e arte-educação. Coordena o Programa de Formação Básica da Porto Iracema. Importante sublinhar que o Ateliê de Escrita foi concebido e realizado com a participação de Ângela Soares, coordenadora do Programa Básico de Artes Cênicas entre 2016 e 2020; Thiago Terrien, coordenador do Programa Básico de Audiovisual entre 2015 e 2016; e Arthur Leite, coordenador do Programa Básico de Audiovisual de 2017 a 2020. Os professores dos módulos são mencionados em outros momentos deste relato.



# O ENSINO DA DRAMATURGIA: ESCOLHAS, TRADIÇÕES E BRINCADEIRAS

*Carlos Rabelo*

O ensino da dramaturgia em tempos atuais apresenta a enorme dificuldade de se fazer escolhas entre tantas tradições possíveis de escrita dramática. Por isso eu sustento a necessidade de se combater essa ansiedade de influências com brincadeiras, de escrita improviso, jogos de palavras e imagens, e demais formas para fazer de conta que escrever é fácil, não encarando de frente a dura lida da escrita artística, a qual forçosamente nos espera no futuro. Por dramaturgia entendo a escrita para teatro, televisão, cinema e vídeos de internet. Pois, para mim, Drama é um enredo mostrado a



partir de personagens, em diálogos e/ou imagens, que podem estar em qualquer mídia.

Foi necessário fazer essa definição, pois a palavra dramaturgia se libertou nas últimas décadas, e hoje não apenas abarca a escrita de peças de teatro, mas se fala em dramaturgia do corpo, do circo, da luz, das notícias jornalísticas etc. Daí que faço a escolha inicial de tentar retomar o sentido original da palavra e, apesar de receber a dramaturgia do audiovisual de braços abertos, eu estimulo as pessoas a escrever para essa mídia arcaica e infalível que é o teatro, que nunca dá *bug*, que funciona *wireless* já faz milênios.

Outra escolha quixotesca que fiz, desde minha graduação em Artes Cênicas pela UFG (Universidade Federal de Goiás), foi tentar aprender o que é o ensino da dramaturgia, para

\*Para quem se interessar em conhecer uma visão mais aprofundada do ensino da dramaturgia, além de uma extensa lista de exercícios de escrita, minha dissertação de mestrado “Um método de ensino e criação em dramaturgia: ensaiando para escrever” está disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6160>

a partir daí tentar eu mesmo aprender a ser dramaturgo. Minha vontade de escrever me obrigou a ser meu professor. Sou um autodidata relutante, preferiria ter tido quem me ensinasse.

Meu azar foi que o ensino da dramaturgia é uma área que no Brasil atualmente tem pouco espaço tanto no âmbito das Artes Cênicas quanto no das Letras (onde fui fazer um mestrado em Literatura, também na UFG)\*. Se as Artes Cênicas se voltam mais para o corpo, a cena e suas poéticas, as Letras se detém mais na crítica literária, sempre com o olhar mais voltado para a lírica e a prosa. E, além disso, o material

disponível sobre o tema tende mais para a discussão teórica do que é drama, e não para a questão prática da escrita do drama. Pois o drama além de assunto teórico e filosófico, é também uma prática artística, tão dependente de músculos treinados quanto o esporte e a dança.

A consequência desse abandono se vê na qualidade discutível do roteiro audiovisual brasileiro, e no encolhimento da presença literária nos palcos, que é ocupado pela performance, pela dança, ou por seja lá que não for um calhamaço dividido em atos. Embora a arte possa se enriquecer ao trilhar outros caminhos, uma forma de arte tão elusiva quanto a dramaturgia certamente sofre bastante ao ser preterida nos poucos espaços que restam para o ensino das artes no Brasil. Por esse motivo, a própria existência do livro que você tem em mãos pode ser uma luz no fim do túnel, quem sabe uma retomada da grande tradição dramaturgica brasileira, de Martins Pena, Nelson Rodrigues e Ariano Suassuna. Nos tempos incertos em que vivemos, precisamos sonhar com novas dramaturgias.

Mas se muitos, como eu, começaram escrevendo sem orientação, apenas tentando reproduzir “de ouvido” o objeto artístico que é uma peça de teatro, é importante manter uma prática que não prejudique o instintivo espontâneo de quem está começando. Destarte, no primeiro dia de oficina gosto de alertar sobre o perigo da perda da alegria criativa, quando uma declaração infeliz de minha parte possa intimidar uma voz que está nascendo. Acredito mesmo que, para evitar esse perigo, a melhor forma é ensinar não através de preceitos,

delineando o exemplo de uma peça abstrata. No meu entender, mais frutífero é estabelecer uma engenharia reversa de obras que sobreviveram ao teste do tempo. Engenharia reversa, para quem não sabe, é o processo de começar pelo fim, descobrir como o rádio funciona dividindo-o em pedaços. Pois então, se não podemos perguntar ao Shakespeare como ele construiu Hamlet, podemos pelo menos inspecionar todos os seus versos para tentar aprender mais sobre como se faz uma tragédia.

Não se trata de esmiuçar para interpretar, ou analisar, embora ambas essas atividades nos ajudem a escrever melhor. Nesse caso se põe a crítica literária de lado, e o que nos interessa é ler a obra com olhos de artista, como quem observa o ensaio de colegas veteranos. E, como vantagem, temos uma infinidade de escolhas que podemos encontrar mundo afora. Caso alguém tenha, inexplicavelmente, ojeriza por Shakespeare, pode fazer o mesmo processo com qualquer obra, qualquer pessoa que nos estimule a escrever. No caso de haver interesses em comum, é possível discutir elementos de dramaturgia a partir de filmes de grande alcance, ou séries que nos deixam obcecados, e que devoramos em maratona. Em todas essas obras encontramos exemplos da gramática submersa do drama, os truques e as belezas do artesanato das pessoas que as escreveram.

Porque, afinal de contas, o melhor jeito de se aprender sobre dramaturgia é conversando sobre grandes obras. Em volta de uma mesa, tomando café ou cerveja, é quando se

tem as melhores ideias ou *insights* sobre a vida e a arte. Desse modo, em cursos de maior extensão, o ideal é manter o foco em leituras dramáticas, sessões de cinema e idas ao teatro. E, nessas conversas, conduzir a atenção a fatores técnicos, o que é uma fala memorável, o que é uma cena dispensável, o que é um final insatisfatório. As duas perguntas mais importantes da profissão de quem escreve drama, o texto está longo demais ou curto demais...

O único problema dessa opção é o excesso de alternativas existentes. Quem se dedica a conhecer a dramaturgia se depara com o problema de que uma vida inteira não é bastante para se ler e ver tudo que há de bom. Mesmo para quem queira distância da gramática tradicional do drama, precisa entender que o pós-dramático já tem algumas décadas nas costas, que mesmo a arte contemporânea pode cair em clichês, facilmente detectáveis por um público habituado. Nesse caso, nada melhor que ensinar o bom e velho drama aristotélico – se é que ele algum dia existiu, para que tenhamos ao menos um ponto de saída para nos rebelarmos, o que certamente não estaria acontecendo pela primeira vez. O exercício da dramaturgia nos ensina a humildade de entender que o novo nunca é propriamente novo, e sim um diálogo conflituoso com a tradição que, no nosso caso, são muitas tradições.

E se for necessário consultar exemplos de peças tecnicamente bem executadas, dentro do que se convencionou chamar de drama, em vez de somente acessar a dramaturgia europeia, eu prefiro estimular o estudo de peças brasileiras

escritas com perfeição artesã, como *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, ou *O pagador de promessas*, de Dias Gomes, ambas objeto de estudo na minha dissertação de mestrado. Uma leitura atenta dessas obras vale mais que uma oficina de roteiro, com clichês de manuais de cinema e elucubrações do que teoricamente “funciona” e “não funciona”. Dessa maneira, tento estimular o conhecimento e o amor pela dramaturgia brasileira, antes de devorar tudo que se representa e se filma ao redor do planeta.

Finalmente, se prometi um ensino baseado em brincadeiras, tenho por hábito lembrar que em muitos idiomas se estuda dramaturgia para escrever “brincadeiras de teatro”, como *play* (Inglês), *spiel* (Alemão), *spel* (Sueco), e esse sinônimo não se estabeleceu à toa. Em minha prática como dramaturgo, vejo que a seriedade, o excesso de pensamento teórico serve somente para nos intimidar. Quem se leva a sério demais logo sente o peso da página em branco, e se revolta diante das próprias limitações, em vez de considerá-las como parte normal de toda brincadeira, ou seja, o fracasso. Sem um pouco de ingenuidade, empolgação, e a ousadia de quem não tem medo do perigo, não se escreve um roteiro ou peça de teatro. Por isso sempre procurei entremear minhas oficinas com jogos meramente divertidos. E quanto mais vetusta e profunda for a tragédia que sonhamos escrever, maior será a necessidade de manter a brincadeira viva.

O que me anima em continuar ensinando dramaturgia é o constante interesse de quem tem vontade de escrever, e como

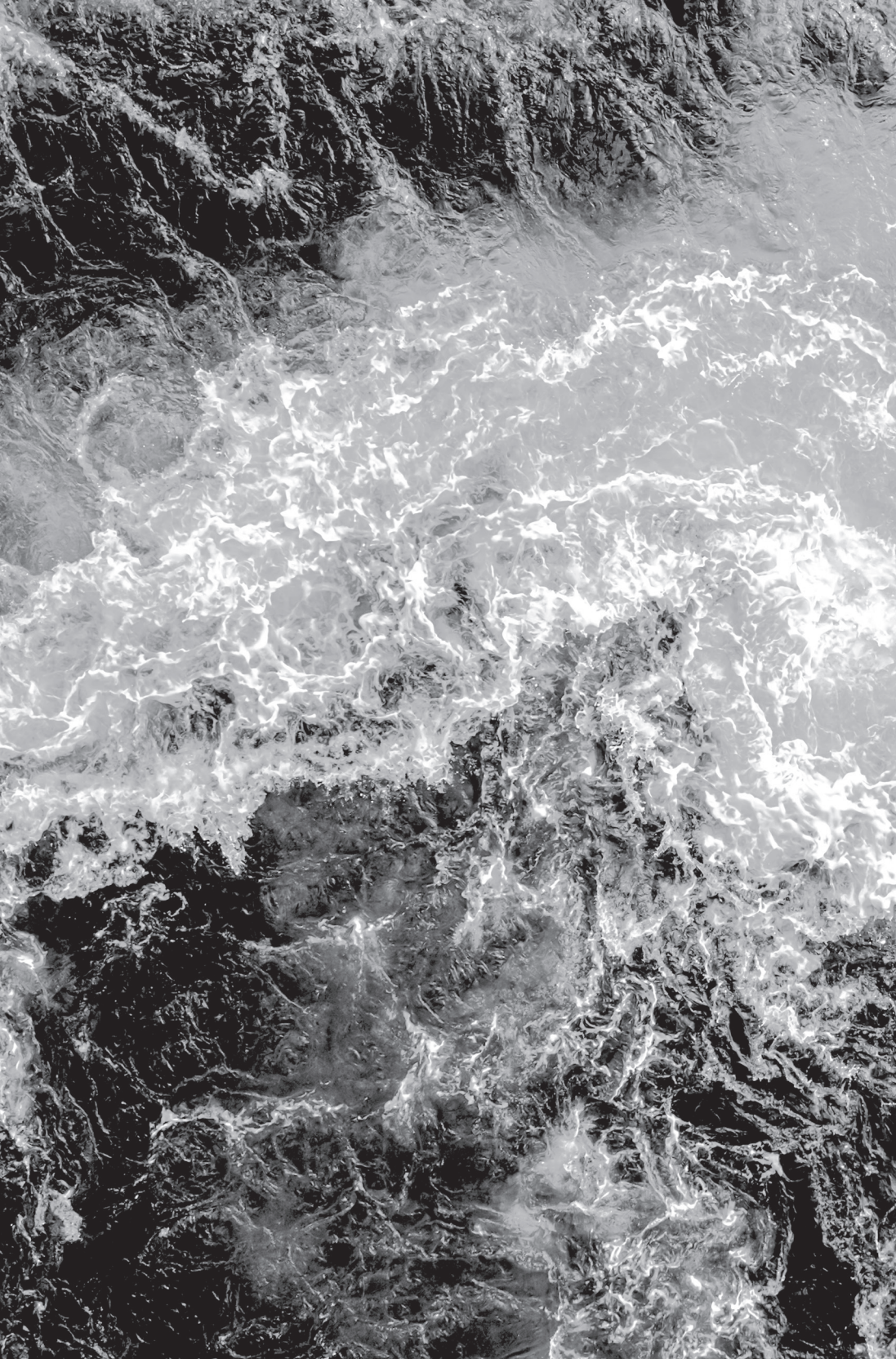
o tema em si é inesgotável. Por onde vou e com quem converso, sempre aparece a ideia para uma série nova, um personagem que merecia viver por cinco atos, e alguém que se entusiasme em aprender essa arte, que parece ser ao mesmo tempo a mais fácil e difícil das artes. Fácil por que para começar é só escrever Fulano diz tal coisa, e Beltrana responde tal coisa. Difícil porque a partir de tal simplicidade se descortina a humanidade inteira, até mesmo o que dela não se sabia.

Agradeço imensamente o Porto Iracema das Artes por oferecer um espaço onde se possa realizar essas escolhas, onde se possa discutir e debater com a tradição, e onde se possa brincar a dramaturgia, mantendo a porta aberta à dramaturgia cearense e brasileira, e que seja ela a mais bela brincadeira do futuro.

**Carlos Rabelo** é escritor, ator, diretor, tradutor e músico, com mestrado em Letras pela UFG (Universidade Federal de Goiás) sobre o ensino da dramaturgia e doutorado em Artes Cênicas pela UFBA (Universidade Federal da Bahia) com pesquisa sobre Commedia dell'Arte e a Escrita Criativa voltada para a comédia. Estudou canto coral na Suécia, com o maestro Erik Westberg. De 2001 a 2005 foi tenor do Coro da OSESP (Orquestra do Estado de São Paulo). Foi professor de dramaturgia no Centro Cultural Oscar Niemeyer de Goiânia, e professor de teatro, improviso teatral, humor e Commedia dell'Arte no Teatro Escola Basileu França. Ministrou o módulo inicial do Ateliê de Escrita Dramática em 2018 e 2019.











**POÉ-  
TICAS  
DO FE-  
MININO**

Ateliê 2018



# A MA- TRIARCA ENCARCE- RADA

*Clarisse Ilgenfritz*

## **Personagens**

A matriarca  
Um filho  
Uma filha  
O advogado  
O delegado  
Dois guardas

## CENA 1

*GUARDA 1 e GUARDA 2.*

*O cenário, assim como o tom de toda a peça, é farsesco, exagerado de alguma forma. A cena é em uma delegacia; luz destaca birô, cadeiras, telefone, cabide, mesinhas, máquina de escrever. Há uma grade enorme atrás, onde está escuro.*

*Entram os guardas conversando, falando meio “baixo” sobre a nova prisioneira, como que para não acordá-la.*

**GUARDA 1:** Mas é verdade que ela matou?  
Alguém viu isso acontecer?

**GUARDA 2:** Colega, é o que andam dizendo.  
Eu que não queria ver.

**GUARDA 1:** Imagina aí, matar o próprio filho.  
Logo o que saiu com a cara dela!

**GUARDA 2:** O primogênito! O primeiro cãozinho  
a sair do bucho da cadela.

**GUARDA 1:** Fale baixo! E olhe bem o que diz!  
Ela dorme logo aí atrás, na cela!

**GUARDA 2:** E não se acordou por um triz!  
Tremo só por estar aqui com ela...

**GUARDA 1:** Mas tu és mesmo um cagão.

**GUARDA 2:** Mas, ora, se não.

**GUARDA 1:** Tanta covardia e não nega?

- GUARDA 2:** Isso, a mim, não me pega.
- GUARDA 1:** Sobre tua covardia eu só lamento.  
(...)  
O que não entendi nessa história  
é a mãe matar o filho assim, do nada.  
Ele deve ter feito algo odioso,  
deve ser fruto podre, pestilento,  
criatura pertencente à escória!  
Não entendi, não entendo, sou lento!
- GUARDA 2:** Se nem o doutor advogado entendeu?  
Se nem o doutor delegado entendeu?  
Como uma criatura como tu entenderia?  
Se nem eu entendi! Nem eu!
- GUARDA 1:** Grandes bostas, teu entendimento!  
Se defendes quem te bate no lombo...
- GUARDA 2:** Sirvo apenas à lei e à ordem, colega.  
Lei e ordem: este é o meu combo!  
Não entendi tudo mas estou marcando colado  
estou atento aos fatos, estou vendo  
e escutando tudo, estou no pé do delegado!
- GUARDA 1:** Se julga um sabichão!
- GUARDA 2:** Mas ora se não.
- GUARDA 1:** Esta vaidade te cega!
- GUARDA 2:** Isso, a mim, não me pega.
- GUARDA 1:** Duvido que tenha matado. E se matou,  
houve motivo. E o castigo foi merecido.  
Ora, todos conhecemos a Matriarca;  
lembra como era doce para o marido?



**GUARDA 2:** Pois eu sei bem que ela matou. Conheço de longe o cheiro de uma assassina.

**GUARDA 1:** Tu não reconheces as coisas, nem que debaixo das tuas fuças estejam!

**GUARDA 2:** Este tipo de gente aí, tu dás o braço e eles te esquartejam!

**GUARDA 1:** Tu estás é com medo!  
Por que não solta logo essa franga?

**GUARDA 2:** Solto nada, solto porra nenhuma.  
Essa matriarca é o cão chupando manga!

**GUARDA 1:** Mas se tu não sabes de nada...

**GUARDA 2:** Se tá presa é porque tem culpa!

**GUARDA 1:** Tu estás ouvindo o que diz?

**GUARDA 2:** Se tá na cadeia é porque é culpada!  
Não é só porque o destino quis!

**GUARDA 1:** Estás a falar asneiras!  
E já que falas baixeiras,  
então que as fale baixo!  
Ficas aí pegando corda...

**GUARDA 2:** Achas que tenho medo?

**GUARDA 1:** Ssshhh! Assim você a acorda!!!

*Um resmungo forte, uma resfolegada, vem do fundo do palco. A luz de trás da grade dá umas piscadas. Os guardas levam um enorme susto e se escondem atrás do birô, tremendo.*

**GUARDA 2:** Mentiste que dormia pesado!  
Se soubesse que podia acordá-la  
jamais falaria o que disse!

**GUARDA 1:** Onde foi parar a valentia?

**GUARDA 2:** Já se foi, um valente morto não tem serventia!  
E eu também vou-me embora!

**GUARDA 1:** Sentiu cheiro de assassina?

**GUARDA 2:** Vou vigiar lá do lado de fora!

*O Guarda 2 sai de cena, assustado. O Guarda 1 fica sozinho.*

*Som de chuva forte, um toró. Ao longe, ressoam trovões.*

*A MATRIARCA dá uma respiração mais alta e ele dá um pulo e também sai de cena, assustado.*

*Blackout.*

## **CENA 2**

*A Matriarca, o DELEGADO, o ADVOGADO.*

*Luz atrás das grades. A Matriarca desperta. Se espreguiça. É uma mulher grande, madura, exuberante. Uma entidade. Uma força da natureza. (Minha referência visual é Elza Soares.)*

*Som de chuva.*

*O delegado chega a seu birô e percebe a Matriarca acordada. Muito respeitosamente se aproxima da grade e começa a pigarrear para chamar a atenção. Depois cria coragem:*

**DELEGADO:** Bom dia...

*A Matriarca resmunga, resfolega.*

**DELEGADO:** Hummm... Bom dia...

*A Matriarca se ergue, dá um bocejo, se apropria do espaço e se aproxima do delegado. Ele se encolhe um pouco.*

**DELEGADO:** Bom dia, nossa matriarca  
a mais famosa da cidade  
e, modestíssima à parte,  
minha favorita prisioneira.  
Como essa diva encarcerada  
passou a sua noite primeira?

**MATRIARCA:** Como fosse a última,  
como sempre passo  
desde que pessoas como o senhor  
passaram a me ocupar o espaço.

**DELEGADO:** Mas que espirituosa,  
como lhe admiro a verve!  
Por isso lhe quero aqui,  
sua presença me serve,  
com o supremo, com tudo.  
E, contudo, como fico nervoso  
ao ficar assim ao seu lado.  
Sei que já tenho essa voz de bobo,  
mas fico como que anestesiado!

**MATRIARCA:** Tanta puxação... me deixa até constrangida.  
É tanta palavra doce que fico até constipada!

**DELEGADO:** Mas matriarca, és minha presa preferida!  
Perdoe-me se eu pareço um fraco!

**MATRIARCA:** *(para a plateia)* Imaginem vocês  
se eu tivesse um saco!...

**DELEGADO:** Mas aqui é assim, sou eu acima de tudo  
e a lei acima de todos!  
Aqui a bandeira jamais será vermelha  
de sangue dos que não se dobram,  
desta gente com sangue nas veias.

**MATRIARCA:** Se eu pudesse escolher  
entre a força e a prisão perpétua  
eu iria pra força sem pestanejar.  
(...)  
*(para a plateia)* O inferno é viver  
pra ouvir este mala falar!...

**DELEGADO:** O senhor seu advogado está chegando em  
visita.  
A senhora quer que eu o introduza?

**MATRIARCA:** Não acredito que o senhor tá perguntan-  
do isso.  
*(para a plateia)* Eu não mereço este marreco  
a me grasnar esta asneira...  
Como pode um delegado falar tanta besteira?

**DELEGADO:** Ele tá bem aí na porta. O que eu faço?

*Som forte de chuva, com som de trovão ao longe.*

*A Matriarca se ergue e faz um sinal com a mão para que o visitante  
entre. O Delegado a atende prontamente.*

**MATRIARCA:** Que entre então o outro idiota  
a também me tomar o espaço.

*O Advogado entra e pendura calmamente chapéu, capa de chuva e guarda-chuva no cabide. Tira um bloco de notas da pasta, pega uma caneta, chega uma cadeira para perto da grade, senta-se e prepara-se para tomar notas.*

**ADVOGADO:** Vamos ver novamente aquele nosso depoimento?  
Onde foi mesmo que paramos? Em que momento?

**MATRIARCA:** Paramos nas perguntas bobas que você fazia.  
E nas respostas que simplesmente não entendia.

**ADVOGADO:** E como entender suas afirmações tortas?  
Deixe-me ver aqui em minhas notas...  
*(abre o bloco)*  
“ele se sente superior em algo, de alguma forma, porque é inferior em tudo, de toda forma”  
*(fecha o bloco)*

**MATRIARCA:** Está-se dizendo... está-se falando...

**ADVOGADO:** *(abre o bloco, folheia, lê)*  
“uma sociedade onde um entra com tudo e o outro não abre mão de nada”

**MATRIARCA:** A sua leitura está melhorando...

**ADVOGADO:** *(folheia mais o bloco, lê)*  
“uma verdade plantada no vazio,  
a cadela da mentira como sempre no cio”

**MATRIARCA:** Ótimas notas, siga anotando!...

*Advogado fecha o bloco bruscamente. Levanta-se empertigado.*

**ADVOGADO:** Data vênia, a senhora não ajuda!  
*(anda de um lado a outro e retorna aonde estava)*  
Responda: o que você fazia  
no local do crime, sozinha,  
enquanto seu filho jazia  
ali, no chão da cozinha?

**MATRIARCA:** Fazia o que toda mãe faria...

**ADVOGADO:** Que seria...

**MATRIARCA:** Qual coração de mãe não sangraria  
vendo o filho partir-se em mil pedaços  
se deteriorando dia a dia  
em escolhas insensatas?  
Prefiro nem sair viva desta cela  
se for pra entregar de bandeja  
o pouco que restou dele.  
Não que ele a tenha, mas vou zelar  
pela honra do filho que me fez matar.  
Vou apodrecer aqui, encarcerada?  
Por mim tudo bem. Que seja.  
Apesar de morto, esse filho da... esse puto,  
prefiro ser esquecida aqui, ficar calada,  
a entregar nossas vergonhas,  
nossas fraquezas, nosso luto.



**ADVOGADO:** Mas o que a senhora falar  
pode vir a atenuar-lhe a pena!

**MATRIARCA:** Doutor, deixe-me em paz.  
E deixe de fazer tanta cena.  
Deixe-me poupar a memória do meu filho.

**ADVOGADO:** E a sua? E a sua memória, matriarca?

**MATRIARCA:** A minha já me foi tirada.  
Mas aqui fico bem, aqui não faço nada.

*Entra o Delegado e interrompe enfaticamente a conversa.*

**DELEGADO:** Com licença, senhores; senhor, senhora,  
a hora da visita terminou, acabou a hora!  
O doutor advogado entende bem estes  
momentos,  
precisamos nos ater aos regulamentos.

**ADVOGADO:** Ave Maria, que maçada, falar algo adianta?  
É o jeito! É o que temos. É a janta!

*A Matriarca atrás das grades vira-se de costas, como que já  
mudando de assunto.*

*Advogado se dirige à ponta do palco e fala para o público.*

**ADVOGADO:** Cansado já de conversar com esta demente,  
resta a mim tentar o habeas corpus nova-  
mente...  
Se a Matriarca ajudasse pelo menos

um pouco,  
mas ela prefere mesmo é me deixar louco!!!

*Delegado se aproxima do Advogado, se posiciona ao seu lado, com uma postura meio competitiva.*

**DELEGADO:** A senhora distinta merece descanso e eu hei de protegê-la deste ranço. Nada de fatigar a nossa prisioneira. Vou honrá-la até o fim...

**ADVOGADO:** Até a hora derradeira!  
Mas que capacidade traiçoeira que ela tem de irritar, de enrolar, de arrodar, de não cooperar, de protelar, de infernizar! Deus me defenda duma mãe dessa maneira! Aliás, esta aí é literalmente de matar!

*Advogado sai de cena.*

*Delegado fica ali na frente sozinho, vai ao seu birô, levanta, chega perto da grade, volta a sentar. Percebe-se, pelo jeito de observar, que ele tem atração, respeito e também um pouco de medo da Matriarca.*

**DELEGADO:** Desde que ela chegou a esta delegacia o ar daqui mudou. Ficou mais denso. O ar encorpou nesta sala antes vazia. Daqui de longe dá pra sentir seu cheiro de sangue nas veias, e devo confessar que acho irresistível.

Quisera eu ter algum sangue nas veias  
como este ser encarcerado.  
Em respeito ao sono e ao descanso da  
matriarca,  
eu só falo em tom comedido  
porque isso para mim é sagrado.  
Ela implica com a minha voz, com meu jeito  
e com tudo o que eu digo.  
Mas mesmo assim eu sigo.  
Lá fora ela é quem decide tudo,  
aqui há que portar-se ao meu agrado.  
Aqui ela é minha prisioneira,  
minha hóspede,  
modéstia à parte.  
(...)  
Engraçado, às vezes me parece que ajo  
como uma espécie de marido,  
uma espécie de marido mandado...

*Luz vai fechando em resistência, tendo por último o foco pálido  
sobre a Matriarca, atrás das grades.*

### **CENA 3**

*A Matriarca, Advogado, Delegado, Guarda 1, Guarda 2.*

*Sons de chuva e trovões. Luzes de raios.*

*Por trás das grades a Matriarca sentada, grandiosa, “impávida  
colossa”. Na frente do palco, diante das grades, os demais  
personagens em movimento.*

*Os quatro cruzam pelo procênio aos pares, conversando entre si:*

**ADVOGADO:** Os filhos precisam ver a Matriarca!  
O habeas corpus está difícilimo!

**DELEGADO:** Mas claro, mas lógico,  
mas vamos então nos organizar.  
Ela já não seria liberada hoje?  
O senhor não estava trabalhando nisso?

**ADVOGADO:** Tudo indica condenação sumária,  
Ela não colabora em nada, pra piorar!

**DELEGADO:** Mas sim, mas calma,  
não pretendo ficar omissa  
tenho ainda muito a averiguar!

---

**GUARDA 1:** Será se vão libertar a matriarca?  
Ela ficou tão pouco aqui, quase nada!

**GUARDA 2:** Essa aí vai mofar atrás das grades!  
Matar um filho! Há de ser condenada!

---

**ADVOGADO:** Vieram de longe dois dos oito herdeiros  
para agendar visita à prisioneira.

**DELEGADO:** Mas sim, mas claro... E pagam inteira?  
Perdão, foi só piada. Pensei que a liberdade  
da matriarca já era cem por cento,  
que bastava só oficializar o documento!

**ADVOGADO:** Cem por cento? Está fazendo graça.  
O negócio anda impossível, impossível!  
O habeas corpus, já disse, não passa!

**DELEGADO:** Mas sim, vamos organizar essa bagaça!

**ADVOGADO:** O juiz superior da excelentíssima vara  
está neste momento inatingível  
e o julgado se dará quando puder ser dado.  
Hoje é impossível! Impossível!  
E isto está dito e falado! Está lavrado!

*Quando a Matriarca resolve falar, alguma coisa acontece na  
iluminação no fundo do palco, lá atrás das grades. É um momento  
de destaque, de reverência.*

*Som de raios, chuva forte com trovões.*

**MATRIARCA:** Eu até que gosto daqui. Aqui não faço nada.

---

**GUARDA 1:** Lembra como ela era doce  
para o marido e os filhos pequenos?  
Como ela cuidava de tudo  
E tratava a todos com o mesmo carinho?

**GUARDA 2:** Um doce, sei, um doce.  
Estranho seria se não o fosse.

**GUARDA 1:** Tudo pra você soa suspeito,  
quanta falta de respeito!

**GUARDA 2:** Lembro que ela mimava demais  
o mais velho. Ela estragou o rapaz!

**GUARDA 1:** Mas depois que todos partiram,  
foi ele quem ficou com ela.  
Até chegarmos a este desfecho  
que mais parece coisa de novela...

---

*O delegado se acerca do fundo do palco, onde fica a grade.*

**DELEGADO:** Eis minha mais importante prisioneira.  
Gosto de tê-la perto,  
não posso deixá-la ir!  
Não será a última, não foi a primeira.  
Só a liberto se for cem por cento certo!  
Perguntemos ao senhor advogado:  
só liberto com ordem por escrito,  
só liberto com papel assinado!

*O advogado se acerca também.*

**ADVOGADO:** Hoje é impossível! Sem fatos novos,  
com a fraqueza dos seus depoimentos,  
eu só faço o que posso, quase nada.  
Tenham paciência, é só o que peço!  
Não tenho nada a acrescentar ao processo,  
volto ao fórum com o mesmo que tinha  
quando aqui cheguei.  
O julgado se dará amanhã ou depois,  
sei lá, nem sei!  
Só sei que hoje é impossível!  
Quanta insistência! Que maçada!

*Temos a impressão que a Matriarca está um pouco maior, mais alta, mais iluminada.*



*Blackout.*

#### **CENA 4**

*Em cena: FILHA, FILHO, Matriarca, Delegado.*

*Os dois irmãos se aproximam e se medem com os olhos, de alto a baixo. Giram um ao redor do outro como que se medindo, se reconhecendo. Há tempos não se viam.*

**FILHA:** Então, irmão, aí está você.  
Há quanto tempo não nos víamos?

**FILHO:** Talvez menos tempo do que devíamos.

**FILHA:** Trouxe algo para nossa mãe? Eu trouxe um farnel.

**FILHO:** Eu também trouxe. Sei bem como é ser esquecido.

**FILHA:** Tu e estes teus nhenhênhs.

**FILHO:** Só ela mesmo pra me fazer olhar pra ti.

**FILHA:** Tu e este teu mimimi.

*Os dois irmãos se medem novamente com os olhos e giram um ao redor do outro como que se desafiando.*

**FILHO:** E o que tu trouxeste no farnel pra ela?

**FILHA:** Eu trouxe coxinha.

**FILHO:** E eu mortadela.

*Som de trovão bem forte.*

*A filha se aproxima da mãe, diante da grade.*

**FILHA:** Eis nossa honrosa mãe, nossa matriarca.  
Não falou nada sobre qualquer coisa,  
e nem disse tudo ainda sobre nada!  
Vim aqui para tentar entender,  
duvido ouvir que estou errada!

*A Matriarca responde, mas sem olhar pra filha. Olha apenas para o público.*

**MATRIARCA:** Eis mais um fruto meu desnorteado.  
Faz perguntas de forma equivocada  
e jamais enxergaria as respostas,  
mesmo que nelas tivesse tropeçado.  
(...)  
Essa minha menina sempre julgou errado  
sempre se achou as pregas!  
Acreditava-se uma princesa, essa ogra.  
E por mais que eu desmentisse  
vivia enfurnada nesse mundo metido a disney  
achando-se superior de cor de rosa  
achando-se encantada  
mas não passa de uma mulherzinha abestada.  
É minha filha, a culpa há de ser minha  
se ela cresceu assim meio babaca.  
Mas por Deus que para essa herdeira  
aparvalhada  
não transfiro minha coroa de matriarca!

*O filho se aproxima da mãe, diante da grade. Para o filho ela responde olhando nos olhos.*

**FILHO:** Minha mãe, precisamos ir ao enterro.

**MATRIARCA:** Se me soltam eu até que vou contigo.

**FILHO:** Eu preciso saber da senhora  
qual emoção devo ou posso ter agora,  
com que sentimento enterro o meu irmão.  
Lembra, de nós, crianças?  
Ele era meu melhor amigo!  
E a Mãe, assim, presa! Me desmonta o  
coração!

**MATRIARCA:** Vais ter que crescer, ó filho meu.  
Aceite: seu irmão mais velho morreu.

**FILHO:** Sei que morreu! O enterro vai ser agora.  
Mas essa situação! E toda essa demora...

*Filha se aproxima do irmão.*

**FILHA:** Ela vivia só com ele, só ela e o mais velho.  
Ela vivia de fazer todos os caprichos dele.  
Era o preferido, lembra? Sempre mimado.

**MATRIARCA:** *(grita, interrompendo a filha)* Sim!  
Ele foi mal-educado!  
Por mim!  
*(... um silêncio constrangido ...)*  
Eu lhe dei liberdade demais,  
jamaiz merecida!  
Dei comida, aconchego,

oportunidade de tudo nessa vida.  
Mas ele não entendeu nada, não entendeu!  
E a coisa chegou ao ponto em que chegou!  
Ele cuspiu no prato que comeu.  
Cuspiu, só, não. Ele vomitou!

*O filho assume uma postura de adoração em direção à mãe.*

**FILHO:** Eu sempre estive e sempre estarei  
ao seu lado, mamãe querida  
e quero que saibas disso.  
Sei de todas as tuas qualidades  
e das ingratidões que suportastes nesta vida.  
Virei todo dia saudar-te com bom dia.  
Virei toda noite desejar-lhe boa noite.

**MATRIARCA:** Mamãe fica grata, coração.  
Mas dispenso totalmente essa chateação.  
Deixe sua mãe descansar finalmente  
aqui eu gosto de estar, aqui não faço nada  
deixe-me aqui um pouco parada  
vá cuidar de coisas práticas  
vá enterrar seu irmão!

*A filha vem por trás do filho e lhe dá um tapa na nuca.*

**FILHA:** Nossa mãe tá presa, babaca.

*Som de raio e trovão mais forte. A luz pisca como se fosse apagar,  
mas não apaga.*

**MATRIARCA:** Já chega, calem a boca dessa filha de chocadeira que eu pari sem perceber.  
Achas mesmo que não me dói não poder enterrar meu filho, sua desalmada?  
Dói uma dor aguda,  
mas não tão aguda como aguda foi a tesourada  
que eu lhe enterrei no ouvido.  
(...)  
Matei sim meu filho mais velho,  
e desprezo essa filha que me envergonha  
os dois são uns merdas desde fedelhos!  
Quanto a ti, meu filho mais novo,  
use sua inteligência, se é que a tem.  
Vá nessa porra de enterro sozinho  
e deixe-me descansar em paz, também.  
Deixe-me aqui nesta prisão, neste ninho,  
com estes dois abutres lesados.  
Aqui fico pousada, fico repousada,  
aqui não faço nada.

*O Delegado e o Advogado se entreolham, desconfiando que é deles que ela está falando.*

**MATRIARCA:** Querem cuidar da minha vida  
mas não sabem cuidar dos próprios cus.  
Eles se acham uns belos pavões  
mas não passam de urubus.

*Se aproxima o delegado, interrompendo a conversa.*

**DELEGADO:** Com licença, senhores; senhor, senhora,  
a visita já terminou, já está na hora.  
Vou ter que encerrar o debate, lamento,  
precisamos nos ater ao regulamento.

*A Matriarca fala para o público, ou para si mesma:*

**MATRIARCA:** Este delegado é um desqualificado,  
um fraco vaidoso, um embuste, não nego.  
Mas rodeada de tanto filho ingrato  
é até bom alguém a me alimentar o ego.

*Os dois filhos falam um para o outro:*

**FILHO:** Minha mãe não estará no enterro do  
meu irmão!  
Sinto ódio? Fico triste? Acho graça?

**FILHA:** Minha mãe não estará no enterro do  
meu irmão!  
É afronta? É vingança? É pirraça?

**MATRIARCA:** Eu fico por aqui mesmo,  
vocês dois vão me representando.  
Se acharem ruim, paciência,  
eu estou cagando e andando...

*Os filhos saem de cena. Ficam apenas a Matriarca ao fundo e o  
Delegado na frente.*



**MATRIARCA:** Cansei dessa presepada.

**DELEGADO:** Será sempre uma honra tê-la aqui tão perto.

**MATRIARCA:** Aqui eu fico calada.

**DELEGADO:** A grande, a última e a legítima matriarca.

**MATRIARCA:** Aqui eu não faço nada.

*Luz vai fechando em resistência.*

## CENA 5

*Matriarca, Advogado, Guarda 1, Guarda 2.*

*A Matriarca fala com o Advogado, que está sentadinho perto da grade, preparando-se para tomar notas.*

*Os dois guardas estão disfarçando ali por perto, certamente querendo ouvir o que é conversado nessa reunião.*

**MATRIARCA:** Oito filhos, todos ingratos.

O mais velho, então, é o mal descomunal.

Aquele ali eu estraguei total!

Vivia a me dar demandas, me extorquindo, explorando e pedindo, sugando e exigindo, até... até a exigência final!

**ADVOGADO:** *(saca do bolso um lápis, agarra o bloco de notas)*

E o que teria sido, enfim, esta exigência?

**MATRIARCA:** A que me fez mal, a que me deu medo!

**ADVOGADO:** *(Lambe a ponta do lápis, aponta-o para o bloco de notas)*

Será que vai seguir sem me dizer nada?

**MATRIARCA:** aqui confesso e peço-lhe segredo  
quero esquecer o que se passou na data  
quisera mesmo era morrer calada  
mas aquele filho era um psicopata!

*O Guarda 1 se agita, como que desperta, e agarra o Guarda 2 para fofocar sobre o que acabou de ouvir:*

**GUARDA 1:** Psicopata é uma palavra forte!  
Ouviu o que ela disse a esta altura?

**GUARDA 2:** Força mesmo tem a palavra morte!  
Tu ainda defende esta criatura?

**GUARDA 1:** Tenho a mais absoluta certeza  
de que neste angu tem carço.

**GUARDA 2:** A mim só me ocorre a tristeza  
de te ver no fundo do poço...

**ADVOGADO:** *(joga lápis e bloco na direção dos guardas)*  
Saiam daqui seus covardes!  
Exijo privacidade!

**MATRIARCA:** Um espetáculo de boa artista  
precisa ter quem assista...

**ADVOGADO:** *(resmungo para o público apenas)*  
Atrapalham o meu trabalho,  
que já está difícil pra caralho!

**MATRIARCA:** Se você criar os corvos  
eles vão te comer os olhos...

**ADVOGADO:** *(para a Matriarca)*  
Voltemos ao depoimento,  
voltemos ao depoimento.  
Preciso que a matriarca me diga algo,  
uma informação qualquer, que me dê acesso!  
está ficando impossível seguir com o processo.

**MATRIARCA:** embora prefira morrer a relembrar  
a infâmia que se passou na data  
vou ter que confessar, vou ter que repetir:  
meu filho mais velho era um psicopata!

*Os guardas dão um pulo.*

**GUARDA 1:** Olha aí, a palavra forte de novo!

**GUARDA 2:** Colega, tô começando a ficar cabreiro!

**GUARDA 1:** *(para a plateia)* Ela chamou o filho,  
o primeiro, de psicopata, meu povo.

**GUARDA 2:** Colega, a corda arrebenta no lado mais fraco!

**GUARDA 1:** Eu a quero perto, mas a quero livre da cela!

**GUARDA 2:** Eu a quero longe, porque me pélo de  
medo dela!

*Restam em cena apenas a Matriarca e o Advogado. Ele junta seus pertences, se recompõe e volta a sentar onde estava.*

**ADVOGADO:** Precisaria compreender  
o que fez minha cliente amada  
cometer tal gesto aflito.  
Diga algo pra que eu possa libertá-la.  
Uma matriarca encarcerada  
não é nada muito bonito!

**MATRIARCA:** Digo em confissão informal  
se me prometeres de pé junto  
que morre aqui o assunto,  
que não o levarás ao tribunal!

**ADVOGADO:** Mas como poderei, data vênia,  
conseguir a sua liberdade  
se me chegas com estes pedidos  
recheados de meias verdades?

**MATRIARCA:** Prefiro morrer aqui, trancafiada  
a ouvir esta verdade espalhada!  
Preciso que o que aqui eu diga  
não saia jamais desta sala!

*O Advogado guarda bloco e lápis em sua pasta e volta para perto  
dela, em gesto simbólico de uma conversa informal.*

**ADVOGADO:** Fala, Senhora. Fala!  
Eu sou todo ouvidos  
e desisto de qualquer ação.  
Nos daremos por vencidos!  
Desembucha, Matriarca.  
Me abra seu coração!

*O Guarda 1 e o Guarda 2 surgem novamente, enfiando-se na cena,*

*como quem se achegou para escutar atrás da porta. Eles ficam “escondidos”, mas de forma patética.*

**GUARDA 2:** Ela vai falar, ela vai falar!

**GUARDA 1:** Minha nossa Senhora que acuda!

**GUARDA 2:** Ssshhh! Ela vai confessar!

**GUARDA 1:** Ssshhh! Aí vem coisa cabeluda!

*Quando a atenção retorna para a Matriarca, ela parece estar maior, mais alta, mais iluminada.*

**MATRIARCA:** Sempre fui dos meus filhos sua mãe gentil  
mas neste mais velho pesei a mão no açúcar.  
Mimei demais, dei tudo o que ele queria.  
Eu o fiz acreditar  
que tudo, tudo, tudo ele podia!  
Não impus limites!  
Era o primeiro, eu não sabia!  
(...)  
Todos os meus demais filhos partiram  
Mas ele ficou na barra da minha saia.  
O gigante adormecido!  
Ficou deitado em berço esplêndido  
mas resolveu erguer contra mim a clava forte!  
Achou-se o rei! Quis medir poder comigo!  
Traiu-me pelas costas, primogênito bandido!  
Quer saber? Foi ele quem chamou a morte!  
Ele fez o que filho nenhum com a mãe faz!  
Forçou-me por de trás! Por trás!

**ADVOGADO:** Por trás a senhora quer dizer que...  
Seu filho tentou comer-lhe o materno cu?

**MATRIARCA:** Sim, foi isso, mas isso é tabu!

*Os guardas “escondidos”*

**GUARDA 2:** Cu! Tu ouviste? Ele falou Cu!

**GUARDA 1:** Falou igual fala o teu guru!

**GUARDA 2:** É um filósofo! Tu não sabes nada!

**GUARDA 1:** É um imbecil seguido por uma manada!

*Volta o foco para Advogado e a Matriarca*

**ADVOGADO:** Um momento! Retomando o depoimento!  
A senhora afirma que seu filho zero-um  
a violentou, digamos... pelo bumbum?

**MATRIARCA:** Quisera morrer sem proferir palavra!  
Pela frente já não seria ruim de fato?  
Pois por trás cresceu em muito o desacato!

**ADVOGADO:** Data vênica é incrível que  
quando menos se espera,  
em todo processo acaba aparecendo um cu.  
É incrível, mas posso afirmar:  
o cu tem sido a parte mais observada,  
mais procurada, mais cobiçada,  
mais desejada e mais incompreendida  
que todas as outras partes do corpo.  
Cu está em quase todos os processos.

Ou estão em falta com seus próprios cus,  
Ou preocupados demais com o cu alheio,  
eu não sei o que acontece,  
mas em nosso sistema judiciário,  
tem sempre um cu metido no meio.

*Advogado se empolga com este discurso, e se levanta, sai da posição tímida que costuma ficar (sentado, tomando notas). Pavoneia-se pelo palco, exibindo seu conhecimento.*

**ADVOGADO:** A maioria dos cus são enrustidos  
apertam-se tímidos, escondem-se enrugados.  
Mas já soube de alguns cus bem exibidos:  
capas de disco, obras de arte.  
Cus amostrados.  
Cu tem de todo jeito, e falo como advogado.  
Há cus profanos, há cus religiosíssimos,  
há diferentes tipos de cu, para todo lado.  
Tanto que nem me surpreendi ao saber  
que havia cu metido aqui nesta história.  
É caminho certo, é só seguir as setas...

*Ao falar a última frase o advogado surpreende os dois guardas que se julgavam “escondidos”.*

**ADVOGADO:** ... e encontrar estes dois patetas!

*Os dois guardas se abaixam e falam bem abaixadinhos.*



**GUARDA 1:** Não quero fazer nada que não seja ouvir a Matriarca se defendendo...

**GUARDA 2:** Eu morro de medo dela!  
Já tô é com o cu ardendo!

*A Matriarca fala diretamente ao Advogado:*

**MATRIARCA:** Aproveitando a visita inesperada deste par de retardados peço que chame aqui meus dois filhos e o idiota do delegado

**ADVOGADO:** Tem certeza, minha senhora?

**MATRIARCA:** Peço que os chame agora.

*Blackout.*

## **CENA 6**

*Todos os personagens em cena, todos voltados para onde está a Matriarca, que – estranhamente – parece estar ainda um pouco mais alta, maior, mais iluminada.*

**MATRIARCA:** Todos os filhos são ingratos assim como toda mãe é uma mala. Pari oito! Oito digníssimos patos! Dois deles estão nesta sala.

Sete me deixaram, apenas um ficou comigo  
e era justo o mais velho,  
aquele que era o mais amigo.  
Eis que este filho desta pátria amada  
resolveu comer a mãe idolatrada  
Eis que o filho que não foge à luta  
resolveu tomar a própria mãe por puta!  
(...)  
Entenda: porque eu não já entendo nada  
este tanto de medo e receio de cu  
da maioria das gentes que vejo.  
Pra equilibrar minha burrice  
digo que também não entendo  
por que diabo tanto desejo.  
Cu é cu e pronto!  
Até aí está tudo lindo  
se é algo que todos temos  
cada um faz o que quiser com o seu.  
Agora, um filho forçar uma mãe de quatro?  
A própria mãe o filho enrabar?  
Alguém aqui me condena por tê-lo matado?  
Alguém aí se culparia por matar?

**ADVOGADO:** Mas e a ordem natural da morte?

**MATRIARCA:** Quisera termos esta sorte!!!

**DELEGADO:** Mas e a autocrítica necessária?

**MATRIARCA:** E essa minha condenação sumária?

**FILHA:** Estás perdendo a temperança?

**MATRIARCA:** Perdi quando tu ainda eras criança!

**FILHO:** Mas e o amor incondicional?

**MATRIARCA:** É a cabeça do meu pau!!!

*A luz muda de forma drástica. Raios e trovões retornam.*

*Os 6 personagens se posicionam como se fossem uma pequena plateia para a Matriarca, que assume totalmente uma posição de líder, de guia, de diva.*

**MATRIARCA:** Nem todos os cus são jovens  
nem todos os cus têm fome  
alguns são feitos de dor!  
Respeite os fundos de uma mãe idosa,  
Um cu devotado, um cu fechado,  
cansado, acanhado, um cu couve-flor!  
Jamais invada jardim algum sem convite!  
Nunca entre sem ser convidado!  
Do períneo pra trás é território sagrado!  
(...)  
Se pelo menos ele houvesse tentado  
algo menos humilhante e dolorido!  
Se pelo menos houvesse tentado entrar  
por onde antes houvera saído...  
Mas não, não bastava, o canalha  
quis entrar por onde toda merda sai!  
Antes ele não tivesse nem nascido!  
Peguei a tesoura e enfiei-lhe no ouvido!  
(...)  
Me olham como se eu fosse uma serpente  
que destruiu o próprio ovo...  
Pois se ele tentasse novamente  
eu o mataria de novo!

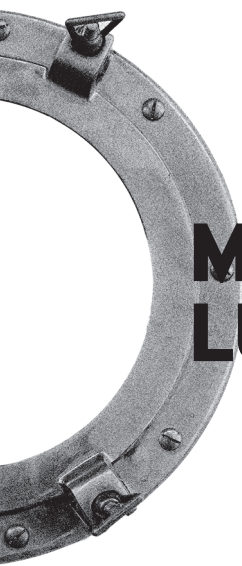
*Nisso a Matriarca já está em pé e no lugar mais alto possível, tendo atingido o seu ponto máximo.*

**MATRIARCA:** Eu até que gosto daqui. Aqui eu não faço nada.

*Blackout.*

F I M

**Clarisse Ilgenfritz** nasceu em Porto Alegre e, desde 1991, vive em Fortaleza. Da Engenharia Química passou para a Criação Publicitária, trabalhando como redatora e diretora de criação em diversas agências. Teve contos publicados em revistas de Fortaleza como *Move*, *Seven* e *Aldeota*. Em 2012 lançou pela editora Armazém da Cultura o livro infantil *O Boi da Cara de Todas as Cores*, adotado em escolas. Suas peças *Cromo Somos* e *Retalho, Rebotalho* foram encenadas em Porto Alegre, Fortaleza e Brasília. Seu conto *A Fome do Jorge* foi publicado na coletânea *Farol* em 2017. O conto *Perfidia*, na coletânea *Quase Nome*, em 2018. E o conto *O Cão da Vaidade* no livro *Limiar – Delírios Cruzados*, em 2019.



# MAR LÚCIA

*Rosana Reis*

## **Personagens**

Neném  
Marlene  
Lúcia  
Irmão 1  
Irmão 2  
Gêmeas

## PRÉVIA AMBIENTAÇÃO: O LUGAR E AS PERSONAGENS

*Sertão do Ceará, município indeterminado. O tempo aqui poderia ser qualquer um — aqui o tempo mal passa, quase nada acontece. Nessas condições, qualquer grande acontecimento poderia ser perigoso. Dia e Noite importam, e são grandes acontecimentos. O Dia começa com o cantar do galo, bicho sempre pontual, exceto em condições de anormalidade ou perturbação. Já para o surgimento da Noite não existe um marcador tão preciso. Vai escurecendo e, de repente, quando a gente percebe, já anoiteceu. Mas sabemos que nesse horário os grilos cantam, as crianças choram, anormalidades acontecem. Em Noite de Lua, por exemplo, acontece de os galos errarem a entrada do Dia. Raro os galos no Sertão se equivocarem, mas é sempre um aviso.*

*Em algum lugar desse Sertão existe uma pequena casa de dois cômodos na qual vivem uma mulher (DONA NENÉM) e seus filhos e filhas: MARLENE, LÚCIA, duas GÊMEAS recém nascidas e dois MENINOS cujos nomes não sabemos (mais velhos que Marlene, mais novos que Lúcia).*

*Os espaços da casa, diminutos para a quantidade de moradores, se revezam nas funções de quarto, cozinha e sala. O banheiro, se há, é muito provavelmente no mato. Dos dois cômodos só temos acesso a um (o que serve de cozinha, sala e quarto para parte da família); o outro ambiente, onde dormem as gêmeas e Dona Neném, existe como um lugar de maior intimidade para a matriarca; é onde, de certa forma, “esconde” as gêmeas defeituosas como quem sonega*

*as provas de um pecado. As outras personagens praticamente não o acessam.*

*Dona Neném, 36 anos, não lembra exato como o apelido de infância virou nome. Aparenta mais de 50. A pele castigada pelo sol na lida de lavadeira contribui para isso.*

*Lúcia, 17, é a filha fêmea mais velha da prole e por isso cuida dos demais. Muito provavelmente por isso frequentou pouco e mal a escola; lê pouco e com ajuda de Marlene, e não sabe escrever.*

*Marlene, 12, é praticamente a caçula. Praticamente porque Neném pariu as gêmeas há pouco tempo, mas ninguém sabe se elas vingam. Estranhas, as crianças parecem tartarugas. Reza a crendice da região que a debilidade física das bebês é herança maldita de um desejo violentamente executado durante a gravidez: apenas uma sopa de tartaruga. Há de se ter cuidado com o desejo no Sertão. A crueldade no processo de morte e cozimento do animal teria transformado, ainda no ventre de Dona Neném, a aparência e saúde das pequenas.*

*Lúcia, como filha mais velha, é a encarregada de cuidar dos irmãos para que Neném possa lavar roupa “pra fora”. Na prática, o cuidado dos mais novos a impede de frequentar a única escola da região. Lê e escreve quase nada, sente falta de aprender, mas sempre que precisa pede ajuda à Marlene, a mais nova. Sonha com a vida perto do mar. Se pergunta intimamente sobre a vida longe dali — todas essas “perguntas íntimas” acessamos através da percepção de Marlene. E compartilha as fantasias típicas de moça com a irmã.*



*se passa diante de sua memória, sua narração, e seu corpo que interage com o restante do elenco. Seu pensamento anda constantemente a léguas dali, no passado, no futuro.*

*A fala-narração de Marlene é, às vezes, seu pensamento; a menina pouco se comunica diretamente com a mãe ou os outros irmãos, salvo exceções. Marlene acredita ser a única a conhecer Lúcia de verdade; nutre um orgulho pessoal por ser sua confidente, a despeito da aparente reprovação da mãe.*

*A situação se acirra após a fuga de Lúcia com um moço desconhecido rumo a Fortaleza. Cúmplice, Marlene se vê forçada a ocupar o posto de irmã mais velha, responsável pela casa e pelos mais novos — uma vida originalmente imposta a Lúcia.*

## **PRÓLOGO – O SACRIFÍCIO DA TARTARUGA**

*Blackout. Som de grilos e armador de rede rangendo no escuro. Abre foco de luz: vemos Marlene no cômodo principal da casa; é noite. Marlene se embala na rede, produzindo os rangidos, enrolada na própria rede como quem sente frio, o corpo todo recoberto. Praticamente só a cabeça do lado de fora, o rosto iluminado: ela está acordada, o olhar perdido. Os dois irmãos mais novos dormem no mesmo cômodo, na penumbra; na cena há também um catre vazio, iluminado por outro foco de luz, assim como o rosto de Marlene. Em seguida, escutamos um barulho que vem do outro cômodo e interrompe o balançar da rede de Marlene: algo semelhante a batidas de casco numa bacia metálica. Com a parada da rede o armador também para de soar. A feição de*

*Marlene muda. Pouco depois, também vinda do outro cômodo e em paralelo ao ruído da bacia, surge a voz de Dona Neném. A mãe cantarola com dificuldade, entre pequenas interrupções e suspiros de cansaço, projetando esforço físico. Algo entre uma cantiga de ninar e uma canção de horror. O rosto de Marlene reage à voz da mãe, que passa a cantar:*

**NENÉM:** Ai que saudade que eu sinto... Das Noites de São João... Das Noites tão brasileiras na fogueira... Sob o Luar do Sertão... *(continua a voz em segundo plano)*

**MARLENE:** *(conversa consigo mesma)* A mãe sempre disse pra gente ter cuidado com o que a gente deseja...

*Foco de luz acende iluminando Neném, já à mostra em outro ponto do palco. Grávida das gêmeas, aparenta uma gestação de 7 meses e andar difícil. Carrega uma bacia e, dentro dela, a coisa que parece se debater. A mãe deposita a bacia no chão e se acocora com dificuldade, em ato semelhante ao de lavar roupa. Olha em volta para se certificar que ninguém a vê. Começa a sufocar o animal dentro da bacia como quem torce o pescoço de uma galinha, numa expressão mista de gozo e pavor. Ainda canta enquanto sufoca o bicho. A atividade lhe causa um misto de nojo e prazer.*

**NENÉM:** Meninos brincando de roda... Velhos soltando balaço... Moços em volta à fogueira... brincando com o coração...

*Um estampido denuncia o que seria o último espasmo da tartaruga*

*dentro da bacia. O corpo de Neném visivelmente relaxa.*

**MARLENE:** Mas a Lúcia me disse que foi por causa do desejo da mãe por sopa de tartaruga que as gêmeas nasceram daquele jeito, com aquela cara... Eu acho maldade botar a culpa na mãe.

*Neném pega uma faca na parte do cômodo que funciona como cozinha. Ainda cantando, inicia a sangria do animal dentro da bacia.*

**NENÉM:** Eita São João dos meus sonhos... Eita saudososo Sertão!

**MARLENE:** Mas eu também acho maldade matar bicho prenhe... Inda mais com as próprias mãos! Mas dendicasa ninguém pode nem falar nada com a mãe...

*Neném interrompe a cantoria. Vai ficando absorta diante da carnificina em suas mãos. Senta no chão e mira, cansada, a bacia, entre a satisfação e o arrependimento.*

**MARLENE:** Mas a Lúcia falava, ela! Escrever ela num sabia muito bem direito não, mas falar... A Lúcia apanhava, mas falava mesmo, e era na cara da mãe! Será por isso que ela foi embora... Pra continuar falando sem apanhar?

*A iluminação da cena se apaga, exceto pelo foco de luz no catre vazio, que dá continuidade à próxima cena. Os grilos permanecem cantando noite adentro.*

## CENA 1 O CATRE VAZIO

*Continuação anacrônica do prólogo.*

*Grilos cantando baixinho, em segundo plano. Somente o catre vazio iluminado por um foco de luz. A luz geral vai abrindo aos poucos, em resistência. Ainda não está claro suficiente para se dizer “Dia” quando um galo começa a cantar, insistentemente.*

*Foco de luz na janela. Ela está aberta.*

*Foco de luz na rede de Marlene. Ela está deitada e acordada, enrolada na própria rede, como no prólogo. Sua feição é preocupada. Os dois irmãos mais novos dormem na penumbra.*

*O galo continua a cantar.*

*A voz de Neném surge do outro cômodo. Seu corpo já é o de mulher que pariu há cerca de seis meses.*

**NENÉM:** Arrrrre!

*Os meninos continuam dormindo. Com a voz da mãe, Marlene, num susto, se enrola completamente dentro da rede, escondendo até mesmo a cabeça. Neném, recém acordada pelo cantar do galo, surge no cômodo principal, sem reparar no catre vazio. Abre a janela, olhando para fora.*

**NENÉM:** *(olhando pela janela)* E ainda nem é Dia... *(imita o galo cantando)* Cucurucuuuuu! Cucurucuuuuuu! Galo Doido! Se der defeito, vou mandar te trocar... *(fecha a janela)* Galo cantando fora de hora é bem moça fugindo de

*casa! (dirige-se à parte do cômodo principal usada como cozinha, como quem inicia em modo automático os afazeres domésticos do dia. Fala alto na intenção de acordar a todos no cômodo, sem olhar especificamente para ninguém) Ôôô Lúcia! Acorda, Lúcia, aproveitar que o dia começou mais cedo.*

*Os meninos, que dormiam, começam a se remexer e acordar. A rede de Marlene permanece inerte. Neném continua falando alto, na intenção de acordar a todos.*

**NENÉM:** Ô moças preguiçosas!

*Do outro cômodo, escuta-se o choro de dois bebês. Neném escuta e volta para atender o chamado das gêmeas, que param o choro pouco após o retorno da mãe ao cômodo escondido. A rede de Marlene permanece inerte. Um dos dois meninos, já acordado e escutando a mãe, levanta-se e anda pelo cômodo.*

**NENÉM:** *(gritando, do outro cômodo para o cômodo principal)*  
Cabôca, se eu tiver que ir aí te acordar quem vai chorar é tu! *(irritada)* Acorda, Lúcia, que hoje é cedo mesmo.

*Marlene começa a choramingar baixinho dentro da rede. O irmão que já está de pé mira o catre. Levanta o lençol, como se procurando algo. O galo ainda canta.*

**NENÉM:** *(gritando, do outro cômodo, mais irritada)* Lúcia, eu não vou pedir outra vez...

**IRMÃO 1:** *(analisando o catre vazio, fala alto para a mãe escutar do outro cômodo) Ô mãe...*

**NENÉM:** *(ainda gritando do outro cômodo) Bom dia, mô fi, acorde aí sua irmã pra ela fazer sua merenda, tô dando de mamar às gêmeas...*

**IRMÃO 1:** *(falando alto para que a mãe escute do outro cômodo) Ô Mãe, é que a Lúcia num tá aqui não!*

*O galo para de cantar. Com o silêncio repentino, só se escuta o choramingo vindo da rede de Marlene. A mãe retorna ao cômodo principal, escondendo o peito como quem interrompe uma mamada; seu andar é mais meticuloso. Agora, parece mais preocupada que irritada. As gêmeas voltam a chorar do outro cômodo, com a ausência da mãe. O choro das gêmeas se mistura ao choramingo de Marlene.*

**IRMÃO 1:** *(para a mãe, apontando o catre vazio) Aí, ó...*

*Neném analisa o catre vazio. Revira algumas coisas dentro de um baú comum, como se procurando roupas de Lúcia ou sinais de desaparecimento. Os dois irmãos mais novos já estão acordados. Marlene permanece dentro da rede, e seu choramingo já se converte em soluço. Neném percebe a rede. Abre repentinamente a rede de Marlene, que já está com o rosto banhado em lágrimas.*

**NENÉM:** Cadê tua irmã, Marlene?

*A menina chora agora quase compulsivamente, fazendo negativas com a cabeça.*

**NENÉM:** *(possessa)* Cadê tua irmã?

*Tendo somente o choro soluçado de Marlene como resposta, Neném levanta a mão na menção de bater na cara da filha. Um blackout repentino nos impede de ver a consumação do tapa. Quase simultaneamente, em outro ponto do palco, um foco de luz: vemos Lúcia. É uma memória de Marlene.*

**LÚCIA:** *(segredando)* Leninha, vou te contar um negócio, mas tu não pode falar a ninguém... Principalmente pra mãe! Essa madrugada eu vou embora! Eu vou ver o mar! *(risinhos abafados)* Num te disse que eu ia? Pois eu vou! Ôxe, e precisa chorar pra que, besta? Eu volto pra te buscar... Ou peço ao moço pra te pegar. Ele é bom comigo, ele! O moço disse que lá, em Fortaleza, tem de um tudo; quando já tiver as coisa calma, eu peço pra alguém escrever uma carta pra tu, contando as novidade! Ai, Leninha, eu vou ver o mar! Fica feliz por mim, besta! *(tirando algo dos bolsos: duas balas Pipper. Ergue à frente, oferecendo)* Ó, que eu comprei pra tu: das que tu gosta, e é duas. Uma pra quando tu sentir minha falta. A outra... Ah, a outra tu escolhe quando vai comer. A mãe? A mãe... Num vai nem sentir falta! Num é ela que vive dizendo que sofrer por quem foi embora é perda de tempo? Até o pai ela diz que não faz falta! Então... *(animada)* Vou te mandar junto com a carta um postal de Fortaleza... E uma foto, uma foto bem linda: eu, na beira da praia, os prédio atrás! *(outro tom)* Mas, ei: é pra tu ajudar a mãe com as gêmeas, viu... As bichinha num tem culpa de terem nascido daquele jeito, com aquela cara de tartaruga,



não... Ali sim, ali é de se preocupar com a mãe. Tu já é moça feita, agora é tu que vai ajudar a mãe.

*Foco de luz apaga em Lúcia. Luz no cômodo principal. Marlene está sozinha na cena, e a janela está aberta. Ela dobra a rede, já desarmada. Deposita a rede, dobrada como se fosse um travesseiro, em cima do catre outrora vazio. Mira, pela janela, o Sertão lá fora. É dia pleno. De dentro do outro cômodo é possível escutar as gêmeas começando a chorar. Neném surge no cômodo principal, escondendo o peito como se recém interrompendo a mamada. Séria, se aproxima de Marlene, que nada fala, e fecha a janela. Neném mira a filha com rigidez e sai de cena. Depois que a mãe se retira, Marlene abre a janela novamente. Tira do bolso uma das balas Pipper que ganhou de Lúcia; desembala e põe na boca. Olha pela janela, mirando novamente a paisagem. Luz apaga em resistência até atingir o Blackout. O choro das gêmeas ainda permanece ecoando do outro cômodo para a cena principal.*

## **CENA 2 SERTÃO SEM LÚCIA**

*O eco do choro das gêmeas, vindo do outro cômodo, liga a cena anterior a esta. Ainda Blackout. Grilos cricrilando.*

*Foco de luz acende em resistência, iluminando Marlene. Ela está deitada no catre de Lúcia, a rede enrolada usada como travesseiro. É Noite, a janela está fechada. Os irmãos mais novos dormem em seus lugares de sempre, na penumbra. Mesmo deitada, Marlene*

*está acordada, o olhar perdido.*

*Foco de Luz em Marlene vai apagando, em resistência. Choro das gêmeas é interrompido com o Blackout. Grilos continuam a cricrilar.*

*Foco de luz acende em resistência iluminando Neném, que agora está de pé no cômodo principal da casa. É noite, os filhos mais novos dormem, Marlene também, a janela está fechada. Neném canta em tom de ninar e passeia devagar pela casa, embalando as gêmeas nos braços.*

**NENÉM:** Ai que saudade que eu sinto... Das Noites de São João... Das Noites tão brasileiras na fogueira... Sob o Luar do Sertão... *(continua cantarolando e ninando as gêmeas, até retornar ao outro cômodo)*

*Luz apaga em resistência. Grilos continuam a cricrilar.*

*Foco de luz acende em resistência, iluminando Marlene. É Noite. Os irmãos mais novos dormem em seus respectivos lugares. Marlene está de pé e abre a janela. Parada, mira a paisagem. Foco de luz acende, iluminando Lúcia em outro ponto do palco. Marlene permanece na janela: mais uma vez, é sua memória. Lúcia tem um livro em mãos: Tereza Batista Cansada de Guerra, de Jorge Amado. Tenta ler, com bastante dificuldade. Os dedos passando nas linhas pra não se perder.*

**LÚCIA:** “A u... Úl-ti-ma vvv... vê... A última vez...”... Aqui é “A última vez”, né Leninha? Certo *(sorri orgulhosa)*. Vou continuar: “A última vez... que... vê-i-vi... A última vez que

vi Tereza Batista"... O nome dela eu conheço já, só de passar o zói por cima! (*ri de si mesma, mas respira cansada da dificuldade*) "A última vez que vi Tereza Batista fff... Foi... hein?" Ah, tá, entendi: "A última vez que vi Tereza Batista foi em tê-é-té..." Que nome é esse aqui, Leninha? (*aponta no livro*) Terreiro, é? Terreiro, como o aqui de casa? Aaah, tá... Deixa eu continuar... (*respirando quase com dificuldade*) "A última vez... que vi... Tereza Batista... foi em Terreiro dê-i-di... A última vez que vi Tereza Batista foi em Terreiro de Encantado! A última vez que vi Tereza Batista foi em Terreiro de Encantado! (*ri, satisfeita. Abraça o livro contra o peito*) Ah, Leninha, será que eu ainda vou ler bem que nem tu? Mas esses livro que tu traz pra me ensinar é muito difícil mirmã, daqui que eu descubra o que aconteceu com ela a mulher tem é morrido, já! Mas me conta... Ela virou foi mulher da vida foi? (*a feição de Lúcia se deprime, como quem escuta uma história muito triste*) Entendi. Ô Marlene, a mãe sabe que tu anda lendo essas coisa? Olha que se Dona Neném descobre, quem não vai mais poder pisar na escola é tu! Vai ter que ficar aqui, cuidando da casa mais eu! (*subitamente chateada*) Pega, traz outro livro pra mim, um de história bonita. Num quero mais ler isso aqui não. Onde já se viu, fazerem um negócio desse com a moça?

*Blackout. Cricrilar permanece no escuro por certo tempo, até o silêncio total.*

### **CENA 3 A CARTA**

*Blackout. Luz Geral acende em resistência. Marlene dorme no catre, os meninos nos lugares de sempre. Galo canta insistentemente: É*

*Dia, e a janela está fechada. A voz de Neném ecoa do outro cômodo até a personagem surgir no cômodo principal.*

**NENÉM:** *(entra falando alto para que todos acordem, enquanto já se dirige aos próprios afazeres)* Marlene! Acorda, Lena. Cuidar, que hoje eu tenho que sair é cedo. Os menino precisam sair pra escola merendado.

*Marlene acorda rapidamente e se põe de pé. Os irmãos se remexem, mas continuam dormindo. Marlene abre a janela.*

**NENÉM:** Fecha essa janela, Lena! Tá vendo não que os menino ainda tão dormindo?

*Marlene obedece a ordem da mãe, em silêncio. As gêmeas começam a chorar do outro cômodo.*

**NENÉM:** Agora pela manhã vou levar as gêmea na Zefa... Vai que rezando cura. Ela disse que precisava ser na luz do dia, então é bom tu me ajudar com a muda de roupa lá da doutora... Se o sol vai embora eu perco o serviço. Só aceitava se fosse lavada pela minha mão, acredita? E eu disse que tu era asseada... Mas parece que as filha da Neném andam desacreditada já, por esses canto.

*Neném entra no outro cômodo. Um dos meninos vai acordando e se levanta. Marlene já está absorta nos afazeres domésticos. Neném sai do outro cômodo, já com as gêmeas nos braços, já de saída.*

**NENÉM:** *(preocupada)* Ô minha Nossa Senhora da Conceição, queimando em febre!

*O filho que já está de pé se aproxima da mãe.*

**IRMÃO 1:** A benção, minha mãe. *(beija a testa de uma das gêmeas que está no colo da mãe)*

**NENÉM:** Deus te dê uma boa sorte, meu filho. Acorde seu irmão, se não vocês se atrasam. E é pra comer antes de sair, Marlene tá terminando já. Né, Lena?

**MARLENE:** É sim, minha mãe.

**NENÉM:** Pois cuide. *(vai saindo de cena levando as gêmeas nos braços, quando é interrompida pela voz de Marlene)*

**MARLENE:** Mãe! *(a mãe atende com o olhar)* Posso deixar a janela aberta?

**NENÉM:** Espere todo mundo acordar. Aí você abre. *(sai de cena com as gêmeas)*

*Certificado da saída da mãe, o irmão que já está acordado se aproxima sorrateiro do irmão que dorme. Grita no ouvido do outro, acordando-o num susto.*

**IRMÃO 1:** *(no ouvido do irmão sonolento)* PEEEE!

**IRMÃO 2:** Ah pá porra, mah! *(levanta, pega um lençol e se dirige ao outro cômodo)*

*Irmão 1 e Marlene riem da situação.*

**IRMÃO 1:** Pronto Lena, pode abrir a janela.

*Marlene abre a janela. Enquanto isso, Irmão 1 mexe no bolso, retirando um envelope. Oferece o pedaço de papel à Marlene, como um presente.*

**MARLENE:** O que é...? É... É da Lúcia?

*O irmão acente com a cabeça. Marlene agarra o envelope com desespero,*

**MARLENE:** Ela disse que ia me buscar, ela falou! Eu sabia que Lúcia não mentia pra mim.

**IRMÃO 1:** Eu esperei pra te entregar, tu deixa eu ler junto?

*Marlene beija a testa do irmão. Sentam-se os dois no catre; a luz geral dá lugar a um foco nos dois, no catre. Marlene abre o envelope, o irmão atento.*

**MARLENE:** *(retira um postal de dentro do envelope)* O cartão postal! Ela mandou mesmo o cartão postal, danada!

**IRMÃO 1:** E é uma foto? Eu pensei que fosse era uma carta...

**MARLENE:** Fortaleza é bonita mesmo, que nem a Lúcia disse! Ô Lúcia danada! Ela disse que ia mandar uma foto dela

também, deve ter esquecido. Mas ela escreveu aqui atrás ó, tem assim (*pigarro*): “Leninha, desculpe a demora. Foi difícil encontrar alguém que escrevesse pra mim. Eu conheci o mar! (*os irmãos se entreolham e sorriem*) mas não tenho nenhuma foto. Lena, não tive sorte. (*a leitura segue cada vez mais preocupada*) Aqui eu sou Tereza. Segue o meu endereço na cidade. Mostre à mãe, se puder” (*Marlene guarda novamente o postal no envelope e pressiona o papel contra o peito*)

**IRMÃO 1:** Quê mais?

**MARLENE:** Só tinha isso escrito.

**IRMÃO 1:** E o que quer dizer Tereza? Ela mudou de nome?

**MARLENE:** A Lúcia... A Lúcia precisa que a mãe vá buscar ela.

*Foco de Luz apaga em resistência. Blackout.*

#### **CENA 4 O SACRIFÍCIO FINAL**

*Blackout. Grilos cricrilando. Luz geral abre em resistência. O Galo canta: é Dia. A janela está fechada. Neném já está de pé no cômodo principal. Segura uma mala. Marlene, sentada no catre, embala as gêmeas. Os irmãos mais novos dormem.*

**MARLENE:** A benção, minha mãe.

**NENÉM:** Deus te dê uma boa sorte, minha filha.

*Neném sai carregando a mala. Marlene deposita as gêmeas com carinho sobre o catre. Abre a janela. Acena com todo o corpo, como se despedindo da mãe, que vai longe.*

*Luz geral apaga em resistência. Blackout.*

*Grilos cricrilam. É Noite. Choro das gêmeas ecoa no escuro.*

*Foco de luz acende em resistência, iluminando Marlene. Sozinha, ela passeia pela casa ninando as gêmeas, como fazia a mãe. As gêmeas não param de chorar, Marlene, preocupada, canta para as crianças:*

**MARLENE:** Ai que saudade que eu sinto... Das Noites de São João... Das Noites tão brasileiras na fogueira... Sob o Luar do Sertão...

*O choro das gêmeas permanece, cada vez mais forte. Os grilos param de cricrilar aos poucos. A luz vai apagando em resistência, até o Blackout. No escuro, o cantarolar de Marlene nina o choro infinito das gêmeas.*

F I M

**Rosana Reis** é artista multilinguagem com ênfase em Teatro, Dramaturgia, Performance e Dança Contemporânea. Possui formação em Jornalismo pela UFC e é técnico-administrativo da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira – Unilab (Redenção, Campus da Liberdade), lotada no Instituto de Educação à Distância.





# A MAMÃE AQUI

*Raphael Barros*

## **Personagens**

Tiaga  
Gláudia

## PRIMEIRO ATO

### CENA 1

*GLÁUDIA chega apressada em casa e encontra a mãe, TIAGA, sentada à mesa da sala com um monte de papel e umas roupinhas de confecção.*

**GLÁUDIA:** *(falando com a mãe e apontando para a porta)* O pessoal tá dizendo...

**TIAGA:** *(batendo no peito):* A mamãe aqui vai ser prefeita.

**GLÁUDIA:** Não era a senhora que dizia que tinha raiva de político?

**TIAGA:** Peguei uns discursos. Não vai ter pra ninguém, tôafiada.

**GLÁUDIA:** E as roupas, vai deixar de vender?

**TIAGA:** Aquelas caipora. Demoravam uma vida pra me pagar. Só porque são da Prefeitura acham que podem ficar enrolando a gente.

**GLÁUDIA:** *(falando com a mãe e apontando para a porta):* Fiquei sabendo pelo pessoal na rua.

**TIAGA:** Eu tava pensando ainda e esperando o Pleno decidir.

**GLÁUDIA:** Pleno?

**TIAGA:** O partido do Júlio da Lotérica. O Beбето foi casado, tem eleição agora para os dois últimos anos. O Pleno

precisava de uma pessoa sem rabo preso. Partido pequeno, mas que quer crescer. Além de mim, aqui em Capistrina, vão tentar eleger o prefeito de Tenência. Já tenho até slogan: “Tiaga, um nome diferente na política”.

**GLÁUDIA:** Mãe, pelo amor de Deus, como é que isso aconteceu?

**TIAGA:** Eleição suplementar. O Bebeto foi cassado, alguém precisa assumir a Prefeitura...

**GLÁUDIA:** *(interrompendo a mãe)* Não é isso. Eu sei que o Bebeto foi cassado. Quero saber como um partido aceitou a senhora pra ser prefeita.

**TIAGA:** Gláudia, eu tenho nome na cidade, todo mundo me deve. Se não é uma blusinha, é um shortinho. Tem gente que me deve o guarda roupa todo. Eu sei falar, eu tenho coragem, ninguém me engabela. Podem até não pagar no dia, mas pagam um dia.

**GLÁUDIA:** Política é diferente, o pessoal não perdoa. Gente que não é do meio eles passam por cima. O Bebeto, que era o Bebeto, o pessoal conseguiu tirar.

**TIAGA:** O Bebeto é um tapado.

**GLÁUDIA:** Você era apaixonada por ele.

**TIAGA:** *(em tom de deboche)* Por isso que é um tapado. Não me quis e foi se casar com aquela “coisa linda”.

**GLÁUDIA:** Mas aí você conheceu o papai.

**TIAGA:** *(com raiva)* Aquele pomba lesa. Melhor engravidar duma proveta.

**TIAGA:** Cadê ele?

**GLÁUDIA:** Tá viajando...

**TIAGA:** Pra onde?

**GLÁUDIA:** Ele só me disse que tava para depois de Tenência tentando vender os alevinos.

**TIAGA:** Vender pra quem? Depois de Tenência nem água tem.

**GLÁUDIA:** Mãe!

**TIAGA:** Ele tá mentindo. Deve tá gastando o dinheiro que ganhou vendendo frango com aquelas galinhas. E tomando cachaça, que é a única coisa que sabe fazer. Ele que continue nessa vida besta, e que a cirrose coma o fígado dele. Porque a mamãe aqui vai ser prefeita e andar naquele corolinha branco da Prefeitura.

**GLÁUDIA:** Fica só babando por aquele carro da Prefeitura.

**TIAGA:** É a única coisa que presta ali.

**GLÁUDIA:** Então vai ser prefeita para andar no Corolla da Prefeitura?

**TIAGA:** A mamãe aqui no corolinha, e o pessoal se mordendo de inveja, e aquelas velha pura a cigarro olhando pra mim, e o câncer trabalhando o pulmão delas. E eu linda sentada naquele banco de couro, ar – condicionado, escutando Fábio Júnior e acenando.

**GLÁUDIA:** Mãe, isso é coisa de misse.

**TIAGA:** Isso é coisa de Tiaga, e não me atrapalha, que vou trabalhar nos meus discursos. Porque o povo ouve o que a gente fala.

*Gláudia sai pelo mesmo canto que entrou. Tiaga se senta à mesa da sala e começa a mexer nos papéis que estão em cima. São discursos de políticos que ela reuniu. Fica passando as folhas e os olhos sobre os textos, em silêncio.*

## CENA 2

*Tiaga, à mesa da sala, rabisca sobre a última folha que ela passou e fica olhando, como se estivesse lendo com atenção.*

**TIAGA:** *(ainda sentada, fala olhando para a plateia)* Eu sou uma mulher de Capistrina que o destino disse: “Tiaga, vai ser prefeita”. Teve gente aí que não quis apoiar o meu sonho, dizendo que não ia dividir as vaias comigo. Agora tão doidinhos para pegar um pouquinho dos aplausos. Porque a mamãe aqui sabe fazer as coisas. Igual à Cláudia, aquela mulher maravilhosa, que nunca vi igual. Inteligente, charmosa, com um jeito de cativar que só ela tinha. Capistrina vai mal, e o povo também. Nunca antes neste município vi tanta gente necessitada. Me deem uma chance, que eu faço em dois anos o que prefeito nenhum fez em vinte. Não tem marolinha ou urucubaca. Tem é a mamãe aqui.

*Tiaga se levanta da cadeira, segurando a folha de papel.*

**TIAGA:** Política é olho no olho. Como se diz aqui, é no *(pronuncia de forma errada)* tetê-à-tetê. Eu vou ser a mãe do povo, quero andar no meio da rua e as pessoas me apontando: “ela não tem aquilo roxo, mas conseguiu botar moral nessa terra cabôca de Mãe-Preta e Pai João”.

*Tiaga, agora, está à frente da mesa olhando para o público, como se estivesse em um comício.*

**TIAGA:** É melhor falar do que fazer bobagem. Um discurso é como uma promoção irresistível, com blusa, short e sandália a 60 reais.

*Tiaga começa a ler o discurso, enérgica.*

**TIAGA:** Vendi minha alma para o povo. Cada um sabe do que TIAGA é capaz. Dum desconto numa batinha, numa legging ou calça. Se eu vesti a cidade toda, à vista ou no fiado, imaginem o que vou fazer se eleita. Quem tem roupa, vai trocar de roupa. Quem tem fome, vai ter o que comer. E pode me pedir, porque eu sempre desconfeei muito daqueles que nunca me pediram nada. Geralmente os que se sentam na mesa sem fome são os que mais comem. Vocês não podem deixar as oportunidades passarem. Em época de campanha, político fica com o coração mole. Somos uma família, Capistrina, e quando os ataques vierem não nos desanimarão, porque tenho o apoio de vocês, minha gente querida. O nome de cada um de vocês no meu caderninho de clientes, quem deve e quem não deve.

*Tiaga sedutora.*

**TIAGA:** Proponho uma administração severa, que o Corolla seja usado com 50% de álcool e 50% de gasolina, porque essa crise no combustível não tem quem aguente. Dejo que o povo volte a ser feliz, sem vencedores e vencidos, trabalhando pela Capistrina de todos nós. E eu no comando, porque senão vira bagunça.

*Tiaga sonhadora.*

**TIAGA:** Eu prometo um governo provisório, porque não quero ficar pendurada nas tetas para sempre. Um governo feito por gente, que uma hora quer baião, outra arroz com feijão. Que garanta o saco em pé, o corpo na cama, na rede, a ordem pública e privada, porque nem sempre a comida cai bem. Que preze pela liberdade, pelo direito de ir e vir — para algumas pessoas só de ir.

*Tiaga apoteótica.*

**TIAGA:** Nem o Oceano Atlântico, a Floresta Amazônica, o Muro de Berlim, a Muralha da China vão me separar de vocês. O que é da mamãe aqui, infeliz nenhum tira. A desgraça é do baba ovo como o pincel é do blondor.

*Tiaga volta e se senta à mesa da sala. Pega o papel do discurso e risca a última frase.*

**TIAGA:** Essa do blondor acho que ninguém vai pegar.

### CENA 3

*Gláudia chega apressada em casa e encontra Tiaga sentada à mesa da sala mexendo nos papéis. Sobre a mesa ainda estão as roupinhas de confecção.*

**GLÁUDIA:** *(falando com a mãe e apontando para a porta)* O Amando vai ser candidato.

**TIAGA:** *(debochada)* Seria novidade se ele não fosse.

**GLÁUDIA:** Ele quer assumir o lugar do pai. O Beбето foi casado, e ele quer seguir os passos do pai.

**TIAGA:** Tá no sangue. O nome já diz tudo: Amando do Beбето.

**GLÁUDIA:** Tava indo tudo tão bem, ele caidinho por mim, eu caidaça por ele. Agora eu sou a filha da Tiaga.

**TIAGA:** Agora? Uma paixonite sem sustança e já renega a mãe? Gláudia, Gláudia.

**GLÁUDIA:** Não tem problema ele ser Amando do Beбето, querer ser prefeito, querer continuar os negócios da família. Mas você, mãe, caindo de paraquedas? Não dá certo. O seu negócio é vender roupa, já tem clientela.

**TIAGA:** *(se levanta da cadeira e fala como se estivesse em um comício)* Agora vou ter eleitor. Não tem muita diferença. Se querem roupa, dou roupa. Se querem comida, dou comida. Se querem carinho, até dou, mas não vai ser daquele jeito que eles querem. Porque a mamãe aqui não é mole, nunca foi e nem vai ser.



**GLÁUDIA:** Mãe, o Amando pode ser meu bilhete premiado, só que eu não posso chegar sem fazer uma fé. Não posso querer ganhar sem jogar. E eu acho...

**TIAGA:** *(interrompe a fala de Gláudia)* Eu vou ser prefeita, quer você queira ou não. Se o Amando quer seguir os passos do pai, já não vai ser bom pra...

**GLÁUDIA:** *(interrompe a fala de Tiaga)* Não é porque não deu certo pra você e o Bebeto que não vai dar certo pra mim.

**TIAGA:** *(pegando a mão da filha)* Gláudia, presta atenção. O Bebeto só pensa nele. O Amando é a mesma coisa. Sabe por quê? Porque eles querem as tetas. As tetas da Prefeitura, pra terem todas as tetas que quiserem.

**GLÁUDIA:** O Amando...

**TIAGA:** *(interrompe a fala de Gláudia)* O Bebeto faz o diabo com aquela “coisa linda” que ele casou. Se tivesse sido comigo, ia ser a mesma coisa.

**GLÁUDIA:** O Amando...

**TIAGA:** *(interrompe a fala de Gláudia)* O Amando só não engana mais menina porque não tem tesão que aguente. Ele pode até não ser o Bebeto, mas acha bonito o que o pai faz.

**GLÁUDIA:** *(solta a mão de Tiaga e fala com muita raiva)* O seu problema é que não conseguiu esquecer o Bebeto, o fora que levou, o casamento dele com a Marta. Ninguém aguenta você. Nem o papai, que vive andando pelo interior vendendo coisa pra ficar longe de você.

*Tiaga assustada com a fala de Gláudia. Silêncio.*

**GLÁUDIA:** *(mais controlada)* Olha, não era pra ter saído tudo assim.

**TIAGA:** *(senhora de si)* Eu que me separei do seu pai. A gente não ia dar certo. Ia ser aquela falta de vontade de fazer as coisas a vida toda. Não é uma má pessoa, só um pomba lesa mesmo.

**GLÁUDIA:** *(enfática)* É o seguinte. Não vou desistir do Amanda, vai dar certo, uma hora dá. Nem que eu tenha que sair de casa.

**TIAGA:** *(carinhosa, pegando na mão da filha novamente)* Então a mamãe aqui vai ficar órfã da filha?

**GLÁUDIA:** Eu tenho dezenove anos, tô apaixonada...

**TIAGA:** *(em tom professoral)* Uma mulher apaixonada, já dizia Cláudia...

**GLÁUDIA:** *(interrompe a fala de Tiaga e solta mão da mãe)* Cláudia, Cláudia, Cláudia, sempre essa mulher. Se gosta tanto dela, podia ter me chamado de Cláudia e não de Gláudia.

**TIAGA:** Gláudia é com G de glamour. Era pra você superar a Cláudia, já que não consegui. Era para você ser mais inteligente e chique que ela.

**GLÁUDIA:** Só quero ser eu mesma, mãe.

**TIAGA:** É, tô vendo que os meus planos não deram certo. Essas coisas que a gente aprende, de mentalizar, repetir o desejo, é só besteira. Porque senão você tava casada com o Paulo Coelho.

**GLÁUDIA:** Mas ele é velho.

**TIAGA:** Antes dele ser velho.

**GLÁUDIA:** Aí, eu não tinha nascido.

**TIAGA:** *(sem paciência)* Inteligente. Podia usar essa inteligência para saber que o Amando não presta.

**GLÁUDIA:** Eu não vou falar de novo. Já vi que vou ter que sair de casa mesmo.

**TIAGA:** A porta vai tá sempre aberta. Até porque a mamãe aqui acredita no povo, e o povo só rouba por estar desacreditado nas pessoas.

**GLÁUDIA:** *(impaciente e se dirigindo para a porta)* Mãe, isso não faz sentido...

**TIAGA:** *(pegando as roupas que estão em cima da mesa e entregando para Gláudia)* Se vai embora mesmo, pelo menos leve essas roupinhas pra vender, pra ter alguma coisa pra ganhar dinheiro. Porque se for se confiar só em homem, a única coisa que ganha é bucho.

*Gláudia sai pela porta com raiva, não pega as roupas que estão nas mãos da mãe. Apagam-se as luzes.*

## SEGUNDO ATO

### CENA 1

*Tiaga entra apressada e alegre em casa. Ela acaba de chegar de um comício. Fala consigo mesma, com um olhar vazio para a plateia.*

*Em alguns momentos, discursa como se estivesse no palanque. A mesa da sala tem papéis e roupinhas de confecção.*

**TIAGA:** A minha candidatura está de vento em popa. Os comícios são uma alegria geral. Porque o problema do eleitor é você conseguir pegar na mão. Pegou na mão, babau. Nem todos me apoiam ainda, mas isso não importa, porque o desânimo é passageiro e eu sou a motorista, e vou enxotar esse danado antes mesmo da primeira parada. Ah, meu corolina, não vejo a hora de te pegar.

*Tiaga indignada.*

**TIAGA:** Deixar como está pra ver como é que fica? Não mesmo, a mamãe aqui vai pegar a vassourinha e varrer essa sujeira, enxotar tudo o que é de marajá, mamador de teta e baba ovo da Prefeitura. Vou distribuir tudo com o povo. Esse pessoal vai ter que me engolir. E o pior é que nem vai ser difícil, sou toda lisinha.

*Tiaga confusa.*

**TIAGA:** Tem gente aí colocando a culpa da falta de tudo em Capistrina na instabilidade da moeda, da balança econômica, nessas besteiras. Se tem instabilidade, é da cara de pau deles, que de tão pesada não deixa que eles andem pelas ruas sabendo o que o povo quer. Se tem desequilíbrio na balança, é porque tem gente tirando dinheiro de um canto e colocando em outro, bem escondido.

*Tiaga tira do bolso um papel com o discurso. Lê como se estivesse num comício. Olha motivada para a plateia. Discursa falando para a esquerda, centro e direita.*

**TIAGA:** Mulheres de Capistrina. Homens de Capistrina. A mamãe aqui vai fazer tudo para melhorar a cidade. E o que não tiver ao meu alcance, vocês me coloquem na cuncta, que já é meio caminho andado. Com uma vara na mão vou cutucar o bolso dos poderosos lá de cima, pra ver se a gente consegue matar o escorpião que mora por lá. Ô povo miserável! Deus me livre! Comigo não se preocupem, nos meus bolsos, passo inseticida todo dia, não tem perigo nem de nascer lêmdea.

*Tiaga indo em direção à mesa da sala, onde estão papéis de discursos e roupas de confecção.*

**TIAGA:** A indústria da modinha, das blusinhas, shortinhos, tem que ser incentivada, estimulada.

*Tiaga empunha um pacote com roupinha olhando para a plateia.*

**TIAGA:** A modinha é nossa! Ninguém aqui quer ficar afunhado. Vamos fazer de Capistrina uma nova Milão. Um centro da moda de alta, média e baixa costura, porque tem mulher de todo tamanho.

*Tiaga chegando na boca de cena.*

**TIAGA:** E se não tem quem ensine esse povo todo, a gente arranja, porque a gente não pode ser só revendedora, a gente tem que produzir. 90% das importações em Capistrina vêm de fora do município. Ficar ganhando só comissão não leva a gente pra canto nenhum.

*Tiaga exaltada.*

**TIAGA:** Eu proponho uma mão invisível, que seja capaz de colocar cada peça em seu devido encaixe. Não é mágica, não, é a mamãe aqui mexendo os pauzinhos por baixo dos panos. Porque se eu não meter a cara, ninguém mete, não. Na vida, a gente sobe de salto alto, sim. Mas antes é preciso tirar o pé do chão e colocar numa rasteirinha. Tudo tem o seu tempo.

*Tiaga contando um segredo.*

**TIAGA:** Até para tirar leite de pedra é preciso uma mãozinha. A pedra e a mão a gente já tem, falta agora o leite.

*Tiaga descontrolada.*

**TIAGA:** O povo de Capistrina não tem os dois pés e as duas mãos no chão.

*Tiaga se dirige para a mesa da sala. Senta-se. Recompõem-se.*

**TIAGA:** *(senhora de si)* Acho que o pessoal pegou esse final.

*Tiaga fica na mesa ajeitando os papéis e as roupinhas de confecção que se desorganizaram quando ela pegou algumas no ímpeto do discurso.*

## **CENA 2**

*Gláudia entra pela porta. Tiaga está sentada à mesa da sala mexendo e rabiscando nos papéis.*

**GLÁUDIA:** *(indo em direção à mãe)* Mãe, preciso falar com você.

**TIAGA:** Eu disse que a porta tá sempre aberta.

**GLÁUDIA:** Eu tô bem.

**TIAGA:** E tem comido?

**GLÁUDIA:** Lógico!

**TIAGA:** Não parece. Sai de casa pra passar fome.

**GLÁUDIA:** *(em tom bem humorado)* Já vi que a conversa com a prefeita não vai ser fácil.

**TIAGA:** *(alegre, se levantando da cadeira)* O pessoal tem falado que eu vou ser prefeita?

**GLÁUDIA:** Olha, mãe, muita gente tem gostado de você, viu. Não conhecia esse seu lado política.

**TIAGA:** E das minhas propostas, tão falando o quê?

**GLÁUDIA:** A modinha é nossa!

**TIAGA:** *(sonhadora, pegando a mão de Gláudia e indo para o centro do palco)* Vou fazer disso aqui uma tremenda Milão.

**GLÁUDIA:** Alta, média e baixa costura, porque tem mulher de todo tamanho.

**TIAGA:** Pegou, né?

**GLÁUDIA:** O pessoal tem falado.

**TIAGA:** Eu estou candidata, mas sou uma trabalhadora da moda: vendo, cobro e multiplico.

**GLÁUDIA:** *(manhosa para Tiaga)* Mãe...

**TIAGA:** *(passada na casca de alho)* Conheço essa voz.

**GLÁUDIA:** O Amando tem falado em casamento...

**TIAGA:** *(sem paciência, soltando a mão de Gláudia)* Sabia!

**GLÁUDIA:** *(sonhadora)* Que eu vou ser a primeira-dama.

**TIAGA:** *(sem acreditar)* Gláudia, pelo amor de Deus.

**GLÁUDIA:** *(fingindo descontentamento)* Aff, não fica feliz com as conquistas da filha.

**TIAGA:** Vocês estão namorando?

**GLÁUDIA:** Ainda não, a gente tá se conhecendo.

**TIAGA:** Minha filha, você conhece esse traste desde bebê.

**GLÁUDIA:** Tô falando como homem e mulher.

**TIAGA:** *(assustada, pegando as duas mãos de Gláudia)* Vocês transaram?



**GLÁUDIA:** (*irritada, soltando as mãos de Tiaga*) Não, mãe!

**TIAGA:** (*lowando ao Senhor*) Glória aos céus. Ainda tem jeito.

**GLÁUDIA:** (*encantada*) A gente tem conversado todo dia. A gente se fala depois dos comícios ou na sorveteria.

**TIAGA:** E o que diabos vocês falam?

**GLÁUDIA:** (*constrangida*) Do futuro.

**TIAGA:** Que futuro?

**GLÁUDIA:** (*animada*) Dele na Prefeitura, eu fazendo caridade como primeira-dama. (*Apontando para Tiaga*) Da mamãe aí com uma loja pras roupinhas, passeando no corolinha.

**TIAGA:** Gláudia, você quer que eu tatue na testa meu nome, meu número e meu slogan?

**GLÁUDIA:** (*pegando a mão de Tiaga*) Mãe, presta atenção, eles sabem fazer política, fizeram isso a vida toda.

**TIAGA:** (*soltando a mão de Gláudia e batendo no peito*) A mamãe aqui vai ser prefeita, não quero loja, ainda mais com esse monte de imposto pela hora da morte. Se eu abrir loja, não vou ter roupa nem pra ser enterrada como indigente.

**GLÁUDIA:** (*sedutora*) Não é assim. Amando já falou que vai dar um jeito de não cobrar, ainda mais comigo no pé dele: a primeira-dama de Capistrina.

**TIAGA:** Já pensou como vai ser o convite de casamento? Gláudia Amando do Beбето.

**GLÁUDIA:** É a grande chance da minha vida, mãe. Nessa cidade que não tem nada.

**TIAGA:** Isso vai mudar quando eu assumir. É o que eu digo pra mim todo dia: não pense na crise, trabalhe.

**GLÁUDIA:** *(desanimada)* Mãe, a gente tem um futuro de ouro na mão. Você vai atrapalhar tudo.

**TIAGA:** Falando em ouro, como é que você tá fazendo pra se manter?

**GLÁUDIA:** *(olhando com raiva para a mãe)* Sou cabo eleitoral do Amando.

*Gláudia sai correndo para fora de casa. Tiaga, sem acreditar no que ouviu, vai se sentar à mesa da sala.*

### CENA 3

*Tiaga está sentada à mesa.*

**TIAGA:** *(com raiva)* A solução pra essa gente aí é jogar uma bomba atômica. Tão mexendo com a cabeça da Gláudia. Uma menina ainda: dezenove anos. Se tivesse pelo menos uma Cláudia na vida, como eu tive.

*Tiaga reflexiva.*

**TIAGA:** Eu tinha dezenove anos quando ela chegou nessa Capistrina sem esperança. Diziam que era só mais uma forasteira bonita, meio alta, com um corpo que chamava atenção. Era mais do que isso. Era inteligente, charmosa, não perdia uma oportunidade e nunca cuspiu no chão. Me

viu sentada na praça do Carmo, sozinha, olhando pro tempo. Foi logo dizendo: “Nada cai do céu”. Tomei um susto. Abriu uma bolsa e me mostrou um monte de roupa: blusinha, shortinho, conjuntinho, um mundo de coisa.

*Tiaga com afetação.*

**TIAGA:** Parecia falar outra língua: chiffon, chamois, jersey, jacquard, musseline, contton, tule, helanca, viscose, organza, piquet, sarja. Parecia nome de artista de circo.

*Tiaga contida.*

**TIAGA:** Só caí em mim quando falou de chita, laicra, crepe, cetim, seda. Tinha até coisa com o maquetado.

*Tiaga professoral.*

**TIAGA:** Disse que não era muamba, era coisa de primeira. Que ela era fabricante e revendedora e saía de cidade em cidade. Não gostava de loja. Se quisesse, podia até ter, mas preferia ser livre, independente, senhora de si.

*Tiaga relembrando.*

**TIAGA:** Ela falou “senhora de si”, nunca esqueci. Perguntou se eu sabia o que era isso. Eu não sabia nem quem eu era.

*Tiaga imitando Cláudia, com muita classe e paciência.*

**TIAGA:** Senhora de si é acordar e sentir que o mundo não é tão grande como dizem. Porque se a gente sabe o que quer, é só planejar passo a passo aonde quer chegar. Aí dividindo as coisas em pequenos pedaços, o que era grande se torna peça. Basta depois ir juntando os pontos, começando no início, passando no meio e chegando no fim. Pronto. Chegando no destino, é só começar tudo de novo. Quando a gente menos espera, abarcou o mundo com as pernas.

*Tiaga voltando a ser Tiaga.*

**TIAGA:** Eu que não entendia nada, comecei a juntar lé com cré e ver que as coisas faziam sentido. Eu queria dinheiro, mas sem trabalho, como é que consegue? Ela me disse pra eu vender roupa, que eu ia receber porcentagem em tudo. Quando viram que estava dando certo pra mim, uma Maria ninguém, a mulherada foi atrás dela. Ela sabia o caminho das pedras e não tinha o mínimo receio de ensinar. Depois entendi que ela fazia isso porque sabia muitos caminhos, mas só ensinava um pra gente. Pra quem não sabia que rumo tomar, um incentivo, uma direção, era melhor do que ficar olhando pro tempo.

*Tiaga com desprezo.*

**TIAGA:** Aquelas caipora achavam aquilo o fim do mundo. Quanto menos alguém entende, mais quer discordar. Mas compravam tudo, só não pagavam, ficavam enrolando. Continuam a mesma coisa.

*Tiaga triunfal, com o punho cerrado.*

**TIAGA:** A modinha é nossa!

*Tiaga em tom de comício.*

**TIAGA:** Hoje sigo meu caminho, posso não ser humilde, mas boba também não sou. Porque tem gente aí que chupa a teta esquerda, sem esquecer de acariciar a direita. O que eles dizem de manhã não vale nada à tarde. Não troco um só trabalhador de Capistrina por cem desses arrumadinhos no poder. E olha que nem adianta comprar roupa, corolinha, alisar o cabelo, ajeitar os dentes, cuidar da sovaqueira. Porque continuam uns trastes. Eles pensam que governar é fazer empréstimo. Coitados. Fazem empréstimo no banco e tiram da Prefeitura. Que gente suja. Só por isso já era possível defender o saneamento básico amplo, geral e irrestrito.

*Tiaga batendo o pé no chão.*

**TIAGA:** Eu sou candidatíssima, mais do que nunca. Que venha Beбето, Amando, a corja toda. Com a mamãe aqui não tem esse negócio de tanto apanha como dão nela.

*Tiaga cospe no chão.*

*Tiaga irônica.*

**TIAGA:** Que inteligência, que charme, que oportunidade de limpar o chão.

*Apagam-se as luzes. Fim do segundo ato.*

## TERCEIRO ATO

### CENA 1

*Tiaga entra séria em casa, angustiada, com cara de poucos amigos.*

*Vai para um lado e para outro no palco, aflita.*

**TIAGA:** *(para no centro do palco e olha para a plateia, como se estivesse em um comício)* Não me deixem só. Eu preciso de vocês.

*Tiaga começa a gargalhar.*

**TIAGA:** Que coisa triste, tão com esse discurso. O desespero bateu. Vão apelar pra tudo agora. Pra sentimento, dinheiro, bala.

*Gláudia entra triste, sem jeito, indo em direção à mãe. Ela aponta para a porta.*

**GLÁUDIA:** Amando tava me usando. Queria só que eu convencesse a senhora a desistir da campanha.

**TIAGA:** *(abraçando a filha)* Eu falei que eles não prestavam. Beбето fez a mesma coisa comigo.

- GLÁUDIA:** *(se soltando do abraço da mãe)* A mesma coisa?
- TIAGA:** Aquele traste me seduziu, me chamou pra perto, só porque eu era amiga da Cláudia.
- GLÁUDIA:** *(confusa)* Tô entendendo nada.
- TIAGA:** No tempo que Cláudia ficou por aqui, consegui encantar muita gente. Todos queriam que ela fosse prefeita.
- GLÁUDIA:** *(abrindo um sorriso por começar a entender a situação)* Então o Bebeto...
- TIAGA:** *(interrompe a filha)* Ele veio cheio de promessas, que eu convencesse Cláudia a apoiar ele, que ajeitaria a vida dela por aqui, que eu seria a primeira-dama...
- GLÁUDIA:** *(debochada)* A mesma coisa.
- TIAGA:** *(sem paciência)* Eu disse.
- GLÁUDIA:** E no final ele se casou com aquela “coisa linda” e deixou a mamãe aí na mão.
- TIAGA:** Isso mesmo, mas ele nem precisou da ajuda da Cláudia para ganhar, nem da minha, comprou todo mundo, deu o jeito dele, sei lá. A Cláudia não queria saber de política, quando viu que o pessoal tava enchendo muito o saco, pegou a estrada.
- GLÁUDIA:** *(contendo a raiva)* E o Amando, aquele cachorro, tava fazendo a mesma coisa, seguindo direitinho os passos do pai.
- TIAGA:** *(batendo no peito)* A mamãe aqui disse, né?

**GLÁUDIA:** *(explodindo de raiva)* Ah, mas eu não vou deixar isso assim, não... Não mesmo! Vou falar umas coisas na cara daquele safado.

**TIAGA:** *(tenta pegar a mão de Gláudia, que vai saindo apressada pela porta)* Não precisa fazer isso...

*Tiaga ensaia correr atrás da filha, mas para antes de chegar à porta.*

**TIAGA:** Gláudia, volta aqui.

*Tiaga desmotivada*

**TIAGA:** Diaba! Exorciza da política. Tão debochando de mim.

*Tiaga se forçando a recobrar o ânimo.*

**TIAGA:** Não importa, a mamãe aqui sabe jogar sujo também. Amando do Bebeto, pau mandado desde feto.

*Tiaga voltando a ficar desanimada.*

**TIAGA:** Cláudia, que confusão é essa? Tô seguindo um caminho que nem você quis, deu um tchauzinho de misse e se mandou de Capistrina.



*Tiaga reflexiva.*

**TIAGA:** O que eu tô fazendo?

*Tiaga recobrando o ânimo.*

**TIAGA:** Ah, mas é isso que eles querem, que eu fique pra baixo, que eu mesma não acredite em mim.

*Gláudia entra em casa animada.*

**GLÁUDIA:** *(falando com verve)* Chamei de tripinha. Fino, mole e com cheiro de bosta. O jogo é sujo, mãe. Não sabe brincar, não desce pro play. E vou fazer mais. Já passei na lan house e mandei fazer uns cartazes pra gente imprimir e colocar em toda Capistrina.

**TIAGA:** *(receosa)* De ataque?

**GLÁUDIA:** *(sarcástica, falando e se dirigindo para fora de casa)* Não, de amor que eu tenho por aquele nojento. Amando é boa aposta, pra quem gosta de bosta. Amando é direitinho, só quer seu dinheirinho. Amando escroto, da família do esgoto. Amando e Bebeto. Um fala “sim, senhor”, o outro, “o papai está certo”. Amando é bom. Pra jogar no lixo. Amando, uma escolha certa, só cuidado com a carteira. Amando é ladrão. Só isso mesmo. Amando na Prefeitura. Certeza de falcatrua. Amando o Amando? Ele tá armando.

**TIAGA:** *(assustada)* Ainda bem que ela tá do meu lado.

**GLÁUDIA:** *(fora de cena)* Amando do Bebeto, filho de quem fodeu Capistrina.

*Tiaga se encaminha para a mesa da sala.*

## CENA 2

*Tiaga está sentada à mesa da sala.*

**TIAGA:**     *(orgulhosa da filha)* Gláudia devia ter me ajudado desde o início. Ela tem jeito pra coisa. Ainda mais porque tá com raiva do Amando e do Bebeto. Descobriu quem são as peça.

*Tiaga triste.*

**TIAGA:**     E ia ficar com mais raiva se soubesse que eles vieram me comprar com um corolinha. Bebeto sabe que eu sou doida por Corolla. Eu contei pra ele. Desde que a Cláudia chegou aqui com aquele carro, todo mundo ficou olhando pra ela. Aqui só tinha lata velha. Ela chegou com um carrão daquele em Capistrina. Todo mundo ficou babando. E eu só pensava que se eu tivesse um corolinha daquele todo mundo ia prestar atenção em mim. Eu magrinha, pobrinha, bestinha. Mas num carrão daquele ia ser outra coisa. Não iam querer sair do meu pé. E eu enxotando, porque não gosto de muito grude.

*Tiaga com raiva de si.*

**TIAGA:**     E eu caí na besteira de dizer isso pro Bebeto, quando ele quis que eu convencesse Cláudia a apoiar ele. Quando ganhou, a primeira coisa que fez foi comprar um coro-

linha. De lá pra cá, nunca mais largou a Prefeitura. É ele, é um primo, é um aliado. E todo ano troca de Corolla. Só pra esfregar na minha cara.

*Tiaga se levantando da mesa, sonhadora.*

**TIAGA:** Eu com um corolinha daquele, depois de dar muita inveja nesse povo, de enxotar todo mundo que nunca me deu valor, ia sair daqui, igual à Cláudia, quando começaram a encher o saco dela. O corolinha é o meu cavalo branco. Eu ia deixar essa cidade sem futuro e ia correr mundo.

*Tiaga debochada.*

**TIAGA:** Nem sei se queria príncipe. Ainda mais depois daquela experiência com o pai da Gláudia.

*Tiaga se volta para mesa e bate três vezes nela.*

*Tiaga séria.*

**TIAGA:** Saravá, pé de pato, mangalô, três vezes.

*Tiaga enérgica.*

**TIAGA:** É, mas eles que enfiem o colorinha na bunda. Porque a mamãe aqui vai pra cima deles.

**GLÁUDIA:** (*gritando*) Tiaga diaba? Tridente no rabo deles! Tiaga não precisa de nó na gravata! Tiaga, sim senhora. Chegou a hora! Deixa a mulher trabalhar! Tiaga em tempo integral contra esse marginal! Tiaga heroína de Capistrina. Tiaga, um nome diferente na política.

**TIAGA:** (*surpresa*) Que é isso, menina?

**GLÁUDIA:** (*entusiasmada*) Cartazes! Cartazes! Cartazes! Já tão quase todos prontos na lan house.

**TIAGA:** (*séria*) E vai pagar como, Gláudia?

**GLÁUDIA:** Prometi uns descontos bons nas roupinhas.

**TIAGA:** (*desesperada*) Eles já me devem quase aquela lan house de blusinha e shortinho.

**GLÁUDIA:** Por isso que não perdoei a dívida. Prometi desconto. Que aí eles compram mais e sempre pagam alguma coisa.

**TIAGA:** (*espantada*) Gláudia!

**GLÁUDIA:** Que foi?

**TIAGA:** (*emocionada*) Minha filha...

*Tiaga e Gláudia se abraçam.*

**GLÁUDIA:** (*se livrando do abraço da mãe*) Bora, bora, bora, que a filhinha aqui já ajeitou um monte de coisa pra gente fazer: de hoje até a eleição.

*Gláudia puxa a mãe pela mão e saem pela porta. Apagam-se as luzes.*

### CENA 3

*Tiaga e Gláudia estão sentadas no chão no centro do palco. Todo o palco está escuro. Apenas um foco de luz sobre as duas.*

**TIAGA:** (*triste*) Perdi a eleição.

**GLÁUDIA:** (*alegre*) Você ganhou.

**TIAGA:** (*triste*) Eles ganharam de novo, compraram todo mundo.

**GLÁUDIA:** (*alegre*) Eles perderam, ninguém acredita neles. O pessoal pegou o dinheiro porque precisava e votou neles por medo de levar bala.

**TIAGA:** (*triste*) Se eu ganhasse essa miséria que esse povo recebe, eu daria um tiro na cabeça. E olha que eu nem tenho arma.

**GLÁUDIA:** (*alegre*) Por onde a gente passava, todo mundo olhava pra você com o maior respeito. Só por ter enfrentado aqueles safados.

**TIAGA:** (*triste*) O pessoal tava era debochando de mim.

**GLÁUDIA:** (*alegre*) Mãe, você abriu a porta.

**TIAGA:** (*triste*) Que porta?

**GLÁUDIA:** (*alegre*) A porta para a derrota deles. O pessoal agora sabe que eles podem ser derrotados.

**TIAGA:** (*incrédula*) Você acha mesmo?

**GLÁUDIA:** (*seca*) Acho.

**TIAGA:** (*alegre*) Então a mamãe aqui é a prefeita de fato.

**GLÁUDIA:** (*triste*) Não, não é.

**TIAGA:** (*alegre*) Eu ia colocar moral nisso aqui.

**GLÁUDIA:** (*triste*) Podia começar...

**TIAGA:** (*alegre*) Eu tenho o caminho das pedras, só falta vontade política.

**GLÁUDIA:** (*triste*) E enfrentar a confusão que ia ser desmamar meio mundo das tetas da Prefeitura.

**TIAGA:** (*alegre*) Não vou deixar barato o que eles fizeram comigo.

**GLÁUDIA:** (*triste*) Vai tentar de novo?

**TIAGA:** (*indiferente*) Podia, já que abri a porta.

**GLÁUDIA:** (*indiferente*) Talvez fosse melhor outra pessoa.

**TIAGA:** (*indiferente*) Quem?

**GLÁUDIA:** (*indiferente*) Não sei.

**TIAGA:** (*alegre*) Talvez você.

**GLÁUDIA:** (*indiferente*) Não. Sou Gláudia, com G, de glamour, não lembra? Nasci para superar Cláudia.

(*Silêncio*)

**TIAGA:** Gláudia? Gláudia. Hum...

**TIAGA:** Eu fui falar com o Beбето.

**GLÁUDIA:** Mãe!

**TIAGA:** Continua o mesmo cachorro.

**GLÁUDIA:** E foi fazer o quê?

**TIAGA:** Parabenizar, né, porque não foi o Amando que ganhou, foi o Bebeto.

**GLÁUDIA:** *(sem acreditar, colocando a mão na cara)* Pelo amor de Deus, mãe...

**TIAGA:** *(em tom de discurso)* Forças terríveis se levantaram contra mim. Eu disse, e o Bebeto arregalou os olhos. Ele foi logo me dizendo que tinha gostado muito da minha campanha e aquela lábia toda. Chegou até a oferecer um cargo pra mim na Prefeitura. E eu lembrei da primeira vez que me perguntaram se entrei na política pra roubar e eu respondi: “Vendo roupas, só precisam me pagar”. Ele caiu na gargalhada, porque sabe que aquelas caipora são as rainha de comprar e não pagar. Só não tenho mais dinheiro porque esse povo não me paga. Aí ele se virou na cadeira e ficou olhando praquele monte de troféu de competição de bode. Pensando no que o dinheiro é capaz. Aqueles bicho feio, Deus me livre. Ele me ouviu levantando, virou a cadeira e veio de novo com negócio de cargo na Prefeitura. Nem pensei duas vezes: “Prefiro o cheiro das blusinha do que da Prefeitura”. Aí fui embora.

**GLÁUDIA:** Mãe, não precisava fazer isso.

**TIAGA:** *(tirando a chave do Corolla do bolso)* A mamãe aqui fez. Olha a chave do corolinha que roubei lá.

**GLÁUDIA:** *(gargalhando)* Louca!

**TIAGA:** A gente vai sair dessa cidade nele, vamos pra depois de Tenência, aí a gente larga ele em qualquer lugar. A bolsa tá pronta com umas coisas e umas roupinhas pra vender. A gente se vira.

*Tiaga se levanta, vai pegar a bolsa grande com as roupas que está perto da mesa. Volta, segura a mão de Gláudia – que olha encantada para a mãe – e puxa o braço da filha para que ela se levante.*

**TIAGA:** Bora. Saio da política pra entrar na História.

*Apagam-se as luzes.*

F I M

**Raphael (Barros)** um dia quis ser Lephara, porque aprendeu a mexer com anagrama. Foi mudando, virou Pharella, tornou-se mundano. Lá pelas tantas, quando o coração quase parou, e já estava naquela rafameia, desdobrou-se R. Barros. E a vida é assim, quando não gira, transmuta. Barrisos cresceu, tresdobrou-se R. B. Alves. Entrou em faculdades, saiu sem faculdades. Escreveu um poema, virou místico, amou, armou, pintou, só não bordou porque a avó morreu antes de ensiná-lo.





# CERI- MO- NIAL

*Cupertino Freitas*

## **Personagens**

Lourdes  
Fátima  
Clara

## **Cenário**

O cenário é minimalista, sala e cozinha de uma casa de classe média. A mesa de jantar com quatro cadeiras está posicionada à frente do palco, um pouco mais para o lado esquerdo. Do lado direito, sofá, poltrona e mesa de centro despojados. Mais ao fundo, está a cozinha, representada por uma bancada e uma mesinha de apoio.

## CENA 1

*O lado esquerdo da frente do palco ilumina-se, vê-se uma mesa de jantar pequena com quatro cadeiras. O jantar já foi servido, os pratos estão quase vazios. Há uma tigela com um resto de macarronada. Sentadas em lados opostos, LOURDES e CLARA. Lourdes bebe uma taça de vinho. Clara, sentada na lateral da mesa, termina seu jantar e toma água. Um caderno e uma caneta estão próximos a seu prato.*

**CLARA:** Mamãe e papai não têm condição de vir no meio da semana, Lourdes. Eu quero que seja num sábado. Oito e meia da noite.

**LOURDES:** Não fica muito tarde?

**CLARA:** Eles fecham o supermercado às duas. De lá pra cá são duas horas de viagem. Já falei com Didi. Ele disse que se mamãe estiver no salão às cinco e meia ele faz o cabelo dela em uma hora. Depois é só o tempo de se arrumar e ir pra igreja.

**LOURDES:** Muita correria, Clara! Não daria pra seu pai fechar o supermercado no sábado, pelo menos uma vez na vida?

**CLARA:** Com essa crise eu não tenho coragem de pedir um negócio desse a papai. Sábado é dia de feira, dia de mais movimento na cidade.

**LOURDES:** E se sua mãe vier logo pela manhã e seu pai vier de tarde, depois de encerrar o comércio? Aí ela adianta o cabelo e a gente podia marcar esse casamento pra sete da noite.

**CLARA:** Não dá certo, Lourdes. A gente já decidiu.

**LOURDES:** Ah, então Miguel concorda...

**CLARA:** Ele disse que o que eu resolver tá resolvido.

**LOURDES:** Se é assim, assim seja! O casamento é de vocês.

*Lourdes bebe todo o conteúdo da taça de vinho.*

**CLARA:** Vamos tirar a selfie! Mandar a foto da nossa reunião logo; daqui a pouco Miguel embarca e fica sem zap.

*Clara se levanta, fica atrás da cadeira de Lourdes, tira selfie com ela, tira selfie sozinha, senta-se e posta as fotos rapidamente.*

**LOURDES:** A dificuldade vai ser arranjar igreja, mas tem um padre amigo meu que pode ajudar.

**CLARA:** *(surpresa)* Você tem um amigo padre?

**LOURDES:** Tenho dois, por quê?

**CLARA:** *(mexendo no celular)* Sempre achei que você fosse assim, meio atea, meio agnóstica, sei lá.

**LOURDES:** Atea é uma coisa, agnóstica é outra, e eu não sou nem uma coisa nem outra. Quando criança, eu queria ser freira.

**CLARA:** Ia ter que usar vestido! Você usava vestido quando criança?

**LOURDES:** Hábito.

**CLARA:** Hábito?

**LOURDES:** O nome que se dá a vestido de freira. Não, eu nunca usei vestido.

**CLARA:** Ah, sim, sei. Mas seria lindo cê entrar com Miguel de vestido.

**LOURDES:** Pode ir tirando o cavalinho da chuva! Eu não uso vestido. *(se levanta, tira os pratos da mesa e leva para a cozinha.)* Quando você falou que iam casar na igreja, que aliás, eu já acho uma tolice, mas tudo bem, é escolha de vocês, eu disse que não me pedisse pra usar vestido.

**CLARA:** *(teclando no celular)* Mas seria legal. Miguel tá dizendo: “diga a minha tia que não esqueça de levar meu carro pra consertar o estepe”... Recado tá dado, viu?

**LOURDES:** *(gritando, da cozinha)* Eita cabra descansado! Não resolve os problemas dele, aí acaba sobrando pra mim. Desde criança é assim. Quero saber como é que vai ser depois de casar. Porque você também tem cara que é meio morta dentro das calças.

*Alguém bate à porta. Clara se levanta.*

**CLARA:** Deve ser sua irmã.

*Lourdes vem da cozinha. FÁTIMA entra.*

**LOURDES:** Você demorou. Já jantamos. Mas posso esquentar um prato pra você. A macarronada está uma delícia.

**FÁTIMA:** Eu já comi. E Miguel? Cadê Miguel?

**LOURDES:** Ele viajou.

**FÁTIMA:** Ele sabia que eu vinha! Viajou só pra não me encontrar?

**CLARA:** Oi, Fátima. Não! Foi uma viagem de urgência. Eu sou Clara, a noiva do seu filho.

**FÁTIMA:** Noiva?

*A luz diminui gradativamente até o blackout.*

## CENA 2

*O lado direito da frente do palco ilumina-se, vê-se uma sala de estar bem despojada, sofá, mesa de centro e poltrona. Dois álbuns de fotografia estão na mesa de centro. Um terceiro é folheado por Fátima, que está sentada na poltrona. Clara está em pé, a seu lado, olhando o álbum.*

**CLARA:** Eu olhei pra ele e fiquei sem ação, pensando, meu Deus, que homem bonito. Esse é o tal do monitor nerd? Fiquei tão desconcertada que esqueci até o que ia perguntar.

**FÁTIMA:** *(folheando o álbum, apontando para uma foto)* Linda essa foto dele fazendo o cumprimento de karatê.

**CLARA:** Cê sabe como Miguel é, né? Quer dizer, não sabe direito porque não convive. Mas conhece, claro, ele saiu de você. Ele é muito tímido, desligado. Eu dando mole e ele nem aí. Aí eu tive que chamar pra sair. Eu sou assim, par-

to logo pra resolver. Quando quero uma coisa, vou fundo, sem medo de quebrar a cara.

**FÁTIMA:** Parecida com Lourdes.

**CLARA:** Com Lourdes? Eu acho Lourdes tão diferente de mim! Assim, não é porque ela seja lésbica, é porque a gente é bem diferente mesmo. A gente se conheceu faz pouco tempo, uns seis, sete meses. Foi uma decisão nossa, mesmo, minha e de Miguel, de não envolver família no nosso lance até a gente sentir que era um namoro firme. Pra evitar desgaste desnecessário, sabe?

**FÁTIMA:** (*confusa*) Sei...

**CLARA:** Assim, misturar as famílias, apresentar todo mundo a todo mundo. Meus pais são tradicionais. E Lourdes tem esse jeito dela, diferentona, liberal, envolvida com movimento LGBTQIA+... Aí a gente achou melhor deixar o tempo passar e—

**FÁTIMA:** Eles são homofóbicos?

**CLARA:** Quem, meus pais? Engraçada, essa palavra. Não reflete muito bem os meus pais. Eles são pessoas corretas, gostam de ajudar as pessoas, são de encontro de casais. Respeitam todo mundo, mas são conservadores, sabe como é, gente do interior. Não estão acostumados com certas coisas. E... eu até estou com um probleminha em relação a isso e queria a sua ajuda, já que você vai ser minha futura sogra. Eu queria que você... Queria que você entrasse com Miguel na igreja no casamento. Vai ficar meio esquisito Lourdes entrando de braços com o noivo.

**FÁTIMA:** Esquisito?

**CLARA:** Sim! O noivo de terno entrando com uma mulher trajando terno. Além do mais Lourdes é só uma tia, você é que é a mãe de verdade. Você é quem deve fazer parte do cerimonial!

**FÁTIMA:** Acho que Lourdes vai se chatear...

**CLARA:** Vai nada! Ela é desencanada com essas coisas. E além do mais, o casamento é meu! E eu quero o cerimonial do jeito que eu quero, do jeito que as coisas têm que ser. Todas as madrinhas e todas as mulheres do cerimonial de longo. Você aceita, né?

**FÁTIMA:** Será que Miguel iria aceitar?

**CLARA:** Deixe Miguel por minha conta. É muito importante pra mim que você participe. E olhe: vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance pra cê reconquistar Miguel como mãe.

**FÁTIMA:** Tá, eu aceito. Vai ser bom pra todo mundo ver que eu voltei pra ficar.

**CLARA:** *(abraçando Fátima)* Maravilha! Que bom que—

*Lourdes entra em cena de repente segurando uma roupinha de marinheiro. Fátima e Clara interrompem a conversa.)*

**LOURDES:** Eu sabia que tinha guardado a roupinha do aniversário de cinco anos.

*A luz do lado direito do palco apaga subitamente.*

### CENA 3

*O lado direito da frente do palco ilumina-se. Fátima está sentada na poltrona. Lourdes está no sofá. Os álbuns de fotografia estão na mesa de centro.*

**FÁTIMA:** Você acha que eu tenho alguma chance?

**LOURDES:** E por que não?

**FÁTIMA:** Eles podem achar que eu estou velha demais.

**LOURDES:** Bom, velha, você não está. Mas precisa dar um tapa no visual. Um corte nesse cabelo, curtinho, dar uma espetada, sei lá... Pronto, eu pago cabelo e vestido novo! Sapato alto eu não tenho, mas tenho uns sapatênis novos, bem transadinhos. Cê chega na entrevista fazendo uma linha descolada, abre um sorriso...

**FÁTIMA:** Bem fake.

**LOURDES:** Que seja! O importante é passar boa impressão. E não vá dar uma de humilde não, que você tem bastante experiência com vendas. Teve lojinha em Canoa, em Pipa... Se perguntarem o motivo de tanto tempo sem trabalhar, você culpa a crise. Não precisa dizer que foi uma crise sua!

**FÁTIMA:** Pois é, quem é que vai contratar uma doida, né?

**LOURDES:** E deixe de se chamar de doida. Todo mundo tem problema, de perto ninguém é normal. Outra coisa: não vá falar em clínica, em terapia, em negócio de beber chá, em nada triste ou esquisito. Entrevista de emprego é só sorriso, carão e postura de corpo. Puro teatro!



**FÁTIMA:** Coisa difícil, viu, esse negócio de arrumar emprego depois dos 40...

**LOURDES:** Mas é difícil mesmo, Fátima. As coisas não são fáceis pra ninguém, minha irmã. Nem aos vinte, nem aos trinta, nem aos quarenta, nem nunca. Mas tô achando ótimo, viu, você ir atrás de arrumar emprego. É uma atitude responsável, adulta, e Miguel vai ver que você tá tentando fazer a coisa certa. Melhor caminho pra ele começar a se abrir pra você.

**FÁTIMA:** Ele deve ter muita mágoa, né?

**LOURDES:** Lógico que tem. Não dá pra ser diferente. Mas também tem um coração bom, e aos poucos vai se abrir, tenho certeza disso. Principalmente agora, que você está morando aqui. Você voltou pra ficar, né?

**FÁTIMA:** Claro!

**LOURDES:** Então, antes era mais complicado, porque tinha a distância física, além da emocional. Mas você ter voltado a morar em Fortaleza foi um passo na direção certa. Agora é ter paciência...

**FÁTIMA:** Ele sabe que eu não voltei antes porque não tinha condição, né?

**LOURDES:** Claro que sabe. No nível puramente racional, Miguel sabe. Ele entende que você passou por muita coisa. Mas é difícil um menino ficar anos e anos sem ter notícia da mãe e—

*Clara entra em cena interrompendo a conversa.*

**CLARA:** Lourdes, pelo amor de Deus, o que foi que você colocou no molho da macarronada? Eu só faltei me acabar no banheiro.

**LOURDES:** Deixe de história, que não deu tempo de fazer a digestão! Você deve ter comido porcaria lá pela faculdade e agora vem colocar culpa na minha macarronada. Vá na cozinha e faça um chá de boldo, se quiser. E aproveite e traga café pra gente.

*Clara passa para a cozinha. As luzes do fundo do palco se acendem.*

**FÁTIMA:** Ela é bem despachada, né?

**LOURDES:** Quem, Clara? Até demais pro meu gosto. Miguel que se cuide pra não virar barriga branca.

**CLARA:** *(da cozinha, falando alto)* Ei, tô ouvindo, viu?

*Clara na cozinha, coloca café da garrafa térmica em duas xícaras. Depois pega uma bandeja na mesinha de apoio.*

**CLARA:** *(da cozinha, falando alto)* O café vai ser mesmo o que está na garrafa.

**LOURDES:** *(falando alto)* Seria bom se você passasse um café novo, mas pode trazer esse que tá aí. E eu não estou falando pelas costas, não. É pra ouvir mesmo!

**FÁTIMA:** Ela me convidou para eu entrar com Miguel na igreja. Espero que Miguel não ache ruim...

**LOURDES:** Miguel?

*Clara se aproxima da sala e fica parada ouvindo a conversa de Lourdes e Fátima.*

**FÁTIMA:** Você acha que ele vai não vai querer?

**LOURDES:** Bom, ele, eu não sei. Agora, eu não vou abrir mão de entrar com Miguel no casamento dele por nada nesse mundo.

**FÁTIMA:** *(levantando-se)* Pensei que você estava do meu lado, que estava aprovando minha tentativa de me reaproximar de meu filho. Pelo visto, é tudo da boca pra fora.

**LOURDES:** *(levantando-se, alterando o tom de voz)* Da boca pra fora?

**FÁTIMA:** Essa tal ponte que você disse que ia construir entre mim e ele.

**LOURDES:** Eu tô tentando construir uma ponte entre você e Miguel, sim, há meses. E não tá sendo fácil.

**FÁTIMA:** *(ansiosa, quase chorando)* Eu quero resgatar minha função de mãe, Lourdes. Seria uma boa oportunidade...

**LOURDES:** Não é! A oportunidade é péssima. Eu apoio e quero que vocês se reaproximem. De verdade. Mas eu não vou abrir mão de entrar com Miguel.

**FÁTIMA:** Você participou das festas na escola. Da primeira comunhão. Foi madrinha de formatura. Fez parte de todos os momentos importantes da vida dele. Que custa abrir mão uma vez?

**LOURDES:** Justamente. *Eu* estive ao lado dele nos momentos importantes. E nos não importantes também! Quando teve

sarampo, quando quebrou o braço, quando ficou de recuperação em todas as matérias, quando teve caganeira... Eu estive ao lado de Miguel durante esse tempo todo em que você esteve ausente, no meio do mundo.

**FÁTIMA:** Eu queria participar pelo menos de um momento importante...

**LOURDES:** Foram dezessete anos! Dezessete anos sem você acompanhar de perto a vida do menino, Fátima, sem a menor responsabilidade de mãe. Agora que resolveu voltar, acha justo que eu dê pra você, de mão beijada, uma prerrogativa que eu conquistei? Pode participar de um outro momento importante, no futuro. Desse, não! Pode ir tirando o cavalinho da chuva!

*As luzes do palco apagam subitamente.*

#### **CENA 4**

*A frente do palco ilumina-se. Fátima está sentada no sofá, com as mãos no rosto, chorando, ao lado de Clara, que a acolhe. Lourdes está na poltrona. As duas xícaras e um copo d'água estão na mesa de centro.*

**LOURDES:** Você não é a única vítima desse mundo, minha irmã. Não é a primeira e nem a última mulher que perdeu uma filha numa tragédia. Foi horrroso e traumático o que aconteceu? Demais! Não tenha dúvida. Mas você se entregou, não quis encarar a vida de frente, a opção que lhe restava, que era cuidar do seu outro filho. Esperei que você se tratasse e voltasse pra cuidar de Miguel. Mas não, você

encontrou uma desculpa atrás da outra pra não voltar e criar seu filho. Sobrou pra mim.

**FÁTIMA:** Eu sei... Você podia ter ido com Susana. Queria tanto...

**CLARA:** Susana? Quem é?

**FÁTIMA:** Era a namorada de Lourdes. Foi fazer doutorado em Coimbra e Lourdes abdicou de ir com ela pra ficar cuidando de Miguel.

**CLARA:** Ah... Eu não sabia disso. Miguel nunca me contou.

**LOURDES:** Eu nunca disse isso a ele. Pra quê? Passou...

**CLARA:** Coisa bonita que você fez...

**LOURDES:** Fiz. A contragosto, mas fiz. Não achei bom, fiz o que eu tinha de fazer, porque eu não ia deixar meu sobrinho desamparado. Qual era a minha escolha?

**CLARA:** E Susana, vocês...

**LOURDES:** Ela ficou morando em Portugal.

**FÁTIMA:** Eu acabei com a sua vida, Lourdes.

**LOURDES:** Com a minha, não. Você acabou foi com a sua, minha irmã. E sabe por quê? Porque você sempre procurou atalhos. Desde criança. Ao invés de sentar a bunda pra estudar, saía pra bater perna e confiava em cola. Teve problema com mamãe, aí achou que a saída era fugir de casa com um desmiolado. E assim foi optando por uma saída simplista atrás da outra pra resolver seus problemas. Como agora, achando que entrar de braço com Miguel na igreja vai apagar tudo, vai lhe trazer a aceitação dele como por encanto.

**CLARA:** Lourdes, deixe de ser insensível! Sua irmã tá pra baixo, cê não tá vendo? Dá um tempo pra ela respirar!

**LOURDES:** Insensível? Eu? Olhe pra si mesma, menina! Olhe o que você acaba de fazer, convidando Fátima pra tomar o meu lugar na igreja! Isso você chama de quê?

**CLARA:** Não tem nada a ver uma coisa com a outra.

**LOURDES:** Não tem? Ponha-se no meu lugar. Ponham-se vocês, as duas, no meu lugar! Vocês acham que eu ia ficar calada, aceitando passivamente ser substituída? Olhe, a única pessoa que me escanteou por eu ser lésbica foi a minha avó. Eu chegava na casa dela de bermuda e Fátima ia de saia ou de vestido, com as minhas primas. Aí ela dava um abraço e um beijo em todas e perguntava pelos namorados. E a primeira coisa que ela dizia pra mim era: quando é que você vai me dar a alegria de usar uma roupinha mais adequada? Eu ficava calada, baixava a cabeça, em respeito a mamãe. Os tempos eram outros. Hoje eu daria uma voadora naquela velha estúpida.

**FÁTIMA:** Não fale assim da minha avó!

**LOURDES:** Da *nossa* avó! Falo sim, porque tenho mágoa. Muita. As pessoas pensam que podem fazer as coisas com a gente, e ficar por isso mesmo.

**CLARA:** Eu não conhecia esse seu lado rancoroso.

**LOURDES:** Eu não tenho vocação pra Madre Teresa. Depois que minha avó se foi, nunca mais deixei que me encurralassem, que fizessem bullying por eu ser quem eu sou. Eu caio em cima, que eu não tenho muita paciência pra gente intolerante. Por isso, goste você, ou não, Clara, eu vou fazer parte do cerimonial e vou vestida como eu quiser. Você tá me entendendo?

**CLARA:** Tô, tô entendendo sim! Mas olhe, a decisão é minha, porque o casamento é meu e as coisas vão ser do jeito que *eu* quiser. Como você já sabe, Miguel disse que eu decidisse tudo. E minha decisão é que as mulheres que vão fazer parte do cerimonial vão usar vestidos longos em tons de azul. Você vai usar o vestido?

**LOURDES:** Lógico que não.

**CLARA:** Então! Assim, fica tudo resolvido, porque Fátima não se opõe a usar vestido e também é um momento onde Miguel vai reconhecer, perante a sociedade, que tem uma mãe, que ela voltou e quer fazer parte da vida dele. É uma simbologia, entende? Eu espero que  *você* entenda.

**LOURDES:** Não tem a menor possibilidade de eu entender essa simbologia maluca aí. Vamos falar a verdade: você tem um problema com seus pais, e consigo mesma, tem vergonha, talvez, ou não está sabendo lidar com uma coisa corriqueira que é uma pessoa LGBTQIA+ no seu meio familiar.

**CLARA:** Vergonha, eu?

**LOURDES:** Sim, você. Acho que a questão passa por aí e você está querendo jogar na conta dessa tal simbologia e desse tal código de cerimonial infantil e ultrapassado que mulher tem que usar vestido.

**CLARA:** Ultrapassado pra você, que tem um estilo de vida diferente. Pra mim, não.

**LOURDES:** Eu posso até compreender que você tenha aí suas questões a resolver, e posso indicar uns caminhos pra você resolvê-las. Porque você é homofóbica.

**CLARA:** Se você acha isso, é um problema seu. Engraçado, a gente não pode mais ter opinião própria hoje em dia que é logo taxado disso e daquilo.

**LOURDES:** Eu estou apenas dando nome aos bois. Olhe, eu não vou me esconder e nem deixar de ser e me portar como eu sou porque seus pais ou você vão ficar desconfortáveis no casamento do *meu* menino. Eu vou sim, entrar de terninho novo com Miguel, porque eu sou a mãe dele de verdade. Doa a quem doer. E minha irmã vai reconquistar e ganhar o espaço dela devagar. Assim que vai ser.

**CLARA:** Eu acho que você está sendo muito egoísta, querendo usar a minha cerimônia de casamento para avançar sua agenda política de ideologia de gênero.

**LOURDES:** Ideologia de gênero? Você tá louca, menina? Você pirou, foi?

**FÁTIMA:** Vamos parar, vocês duas, que a gente não vai chegar a lugar nenhum! Eu não vim aqui pra roubar espaço de ninguém. Eu vim porque quero me reconectar com meu filho. Só por isso. Clara, você me chamou pra entrar na igreja porque disse que Lourdes não se importaria. Claro que ela se importa. Eu sou uma idiota, mesmo. Lourdes tem o direito de ficar chateada. Quem não ficaria? Desculpe, Lourdes. Apaga tudo! Que loucura. Nem sei se Miguel aceitaria...

**CLARA:** Pode deixar comigo que eu dobro ele!

**FÁTIMA:** Não se trata disso, Clara.

**CLARA:** Você é a mãe dele. É um direito seu entrar na igreja com ele.

**FÁTIMA:** Será mesmo? Esse direito—



**CLARA:** Claro que sim!

**FÁTIMA:** Pode ser, mas... eu não sei se é isso... se é assim que eu quero. Eu quero que ele se aproxime de mim, mas sem magoar Lourdes. Ela tem razão. Entrar de braço com Miguel não vai fazer a gente se reconectar. Não vai apagar tudo. Eu abandonei meu filho, porque eu prei...

*Uma mudança drástica de luz nos transporta para a mente confusa de Fátima. O foco da luz deve ser Fátima, o que se passa em sua cabeça. Lourdes e Clara permanecem no palco, mas é como se não estivessem em cena.*

**FÁTIMA:** Melissa, venha dar um beijo na mamãe... você acha que a mamãe está dodói? Eu não estou mais dodói, não. Tomei um remedinho. Venha aqui, no sofá, pra dar um beijo na mamãe que passa o dodói... eu mudo a música, ponho aquela que você... Melissa, não suba. Melissa, desça já daí... Melissa... MELISSA!

*A frente do palco volta a ser iluminada como no início da cena.*

**FÁTIMA:** Eu me mandei feito uma doida no meio do mundo e quem segurou a barra foi Lourdes. Eu estou com a cabeça estourando. Não quero mais conversar sobre isso, agora. Quero ir embora.

**LOURDES:** Boa ideia. Vamos marcar outro dia. Digo a Miguel que você veio.

**LOURDES:** Você quer continuar a conversa, Clara?

*Clara encara Lourdes por alguns instantes e sai de cena, apressada.  
As luzes do palco apagam devagar.*

## CENA 5

*A luz foca sucessivamente em Fátima e em Lourdes, na boca de cena, quando cada uma fala para a plateia. Elas estão vestidas para o cerimonial. Fátima de vestido azul e Lourdes está com a calça e a camisa do terno, com o paletó em suas mãos.*

**FÁTIMA:** Eu estou tomando o lugar de Lourdes no cerimonial. Será que estou cometendo mais um erro? Mais um erro, e mais uma culpa. Mais uma pra minha coleção. Eu preciso mesmo de mais uma culpa na minha vida?

**LOURDES:** Tem gente que diz que eu sou muito panfletária. Panfletária, eu? Outros dizem que eu sou uma *angry lesbian*. Uma lésbica raivosa. Não sou nem uma coisa nem outra. Mas eu reconheço, sou meio esquentada. No quinto ano eu voei em cima de um moleque porque ele veio me chamar de sapatão, assim de uma forma depreciativa, como se eu fosse uma coisa imprópria. Apanhei horrores. Foi a única vez que tentei ganhar um argumento na briga. Depois desenvolvi meus argumentos na fala. Minha briga é minha fala.

**FÁTIMA:** Mas eu quero tanto entrar de braços dados com meu filho. Vai ser bonito. Todo mundo vai ver que eu estou bem. Que eu me tornei uma mãe de verdade.

**LOURDES:** Essa menina, Clara, vai se casar mesmo com meu Miguel e vai ter que me aceitar. Ah, vai! Do jeitinho que eu sou. Do *jeitão* que eu sou. Ou ela me aceita ou a gente vai viver em pé de guerra. Uma menina nova, de 21 anos, com a cabeça ainda cheia de merda. Ah, tenho paciência, não.

**FÁTIMA:** Eu estou linda. Pareço até feliz... quero que eles pensem que eu estou feliz.

**LOURDES:** Sabe o que é que dá vontade? De chocar, fazer Clara passar uma vergonha. Quando ela for me apresentar aos pais, daqui a pouco, vou engrossar meu vozeirão e dizer: oi, sou Lourdes, sapatão! Sapa, machuda, fanchona, mulher-macho, adoro um priquitim! Iria ser hilário. Mas vou fazer isso, não. Porque é o casamento do meu menino. Do filho que eu não pari, mas que é *meu* filho.

**FÁTIMA:** Estou pronta para entrar com Miguel... mas não estou feliz.

**LOURDES:** Ah, Miguel... Foi escolher logo uma menina problemática pra casar, rapaz? Aquela ruivinha do ensino médio, progressista, metida a artista, envolvida em movimento estudantil. Mas que adiantou? Acabou lhe chifrando! Talvez essa Clara seja meio chatinha agora, mas amadureça e melhore.

**FÁTIMA:** Arrepende dá trabalho. Eu não quero ter que me arrepender...

**LOURDES:** Dar uma chance a Clara, né? Todo mundo merece uma segunda chance. Fátima tá procurando a dela. No caso, não é uma segunda chance. Talvez a décima segunda. Não boto muita fé nessa nova guinada da vida de minha irmã. Já foram tantas. Tantas tentativas...

**FÁTIMA:** Quem vai entrar com Miguel na igreja é Lourdes. Pronto! Eu não tenho nada que ir nesse casamento. Não faz o menor sentido.

*Fátima tira o vestido azul do cerimonial.*

**LOURDES:** Tanta frustração pra Miguel. O bom é que ele tá mais maduro, e já sabe que a mãe é bipolar. Que aparece dizendo que teve uma redenção, e desaparece como por encanto, por mais um ano ou dois. Até voltar e se dizer arrependida de novo. É minha irmã, passou por poucas e boas, tem problemas emocionais sérios e eu estarei de braços abertos, sempre...

*Lourdes coloca o paletó.*

**LOURDES:** Olá, muito prazer, sou Lourdes, tenho 45 anos, sou professora universitária, tenho olhos castanhos, sou canhota, míope, lésbica, hipertensa, fui criada como católica, bebo socialmente, torço pelo Fortaleza, estou solteira no momento e sou tia e mãe de fato do noivo de sua filha, que é um menino de ouro... É assim que vou me apresentar aos pais de Clara.

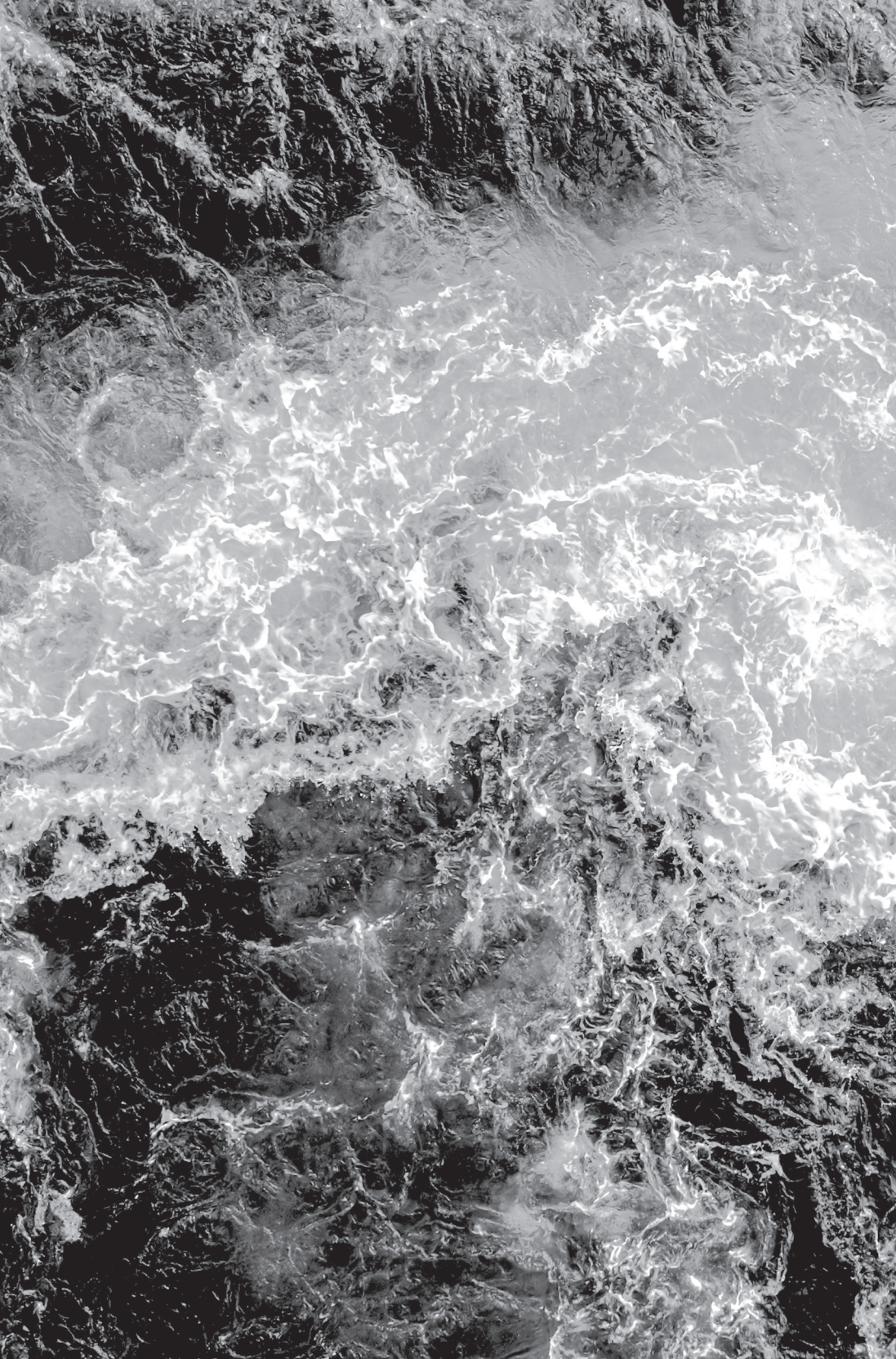
*Blackout.*

F I M


**Cupertino Freitas** é escritor e consultor de TI, especialista em Roteiros Cinematográficos e mestre em Relações Internacionais. Coordenou o curso de Especialização em Escrita Literária do Centro Universitário Farias Brito entre 2019 e 2020. Tem contos publicados em várias coletâneas. Primeiro lugar no III Concurso Cuéntame un cuento, da Universidade de Salamanca (2019); premiado no concurso Repertório de Utopias do Itaú Cultural (2019) e, como coautor, no concurso de 200 anos de Independência do Ministério da Cultura (2018); segundo lugar nacional no VI Prêmio Campos do Jordão de Literatura – Poesia (2018). Seu primeiro romance, *Judas no Paiol*, foi publicado em 2018. *Cidade Santa*, seu segundo romance, foi publicado em fins de 2019.











# **POÉTICAS DA EXIS- TÊNCIA**

Ateliê 2019





# UMA CASA

*Lygia Amador*

## **Personagens**

Avó  
Neto  
Criança  
Criança 2  
Mulher  
Mulher 2  
Jovem  
Meninos do futebol  
Vozes da rua

## CENA 1

*Interior de uma casa simples. Sala. Uma mesa, quatro cadeiras ao seu redor e uma de balanço próxima à janela. Uma parede guarnecida de fotopinturas e quadros de temas religiosos. Muitos relógios e rádios antigos de diferentes décadas espalhados pela sala, aqueles marcando diferentes horas e alguns parados. Há uns rádios ligados, a qualidade do áudio é ruim, mas é possível distinguir entre chiados e ruídos um repente, um forró da década de 90 e uma música gospel. O NETO sentado no chão conserta um relógio. Do fundo da casa, a AVÓ entra na sala segurando um pássaro ferido.*

**AVÓ:** Engraçado... hoje eu sonhei com teu pai.

*O Neto continua concentrado no relógio.*

**AVÓ:** Sabe quando a gente sonha com uma pessoa que já morreu como se estivesse viva? Com teu pai foi o contrário, sonhei que ele tava morto. Assim, ele falava, andava, mas eu sabia que ele tava morto. Eu reconheci de longe. Ele gritava “D. Maria! D. Maria!”. O desgraçado nunca me chamou pelo meu nome. Eu fingi que não tinha visto e ele veio com um “a senhora tá me achando parecido com seus galletos para tá se escondendo de mim”?

**NETO:** *(ri a contragosto)* Era o pai mesminho.

**AVÓ:** E eu dizia “me respeita cabra safado”. Mas por dentro morrendo de medo dele perguntar pela casa, me cobrar de volta.

**NETO:** E a senhora não teve medo de conversar com alma não?

**AVÓ:** Não tinha medo dele nem quando tava vivo, avalie morto.

*Senta-se numa cadeira de balanço e examina o pássaro. O neto a olha procurando entender o que ela tem nas mãos.*

**NETO:** Diabéisso, vó?

**AVÓ:** Não conhece rolinha mais não?

*O neto levanta-se para olhar o pássaro de perto.*

**NETO:** Iga, vó. Tá em carne viva, escapa não.

**AVÓ:** E num é rumação daquele gato amarelo. O bicho é tnhoso, pense numa natureza ruim. Cheguei mesmim na hora do crime e tomei dele.

**NETO:** A senhora não tinha nada que ter se metido. Era o de comer dele...

**AVÓ:** *(interrompendo-o)* Eu dei mortadela para ele.

**NETO:** E a mortadela vem da onde?

**AVÓ:** É diferente, porque...

**NETO:** É da natureza do gato ser caçador, vó. É um animal carnívoro, só vive às custas da morte dos outros. Não é todo dia que a senhora vai ter mortadela. E haja vaca para tanta mortadela.

*A atenção da avó somente no pássaro.*

**NETO:** A senhora achando que fez o bem para a rolinha, fez foi o mal. Se a senhora não tivesse se metido o gato já teria comido a rolinha, ela já ia tá morta e não agonizando. A senhora só aumentou o sofrimento da pobre. Não vai escapar. É um bicho que não vive muito mesmo. *(voltando para o relógio)* Quem ganhou foi o gato que comeu a mortadela e ainda vai comer o cadáver da rolinha.

*Um baião animado vindo do rádio se sobrepõe ao som dos outros equipamentos. A Avó sai da sala para o quarto, no percurso esboça uns passos de dança evitando mover muito o pássaro. Demora um pouco dentro do quarto. O rádio troca o baião por um chiado intenso. O neto tenta controlá-lo. A Avó reaparece. O neto consegue desligá-lo. Depois tenta ligá-lo novamente, o som vem suave até transformar-se num ruído ensurdecedor. O neto desliga-o novamente e inicia uma operação no aparelho.*

**AVÓ:** *(olhando para o relógio)* Não sei para que tu se mete. Não vai escapar.

*Ela por fim pega um recipiente aberto e sai em direção aos fundos da casa. O neto desiste do rádio e volta ao relógio. Uma CRIANÇA irrompe pela porta da frente em direção ao quintal da casa, traz um pote de sorvete.*

**NETO:** *(olhando para o relógio)* Com licença, posso entrar?

*A criança para e vai em direção ao jovem.*

**CRIANÇA:** Minha mãe mandou eu entregar goma de tapioca para sua vó. Ela disse que não pode devolver um pote, que veio cheio, sem nada dentro. Faz mal.

**NETO:** *(olhando para o relógio ainda)* Deixe aí na mesa.

*A criança olha o relógio com atenção.*

**CRIANÇA:** Ainda tá ajeitando isso?

**NETO:** Tua mãe nunca te disse que faz mal deixar relógio parado dentro de casa? Sabe o que também faz mal? Entrar na casa alheia sem pedir licença.

**CRIANÇA:** Faz mal é ficar andando por onde não deve que nem sua vó...

**NETO:** É o que, menino?

*O relógio para de tocar.*

**CRIANÇA:** *(não para quieto enquanto fala, está sempre bulindo em algo e, quando parado, move os braços ou as pernas ou gira o corpo)* Tua vó fica andando pelos matos lá na altura do campinho atrás das plantas dela. A gente viu e começou a gritar “d. menina, d. menina” volte, não pode andar por essas bandas, não. Mas ela se fez de mouca, se embrenhando, foi mais no mato. Os menino não tem mais coragem de chegar nem perto daquelas bandas, nem pra usar como banheiro. Eu fui falar com tua vó de perto. Falei que tinha sido lá que seu Cleyton tinha jogado aquela cobrona que

vocês acharam dia desses. A bicha é teimosa, quase que não acreditava. Mas tu acredita que mesmo com medo ela disse que precisava pegar as plantas dela? E o pior pediu para eu ir junto. Eu não ia, vou nem mentir. Aí ela me prometeu um bolo. Quêde? Nem sinal até hoje. Isso que dá acreditar em quem não tem memória.

**NETO:** E você só me conta isso agora?

**CRIANÇA:** Oxe, o neto dela é tu.

*A criança mexe nos botões dos rádios aumentando e diminuindo o volume. Ruídos e músicas.*

**NETO:** Faz o seguinte, se tu ficar pastorando ela quando eu não tiver em casa eu te dou umas moedas.

**CRIANÇA:** Eu tenho os meus que fazer, macho.

**NETO:** Não é para tu ficar encangado nela. Só prestar atenção onde ela vai. Eu te pago.

**CRIANÇA:** Tu deve ser tratante que nem ela.

**NETO:** Eu anoto para não esquecer e tu pode me cobrar. Mas ó, é segredo meu e teu, ela não pode nem sonhar.

*Ao fundo, na rua, inicia o barulho de crianças jogando bola. Uma MULHER aparece na porta, traz a CRIANÇA 2, que não parece abatida.*

**MULHER:** Sua vó tá em casa? Queria que ela rezasse de quebrante no meu filho, o pobrezinho desde ontem tá com febre.

**CRIANÇA 2:** Não tô com febre, mãe.

**MULHER:** Te cala. Quem já viu menino saber as coisas.

**NETO:** *(gritando)* Vóóó!

**MULHER:** *(para a primeira criança)* Tu não tem casa não? Só vive no meio do mundo, mas deixe que vou contar para tua mãe hoje na missa.

**CRIANÇA 1:** Pode contar.

**NETO:** Foi eu que chamei ele para me ajudar com o relógio. *(e gritando)* Vóóó!

**MULHER:** Ah bom, tá aprendendo uma coisa útil. *(para o Neto)* Eu não sabia que você tinha essa paciência toda...

*O Neto sai da sala em direção ao fundo casa, chamando a Avó. A primeira criança, assim como entrou, desaparece pela porta da frente. A Avó chega em seguida, o neto atrás, e com as folhas para a reza. Posiciona uma cadeira próximo à porta, com um gesto indica onde é para a segunda criança sentar. O neto oferece café para a mulher, que aceita. Enquanto bebe, ela fica andando pela sala. A oração da Avó parece um sussurro, não é possível distinguir o que é dito.*

**MENINOS DO FUTEBOL:** *(fora de cena)* Bora, fí de rapariga, passa logo essa bola.

**AVÓ:** *(reza ininteligível)* Olha a língua suja desses diabos! *(reza ininteligível)*

**MENINOS DO FUTEBOL:** Gooool!

*A Mulher observa a Avó com atenção.*

**AVÓ:** *(reza ininteligível)* Umás merdas dessas, as mães passam o dia trabalhando e esses cão fica na rua atentando. *(reza ininteligível)* Trabalhar que é bom não pode. *(reza ininteligível)* Ai depois fica tudo vagabundo e não sabe por quê.

**MENINOS DO FUTEBOL:** Vish, cuidado com as plantas da tia!

**AVÓ:** *(reza ininteligível e gritando)* Tão quebrando minhas plantas de novo, bando de satanáas? *(chega até a porta)* Eu tô perdendo a paciência. Eu vou estourar essa merda de bola de vocês. Não me façam ir aí.

*Silêncio. A Avó retoma a reza.*

**AVÓ:** Pronto, minha filha. Esse aqui já tá bom. *(joga as folhas secas fora)*.

**MULHER:** A senhora pode me arrumar capim santo?

*A idosa sai em direção ao quintal da casa. A mulher aproxima-se do jovem que voltou ao relógio.*

**MULHER:** Ela já tá melhor?



*Pausa.*

**MULHER:** Digo, da dor nos quartos. Ela tá melhor?

**NETO:** Quem pode dizer é ela.

**MULHER:** Rapaz, você tem obrigação de saber o que se passa com a sua vó...

**NETO:** *(resmungando para si mesmo)* Cadê o parafuso?

**MULHER:** ...porque vai que ela precise de algo. Quanto mais velho maior o cuidado. A Dona Albertina, não sei se você ficou sabendo, boazinha até dia desses e agora tá aí atirando pedra na lua. Foi de uma vez, do nada.

**NETO:** Eu não sei de onde o povo inventa essas coisas. Ela ficou abalada com a morte do filho. E que mãe não fica?

**MULHER:** O povo dessa rua é tão falador, né? Falaram que o seu Sebastião ia ter que amputar a perna por causa da bebida.

**NETO:** Aí aumentaram a história...

**MULHER:** *(interrompendo ele)* Até da sua vózinha já inventaram história. Disseram que ela tava acompanhando a Dona Albertina. Tu acha? Esse povo inventa as coisas. Lembra quando falaram que a Gaby tava buchuda daquele policial casado?

**NETO:** É, mas aí era verdade. A gravidez. Esse povo é muito venenoso, quem dá ouvidos também.

*A Avó retorna com folhas idênticas às que usou para rezar.*

*Aproxima-se da segunda criança, que estava assistindo ao futebol dos meninos ao pé da porta, e indica com o gesto a cadeira. A criança senta-se e a avó inicia a reza.*

**MULHER:** Vish, agora a senhora reza duas vezes?

**AVÓ:** Não filha, só rezo uma vez. Posso conversar não, porque quebra a reza.

**MULHER:** A senhora acabou de rezar nele, as folhas no chão ó.

**AVÓ:** Olha minha cabeça, mulher. É esses meninos que me deixam com o juízo perturbadinho.

**MULHER:** *(para o Neto)* É, esses meninos deixam qualquer cristão perturbado. Se quiser eu vou buscar o capim santo com a senhora para não ter perigo de esquecer no meio do caminho.

**NETO:** Deixa que eu pego.

*O Neto sai.*

**MULHER:** Cadê você que nunca mais foi ao terço. Não é mais cristã, não?

**AVÓ:** Tô com uns compromissos...

**MULHER:** Que compromisso é esse maior do que se encontrar com Deus?

**AVÓ:** Oxe, eu posso me encontrar com ele na minha casa também.

**MULHER:** Mas Deus não se satisfaz assim. Tem ir na casa dele. Se a senhora quiser eu passo aqui para a gente ir juntas. Não pode se afastar da igreja.

**AVÓ:** Precisa não. Tô com uns compromissos...

**MULHER:** Huum, perdeu o terço esses dias todos por causa de “compromissos” secretos? Não me diga que a senhora tá se arranjando.

**AVÓ:** Deus me livre de arranjar macho nessa altura da vida.

**MULHER:** *(fingindo que não a ouviu)* Para ter abandonado a igreja é porque o negócio é forte. É paixão.

**AVÓ:** Que paixão o quê, criatura. Eu não dava satisfação nem pro meu finado marido. Não vai ser agora, depois de velha, ter que dar para você.

*O Neto chega na sala com o capim santo e o entrega à Mulher.*

**MULHER:** *(lança olhares para o neto)* Mas estar na igreja é um compromisso tão sério quanto casamento.

*Aos poucos o som do triângulo de um vendedor de chegadoinha vai aumentando.*

**CRIANÇA 2:***(puxando a blusa da mãe)* Manhê, compra chegadoinha pra mim.

**MULHER:** Tô só com o dinheiro do pão, criatura. Aí quer dizer que tu não vai mais sair de casa, só nesses compromissos? Mulher, isso é tentação para te afastar da igreja.

**CRIANÇA 2:***(aumentando a intensidade do puxado na blusa)*  
Deixa de ser ruim, mãe. Compra, vá lá.

**MULHER:** Já disse que não vou comprar. Porque tem tempo que eu não vejo a senhora nas atividades da igreja. O pessoal tá sentindo saudade da senhora. Ficam preocupados, achando que a senhora tá doente.

**AVÓ:** Eu tô boazinha na tua frente. Não tá vendo? Se tivesse doente vocês iam ficar sabendo num instante porque ô bicho para correr rápido é notícia de doença e de morte.

**MULHER:** *(para o Neto)* Corre rápido mesmo.

**CRIANÇA 2:***(gritando e puxando agora o braço da mãe)* Égua, bicha ruim.

**AVÓ:** Mulher, esse teu menino é bem maluvidim né? Cuida desse menino agora que é pequeno, se não o mundo leva e para recuperar tem é zé. Cadê tua autoridade? Daqui a pouco tá te batendo.

**MULHER:** É fácil demais botar moral no filho alheio. Difícil é ver debaixo do próprio teto quem é que tá precisando de moral. Tem mãe que não vê ou melhor finge que não vê os erros, as obscenidades, os pecados do próprios filhos. Tem gente que é de dentro da igreja, e eu digo isso porque eu conheço, mas não consegue tirar os filhos e os netos do mundo. Tudo entregue ao pecado. A palavra de Deus é...

**NETO:** *(baixinho)* Aí dentro.

**MULHER:** O quê? Taí ó! Do que adiantou os estudos? Pra desrespeitar a Deus? Foi para isso que a senhora deu estudo a ele?

**AVÓ:** Mulher, tu vem me trazer desaforo da rua para dentro da minha casa?

*A Avó sai da sala em direção aos fundos da casa. A mulher faz menção de acompanhá-la mas percebe que o filho não está na sala e sai para procurá-lo rua afora. O relógio que o neto estava consertando começa a funcionar. Ao fundo, o barulho das mesmas crianças jogando bola. O Neto encerra o trabalho para ir assistir a partida sentado no batente da porta, de vez em quando vaia os lances ruins. A idosa volta à sala trazendo uns sacos de lixos que põe fora de casa. Retorna e põe uma caixa de sapatos em cima da mesa.*

**AVÓ:** Esses meninos têm muita energia. Não dão descanso para a bola.

**NETO:** É o divertimento deles.

**AVÓ:** É, e a hora do estudo é quando?

*O Neto continua concentrando no jogo. A Avó coloca uma cadeira bem próxima ao neto. Sentada na cadeira ela fica um pouco mais alta que o neto no batente. Ela toca no seu cabelo. O neto assusta-se.*

**AVÓ:** Cê tá com piolho.

**NETO:** Que história.

**AVÓ:** E não vou reconhecer piolho, menino? Vem cá, deixa eu catar.

**NETO:** Sai, vó. Eu não tenho mais idade para ter piolho.

**AVÓ:** Piolho não se importa se é velho, menino, rei, jovem, polícia, capitão. Tendo cabeça e cabelo para se segurar tá feito o estrago. Ainda mais esse filho da xuxa que não pega piolho.

*Ela começa a catá-lo.*

**AVÓ:** Teu cabelo tá cheirando. Tinha esquecido como é cheiroso.

**NETO:** O povo tá vendo, vó...

**AVÓ:** E eles não tem mãe, não? Vó? Não tem quem cuide deles?

**MENINOS DO FUTEBOL:** Égua, macho. Tu deste tamanho ainda tem piolho? Bicho seboso.

**NETO:** Olha a vergonha que a senhora me fez passar.

*Ele tenta se desvencilhar dela, que oferece mais resistência. Nesse percurso dos corpos em um dado momento a posição deles se assemelha a de uma Pietá. Eles passam um longo tempo nessa posição.*

**AVÓ:** Tu parece bicho do mato, todo arredio. A gente quer pegar mas não deixa... o jeito é inventar essas histórias.

*São interrompidos pelo estrondo da bola de futebol sendo esmagada por um carro.*

**AVÓ:** *(para os meninos)* Castigo de Deus!

**NETO:** Dê sossego para as crianças.

*O Neto levanta-se. A Avó sai da sala para o fundo da casa. A primeira criança volta, fica em pé no batente da porta, braços e pernas abertos para iniciar uma escalada, o Neto percebe.*

**NETO:** Epa, nem comece. O berreiro vai ser grande quando o chão te aparar.

**CRIANÇA 1:** Eu não caio. Tô acostumado. Sei fazer, ó.

*O Neto pega o menino para retirá-lo dali, mas antes de colocá-lo no chão gira-o, a criança abre os braços como se tivesse voando para enfim ter um pouso.*

**NETO:** Tu vai aceitar o que eu te pedi?

**CRIANÇA 1:** Tá é apressado...

*A criança anda pela casa, bulindo nos objetos, até chegar à caixa*

*de sapatos e abri-la.*

**CRIANÇA 1:** Eca, macho, tu guarda cadáver?

**NETO:** Isso é coisa de vó. *(grita para dentro da casa)* Vóóó.  
Que rumação é essa?

*A Avó chega e antes de falar algo o Neto já mostra o conteúdo da caixa.*

**AVÓ:** Oxe, não foi tu mesmo que disse que o gato ia comer o cadáver da rolinha?

**NETO:** Sim, e por causa disso agora a senhora vai guardar cadáveres dentro de casa?

**CRIANÇA 1:** Laí vai eu pensava que a senhora só rezava nos morto, mas traz para casa também. Faça isso não que a catinga é grande.

**AVÓ:** Eu ia entregar para o caminhão de lixo. Só não queria que o gato comesse.

**NETO:** Vó, gato é carnívoro. Ele não matou pela ruindade não. É a comida dele.

**AVÓ:** Ele maltrata bastante antes de matar, eu já vi. Me dá uma gastura. Ele é diferente dos outros gatos. É violento, vive ferido e mesmo assim tá sempre procurando mais confusão. Já perdeu até o rabo, mas parece que só piora.

**CRIANÇA:** Aquele sem rabo é tihoso demais. E pense num bichim difícil de morrer, já jogaram água quente, deram paulada, veneno... e nada. O bicho fica fraco por uns tem-



po quando cuida que não, reaparece. Não fica em paz nem com os outros gatos. Odeio aquele bicho.

**NETO:** Oxe, o bicho sofre tudo isso e vocês ainda querem que ele fique dócil?

*MULHER 2, esbaforida como se tivesse corrido muito, aparece na porta.*

**MULHER 2:** Táí tu, praga. Eu feito uma doida atrás de tu. *(para os moradores da casa)* Ô gente, me desculpe pelo mau jeito. Teve tiroteio lá perto de casa e esse menino no meio do mundo. *(para o filho)* Tava preocupada contigo.

**NETO:** *(para a Mulher 2)* Entre, se sente. Vou fazer uma garapa de açúcar para a senhora.

**AVÓ:** *(para o Neto)* Dá um sossego com esses rádio pelo amor de deus.

*O Neto a ignora.*

**CRIANÇA 1:** A mãe é muito aperreada. Eu não disse que vinha para cá.

**MULHER 2:** Para entregar uma goma é uma demora dessa?

*A Avó tenta desligar um rádio mas só piora os ruídos. Um JOVEM invade a casa, sua roupa está muito rasgada, lama e sangue se fundem no tecido. Ele fecha a porta muito rápido colocando seu peso contra ela. Mulher 2 grita.*

**JOVEM:** *(levanta os braços para mostrar que não há perigo)*  
Socorro. Não vou fazer mal. *(para a Mulher 2)* Por favor,  
minha tia. Deixa eu me esconder aqui. Ninguém me viu  
entrar aqui.

**NETO:** Ela não mora aqui.

**MULHER 2:** Se está desse jeito boa coisa não fez.

**AVÓ:** Eu te conheço de algum lugar.

**JOVEM:** *(deslizando pela porta até ficar sentado, muito fraco)*  
Por favor, por favor.

**NETO:** O que foi que tu fez pro povo fazer isso contigo?

**JOVEM:** Me pegaram roubando num ônibus, a sorte que  
eu consegui escapar, mas meu parceiro ficou... a galera puta,  
eu vi a morte, foi tanta mão, braço, perna capacete, saí na  
doida, sei nem como cheguei e...

**AVÓ:** E deixou o outro lá. Ainda é traidor.

**JOVEM:** Liga para a polícia me pegar e pegar meu ami-  
go. Rápido.

**MULHER 2:** Chamar a polícia nada, o carro que você vai andar  
hoje é o rabeção. A polícia só pode ser cúmplice, na hora  
que um cidadão de bem tá sendo assaltado demora para vir,  
mas quando é para socorrer bandido de ser linchado chega  
rapidinho.

**JOVEM:** Eu juro que se eu escapar eu nunca mais roubo.

**CRIANÇA 1:** Tá em carne viva, escapa não.

**MULHER 2:** E se escapar da morte, não escapa do crime. *(para  
o Neto)* Põe para fora de casa.

**JOVEM:** Não! Por favor.

**MULHER 2:** Tu tá pedindo para a gente te deixar vivo, é muito.

**NETO:** Pior que se ele escapar respeite as represálias dele por a gente tá botando banca para salvar.

**JOVEM:** Sei nem como cheguei aqui, avalie voltar.

*O corpo do Jovem vai ficando mais lânguido, enfraquecendo.*

**AVÓ:** *(para o Neto)* Traz uma bacia e uns panos limpos.

**MULHER 2:** Não acredito que a senhora vai se meter...

**AVÓ:** *(para o Neto, gritando)* Rápido.

**CRIANÇA:** É só mais um cadáver para dentro de casa.

*A avó aproxima do Jovem devagar e põe a mão na sua cabeça para examinar os ferimentos.*

**JOVEM:** *(sussurrando, num delírio)* Mãe...

*Escuridão. Silêncio absoluto.*

## **CENA 2**

*Sala. Ao fundo o barulho ainda controlado de motos e vozes de pessoas no preâmbulo de um racha. Ao redor algumas caixas de*

*papelão. A caixa de sapatos ainda está sobre a mesa. Sacolas de supermercados e sacas de grãos utilizadas para guardar às pressas objetos e roupas. Os relógios estão todos parados. Os rádios todos desligados. O Neto e a Avó transitam pela casa trazendo objetos e os guardando, no meio desse processo o neto derruba o relógio.*

**AVÓ:** Assim fica mais caro. *(conferindo o relógio caído)*  
Criatura só sabe fazer as coisas emburrado.

**NETO:** Agora pronto, tenho que cavar minha própria cova sorrindo.

**AVÓ:** Cala a boca! Nem fala um negócio desse.

**NETO:** E não é?

**AVÓ:** Eu tô preocupada é com as minhas coisas, que eu nem sei se vou conseguir salvar tudo e ainda perder o pouco que tem por causa das tuas birras.

**NETO:** Vontade que eu tenho é de botar tudo abaixo. Eu mesmo quebrando tudo com as minhas mãos e depois queimar, queimar cada pedaço da casa! Se a gente não pode ficar ninguém mais fica. Vira uma casa de ninguém.

**AVÓ:** Mas essa casa sempre foi de ninguém. Essa casa nunca foi nossa. Parece até maldição. Começou quando teu pai invadiu o terreno. A gente nunca teve sossego nessa merda. As venta do teu pai essa casa. Alaga no tempo de chuva... cupim, vizinho, até cobra já apareceu. Agora nem o mel nem a cabaça.

**NETO:** *(Examinando a parede rachada)* Eu sempre achei que a casa ia cair em cima da gente. De madrugada quando os gatos passavam correndo pelas telhas eu me acordava

assustado pensando “minha hora chegou”. O pai tava de muita má vontade quando fez a própria casa, talvez ele já soubesse que não ia ficar muito tempo nela. Será que ainda tá vivo o desgraçado? Passei anos sonhando com o dia que eu ia pegar o beco. Minha imaginação fazia um trabalho bonito. Erguia casas pequenas também, sempre diferentes entre si, mas tinham a minha cara, meus gostos, minhas vontades. Tudo escolhido e feito por mim. O pai aparecia sempre só para eu poder dizer “eu não preciso mais da sua casa. Eu não preciso mais de você”. Depois quando a gente começa a trabalhar e aprende o que é dinheiro os sonhos mudam, aproximam-se mais da terra do que do céu. Eu só queria dar uma casa para a senhora. O resto eu me virava.

**AVÓ:** A casa tá só seguindo o destino dela. Só. E a gente tá seguindo o nosso. Igual a uma vaca indo para o abate. Uma vaca presente quando a gente vai matar ela. Ela fica estranha e triste, presta atenção no olhar dela para você ver. Ela presente, mas morre no fim. O rito é sempre igual, não tem espaço para salvação. (*sorri*) Meu pai matava vaca. Meu pai era muito esperto. Quem tem que matar tem que ser esperto. Eu digo quem tem que matar sempre, não quem mata por acidente. Ele sabia que não podia assustar a bicha. “Ela não pode ter emoção forte” me dizia e eu pensava “vaca chora?”. Eu era burra, pra mim sentimento era só chorar, a emoção só ganhava corpo nas lágrimas. Cê acredita? Burra demais. Eu nem imaginava naquela época qual era o quinhão de sofrimento que a vida tinha me reservado. Eu não poderia imaginar que chorar um dia me seria muito caro apesar da intensidade dos sentimentos. Sim, a vaca. Tinha esquecido. Meu pai dizia que ela não podia ter emoção forte. Ou era estresse? Não me lembro se naquela época já existia estresse.

**NETO:** Ele se importava tanto assim com as vacas?

**AVÓ:** (ri) Ninguém se importava com a vaca. Onde já se viu se preocupar com a vida de uma vaca? Papai tinha a manha, o cuidado e como era imponente matando. Sim, matar é um poder. Você é o senhor de uma vida, escolhe a hora de ceifar ela. É o mais próximo de deus que o homem pode chegar. Não admira a atração que esses meninos têm por matar. Que poder o pobre tem? Quando ele mata ganha o maior de todos os poderes. Já tive uma arma apontada para mim durante um assalto e durante aqueles poucos minutos aquele menino que tinha cara tão moça, que em outra situação era capaz de eu dar uma chinelada, um beliscão, foi o meu deus. Ele é quem ia decidir se eu poderia te ver novamente ou não. Não teve virgem maria, santo expedito, espírito santo, jesus, ninguém. Apenas ele. Torci naquele dia para que ele estivesse de bom humor, bem alimentado. Se ele estiver bem talvez poupe minha vida. Sim, eu me preocupei com o bem-estar dele porque disso dependia minha vida. Você tem umas ideias meio doidas, se preocupar com a vaca. Se ela se aperrear muito a carne fica dura, ruim, e ninguém compra. A vaca só tinha que cumprir a sina dela e de preferência tranquila. Calada.

**NETO:** Pois eu vou me estrebuchar todo. Gemer, gritar...

*Ele pega uma Bíblia de mau jeito e dela caem inúmeras lembrancinhas de sétimo dia.*

**NETO:** Diabéisso? Um monte de santinho de sétimo dia. Credo! Isso a gente deixa.

**AVÓ:** Nem se atreva.

**NETO:** Ficar carregando coisa de morto dá até mau agouro.

**AVÓ:** Vão-se os dedos, ficam os anéis.

*Ao fundo, um barulho de racha de motos.*

**NETO:** Esquece isso. Nós temos é que se aquietar agora.

**AVÓ:** O que me dói é ninguém ter vindo se despedir. Fui abandonada. Mais uma vez. Casa vazia é uma tristeza. Eu me sinto como se tivesse morrido e não tivesse sido enterada. Um cadáver andando por aí. Você pode amar muito uma pessoa, querer sonhar com ela, querer falar com o espírito dela que nem nas mesas brancas, mas do cadáver dela você quer distância.

**NETO:** Também pudera, vó... *(ele percebe o desânimo dela)*  
O povo tem medo de se meter, vó. *(pausa)* A Dona Anastácia vem, ela não falou?

**AVÓ:** Só disse. Mas vir que é bom.

**NETO:** *(para encerrar)* Ela vai vir, fique assim não.

*A Avó sai da sala em direção ao quarto. Só é possível ver a luz do quarto acesa. Na sala, agora, penumbra. O Neto arma uma rede, deita-se e começa a se balançar, gerando um barulho semelhante ao de um pêndulo. Pausa. Um vulto vindo do quarto atravessa a sala enquanto segura uma vassoura.*

**NETO:** Varrer a calçada a essa hora, vó!

**AVÓ:** A Dona Anastácia vai vir antes da gente sair, tem que arrumar a casa agora porque a gente vai sair bem ce-

dinho, não quero que encontre a casa suja. E ela trabalha no posto. Esse povo é fofoqueiro. Eu vi uma funcionária lá esculhambando as casas que visitam. Disse que tem casa que ela nem aguenta entrar de tão podre que é. Quando me viu ficou toda sem graça e mudou de assunto. Minha casa, não!

**NETO:** Mas ela entende nossa condição, vó. Não vai vir esperando encontrar a casa um brinco.

**AVÓ:** Quem garante?

**NETO:** Deixa o dia clarear.

**AVÓ:** Não vai dar tempo.

**NETO:** Dá sim, Eu ajudo.

**AVÓ:** Mas e o teu trabalho?

**NETO:** Foda-se.

*Ele aproxima-se dela, retira das suas mãos a chave e a vassoura. Conduz sua avó em direção ao quarto e retorna para a rede. Apenas o barulho das motos. A Avó reaparece minutos depois.*

**AVÓ:** Não estou encontrando a chave. Para mim eu tinha deixado aqui na porta antes de dormir.

**NETO:** Vai dormir, vó!

**AVÓ:** Preciso varrer a calçada. A Dona Anastácia daqui a pouco chega e tá tudo bagunçado. Não quero ninguém espalhando que minha casa é suja. Esse povo é fofoqueiro. Sair daqui e ainda levar nome de imunda?



**NETO:** Não vem Dona Anastácia porra nenhuma.

*Pausa. A Avó parece desorientada. Ao fundo, o barulho dos motores.*

**AVÓ:** O que eu vou oferecer para essa mulher?

*Lá fora uma discussão inicia-se, vozes exaltadas começam a se sobressair do barulho das motos.*

**AVÓ:** Eu que não quero ninguém falando mal da minha casa, dizendo que saiu daqui sem tomar nem um café.

**VOZ NA RUA:** Um filho da puta desse pensa que se manda!

**NETO:** Mais tarde eu vou na padaria.

**AVÓ:** Hum?

**VOZ NA RUA:** Tu não é o dono daqui.

*O Neto silencia.*

**AVÓ:** Nossa casinha é limpa. Pequena, simples, mas limpa. Ninguém vai falar mal dela. Eu garanto.

**VOZ NA RUA:** Ah é? Valente assim?

**AVÓ:** *(para a rua)* Ah, vá se catar! *(para si)* Ainda tem ovo, margarina e açúcar. Falta só a farinha de trigo. Você podia ir na bodega.

**VOZ NA RUA:** Quero ver ter coragem é de falar na cara para ver se tu é o bichão mesmo.

**NETO:** *(sussurrando)* Puta que pariu. Vai se deitar, vó!

**VOZ NA RUA:** Cadê não vai mostrar a coragem? Cadê, seu merda?

**AVÓ:** Olha o nome feio, menino!

*A Avó força a porta para abri-la. Tiro.*

**NETO:** Não abre essa merda!

**AVÓ:** A casa é minha. Eu saio e entro a hora que quiser.

*O Neto agarra a Avó para impedir que ela continue forçando a porta. Tiro.*

**AVÓ:** Me solta.

**NETO:** *(sussurrando)* Cala a boca, vó! A gente não pode nem sonhar em ver quem tá lá fora.

*Tiros. O Neto tampa a boca dela com a mão. Tiros. Silêncio.*

**VOZ NA RUA:** Ele tá morto já.

*Silêncio. O Neto a conduz até o quarto. Pausa.*

**AVÓ:** *(apenas a voz, pois ainda está dentro do quarto)* Tô com sede.

**NETO:** *(de dentro do quarto também)* Fica só mais um pouquinho aqui.

*A Avó sai do quarto. Pega um copo de alumínio e enche de água.*

**AVÓ:** *(grita e derruba o copo causando um imenso barulho)*  
O cadáver! Tira ele daqui. Tira o corpo!

*O Neto vem correndo.*

**NETO:** Que cadáver, vó?

**AVÓ:** *(apontando para o vazio)* Aí, menino!

**NETO:** *(fazendo o movimento de juntar e jogar no vazio)*  
Pronto, tirei.

**AVÓ:** Tu acha que eu sou abestada? Nem triscou nele.

**NETO:** *(irritado)* É porque a gente não pode mexer com o cadáver. Atrapalha o serviço da perícia.

**AVÓ:** E isso vai ficar dentro da minha casa? A Dona Anastácia vai ter um ataque quando vir.

*Sirene de um carro de polícia bem próximo à casa. A Avó corre para a porta a fim de abri-la.*

**NETO:** *(se colocando entre a Avó e a porta)* Se a senhora for falar com eles, vão achar que foi a gente que chamou.

**AVÓ:** Eu não vou falar sobre aquilo. Vou pedir só para tirar o corpo daqui antes dela chegar.

**NETO:** E o pessoal lá vai saber o motivo da senhora tá falando com a polícia. Daqui que se resolva o mal entendido a gente estaria numa cova.

*Tiros.*

**AVÓ:** Ouviu? Vai chegar outros cadáveres. Mais um. Mais um. Mais um. A casa vai lotar. A gente não vai caber nela.

*Tiros. A Avó lentamente sai de perto da porta e vai para o local onde ela disse que tinha visto o cadáver e deita-se muito encolhida como um bebê. Pausa. Tiros. O Neto deita-se junto dela como se fosse um escudo. Tiros.*

F I M

**Lygia Amador** participou de diversos cursos em equipamentos culturais de Estado do Ceará (Centro Cultural Bom Jardim - CCBJ e Porto Iracema das Artes) e na Rede Cuca (Centros Urbanos de Cultura e Arte), da Prefeitura de Fortaleza, tendo as Artes Visuais e a Literatura como eixo de seu percurso formativo.



# AS RAPOSAS

*Yago Barbosa*

## **Personagens**

Filha  
Sacerdotisa  
Mãe  
Viúva  
Comerciante

## CENA 1

*Templo. Colunas de pedra decoradas por litogravuras de tempos antigos. Um pontilhado vermelho de tochas presas à parede do fundo ilumina o lugar. Um tênue raio de Sol atravessa o teto. No centro da sala, ao fundo, um altar de granito coberto por um fino lenço vermelho.*

*Cinco mulheres repetem uma salmodia incompreensível.*

**FILHA:** Há uma raposa na aldeia.

**SACERDOTISA:** Shhh...

**MÃE:** Cospe essa língua.

**FILHA:** É a verdade.

**SACERDOTISA:** Orem.

**FILHA:** Sinto cheiro de homem, homem cremado...

**MÃE:** Está me envergonhando.

**SACERDOTISA:** Orem.

**FILHA:** Arranhando minha garganta, enchendo meu peito...

**MÃE:** Uma boa filha não envergonha a mãe.

**SACERDOTISA:** Orem.

**FILHA:** Gosto de cinza grudando no palato da minha boca.

**MÃE:** Delírio!

**SACERDOTISA:** Orem.

**FILHA:** Um pedaço de céu cinzento.

**MÃE:** Silêncio.

**SACERDOTISA:** Orem.

**FILHA:** O sabor da morte.

**SACERDOTISA:** OREM.

**FILHA:** Todos gemendo.

*A Mãe dá um tapa na filha.*

*Silêncio.*

**MÃE:** Perdão...

**SACERDOTISA:** Só os insensatos desprezam a sabedoria e a disciplina.

**VIÚVA:** (*intrometida*) A criança malcriada também...

**SACERDOTISA:** A fé exige comprometimento. Fazer o que for preciso pelo bosque.

**MÃE:** Sim senhora...

**FILHA:** Algo não está bem.

**SACERDOTISA:** (*seca*) É sua insolência. Novamente.

**TODAS:** Montanhas e estradas,

protejam-nos das garras,

da fome, da miséria,  
que cresce em nossa terra.  
Bosques ao redor,  
protejam-nos da dor,  
deem-nos valor,  
e animais a nosso dispor.  
Entranhas da terra,  
ouve as servas,  
ô cântico entoado,  
sofrimento arranjado!

*A Sacerdotisa retira uma grande agulha da cintura.*

**SACERDOTISA:** Hora da união. *(todas, menos a Filha, estendem o braço)*

**MÃE:** *(à Filha)* Obedeça.

**SACERDOTISA:** Carne e alma costuram-se como ser. Mas é da união entre seres que surgem os povos, e aos povos pertence o poder, a força.

**FILHA:** Ao povo pertence a voz.

**SACERDOTISA:** A única capaz de chegar aos bosques...

**FILHA:** A única capaz de transformar.

**MÃE:** *(censurando)* De contaminar se não bem utilizada.

**SACERDOTISA:** Unindo nossa carne, unimos a devoção do povo. Seu sentir, seu poder...

**FILHA:** Nossos medos...

**SACERDOTISA:** A dor é passageira.



**FILHA:** Não é *essa* dor que me preocupa.

**SACERDOTISA:** A mão.

**VIÚVA:** Os pintassilgos.

**SACERDOTISA:** A mão.

**VIÚVA:** Alguém mais escuta o canto dos pintassilgos?

**SACERDOTISA:** A mão!

**VIÚVA:** (*murmura*) Eu escutei um, dois, muitos! E quando o pintassilgo canta, é por atenção.

**FILHA:** (*em resposta à viúva*) E é só isso que desejo.

**VIÚVA:** (*olhando a mãe*) Distraindo os andarilhos dos verdadeiros perigos do bosque...

**SACERDOTISA:** Devemos prosseguir, só assim...

**FILHA:** Vocês sentirão o frio de meu suor? Permitirão que minha dúvida as atravesse a todas? Se é assim me sinto honrada em ser a primeira a ...

**MÃE:** Insolente!

**SACERDOTISA:** Que medo poderia pôr em risco a união?

**FILHA:** Eu vi!

**SACERDOTISA:** O quê viu?

**MÃE:** Desculpe...

**FILHA:** Uma torre cinza.

**VIÚVA:** Iscas envoltas em melodia...

**SACERDOTISA:** *(de repente interessada)* Onde?

**FILHA:** No sul. Alta e esguia, se retorcia até desaparecer entre as nuvens. Como, como...

**SACERDOTISA:** Uma ponte. Uma ponte entre este mundo e o além. Mas porque não tocaram os sinos?

**VIÚVA:** Não acreditará em semelhante...

**SACERDOTISA:** Silêncio. *(à mãe)* Você também viu?

**MÃE:** Não senhora. Estava no bosque, ocupada, catando fungos, como sempre.

**SACERDOTISA:** Onde?

**FILHA:** No rio.

**MÃE:** O que foi fazer tão longe?

**SACERDOTISA:** Estava só? Alguém mais viu?

**FILHA:** Ninguém acho. O filho do pescador não estava hoje lá.

**MÃE:** O filho do pescador? E fica a sós com ele?

**FILHA:** É dele que compro peixe, mãe.

**VIÚVA:** Ir ao mercado, com certeza, não deve ser tão interessante...

**FILHA:** Não tem peixe fresco no mercado. Além do mais ele me vende mais barato...

**VIÚVA:** Não me cabe dúvida...

**FILHA:** Em todo caso, o patrulha apareceu e me pediu que o acompanhasse.

**VIÚVA:** E o acompanhou?

**SACERDOTISA:** Eu disse para ficar calada! *(pausa)* Mas quem morreu?

**COMERCIANTE:** Um rapaz jovem. Cabelos vermelhos como o pôr do Sol. Ainda tinha pedaços de rede envolta nos dedos. O pescador não pôde sequer acabar de descarregar a carruagem quando o trouxeram...

**FILHA:** Ele, ele...

**VIÚVA:** O filho do pescador?

**COMERCIANTE:** O que restou dele. Uma carcaça desfigurada. Ventre rasgado, olhos leitosos e terra na boca.

*A Sacerdotisa deixa a agulha cair.*

**SACERDOTISA:** Tem certeza?

**COMERCIANTE:** Tenho. Todos pareceram entrar em pânico na carruagem. Ai o patrulha chegou e disse que estava sendo procurada no templo.

**SACERDOTISA:** Deem-se de mãos imediatamente! Ento-  
em comigo:

Nove caudas terás,  
Carcaças devorarás,  
Mas nosso medo não terás.  
Nove caudas terás,  
Carcaças devorarás,

Mas nosso medo não terá.

**VIÚVA:** *(desvencilhando-se)* Não há porque dar ouvidos a uma criança malcriada! Não estamos aqui para isso! O que precisamos fazer é pedir aos bosques uma boa caça. Assim outros jovens não precisarão correr risco em trilhas estranhas. Eu mesma não vi um fio de fumaça qualquer.

**FILHA:** Quantas vezes olhou para o céu hoje?

**VIÚVA:** Não há tempo para isso!

**FILHA:** Não há tempo para olhar o céu? *(Pausa)* E nenhum homem disse nada?

**VIÚVA:** Trabalho sozinha nos campos.

**FILHA:** Porque?

**MÃE:** É mais seguro.

**VIÚVA:** Não preciso de compaixão vira-lata.

**SACERDOTISA:** Ordem!

*Ouve-se o tocar de sinos distantes.*

*Três badaladas.*

**VIÚVA:** Vou embora.

*Sai de cena.*

*Ouvem-se gritos da mulher e golpes.*

**VIÚVA:** *(de fora)* As malditas portas não abrem! E... e...

**FILHA:** Estamos presas.

**COMERCIANTE:** Porquê fazer isso com a gente?

**SACERDOTISA:** Medo.

*Um grito rasga o peito da Viúva.*

*A Mãe vai em direção ao grito, detendo-se antes de sair de cena.*

**MÃE:** Você tinha razão filha. Todos gemem... contra nós.

**SACERDOTISA:** Há uma raposa na aldeia.

## CENA 2

*Uma fina camada de bruma paira no ar.*

*Ajoelhada junto ao altar a Sacerdotisa reza.*

*A Viúva não está em cena.*

**COMERCIANTE:** *(cantando)* Uma jovem moça,  
vi vagar pelos bosques,  
vestindo finas roupas,  
carregando flores.  
Gracioso andar,  
negro olhar,  
sua beleza quero beijar.  
Oculto entre árvores,  
a seguiu ao rio,  
coração palpitante,  
na mão um narciso.  
Gracioso andar,

negro olhar,  
sua beleza quero beijar.  
Flores de carne,  
de seu rosto vi brotar,  
macia pele  
pelagem se tornar.  
Cabelos escuros,  
orelhas levantadas,  
sorriso torcido,  
garras afiadas.  
Gracioso andar,  
negro olhar,  
não deixe a raposa te enganar...

*A Comerciante continua a murmurar a melodia.*

**SACERDOTISA:** Sempre achei linda a pelagem das raposas. Laranja como as brasas de uma fogueira. Delicada, porém selvagem. Minha mãe costumava dizer, quando estávamos sozinhas, que não havia melhor animal para representar nossa família. Astutas, decididas, corajosas... Não lembro de me sentir assim quando criança. Lembro de fugir do santuário enquanto mamãe recebia os devotos; de brincar pelos bosques à procura de tocas de animais com a filha do padeiro. No verão, nos banhávamos juntas no rio, no outono, colhíamos castanhas e, no inverno, deslizávamos nas águas congeladas. Ela era corajosa, decidida e eu a seguiria aonde fosse. Era o que eu pensava. Até o gelo do rio quebrar sob nossos pés. Até sentir os dedos dela cravando-se em minhas roupas. Até perceber quão longe estava o Sol. Mamãe dizia que no bosque tudo tinha preço, que ele seria misericordioso com aqueles capazes de sacrificar o que fosse preciso. Eu sacrifiquei minha amiga. Ganhei o direito à vida. Acreditei nele mais que nunca. Achava que

isso seria suficiente. Quando minha mãe morreu anos depois, e tive que assumir seu lugar como sacerdotisa, ainda jovem, acreditei que nunca abandonar a aldeia e jurar devoção seria tudo, o preço justo a ser pago ao bosque... Fico me perguntando o que teria feito ao saber do ritual. Antes dos “devotos” entrarem no santuário em plena noite e me levarem até as escadas. Antes da imensa Lua cheia desaparecer atrás de minhas lágrimas. Antes do calor do sangue escorrer entre minhas coxas. E então, o que houve? Porque sinto que não ganhei nada em troca? O bosque realmente precisava de mim assim? Ou era o povo quem precisava? Quando acabava o povo e começava o bosque? E quanto à vida de minha amiga? Foi realmente o bosque quem levou ou foi meu egoísmo, um mero reflexo de sobrevivência? Quando sou responsável e quando não? O que mais tenho que dar!? *(Pausa)* A caça diminui, a pesca diminui, muitos passam fome... Racionamento. Mais sacrifícios. Não permitiria que isso acontecesse comigo de novo, já foram suficientes os não ouvidos pelo bosque. Então eu duvidei...

*Silêncio, quebrado apenas pela canção da Comerciante.*

**MÃE:** Não ouvia essa canção há anos...

**COMERCIANTE:** É o que nos mantém vivos.

**SACERDOTISA:** *(desde o altar)* O bosque que tudo dá, tudo toma. É o único que tem esse direito.

**FILHA:** Pessoas têm direitos.

**MÃE:** Lá vai você novamente...

**SACERDOTISA:** A jovem tem razão. Nós temos direitos, mas também obrigações. *(pausa)* Sempre soube do poder pe-

rante o povo que ser sacerdotisa me traria, mas tentei não negligenciar minhas obrigações. O poder nunca foi meu, mas sim do povo, do bosque.

**MÃE:** A senhora nunca falhou com nenhum nós em todos esses anos...

**SACERDOTISA:** Falhei mais vezes do que gostaria de admitir.

**MÃE:** Isso não...

**SACERDOTISA:** Permiti aos homens se sobreporem ao divino. Permiti que um monstro entrasse na aldeia. Meu erro as aprisionou comigo.

**FILHA:** Somos vítimas, não monstros.

**SACERDOTISA:** Raposas são mais do que monstros, são a vontade da terra.

*Entra a Viúva enfraquecida, punhos vermelhos.*

**VIÚVA:** *(suplicante à sacerdotisa)* Faça alguma coisa...Os bosques devem ouvir o povo. Nós somos o povo.

**FILHA:** Não, esses gemidos são.

**VIÚVA:** E os nossos? Toda nossa devoção não serviu de nada? A fumaça levou nossa fé...

**SACERDOTISA:** Ouça...

**VIÚVA:** *(caindo de joelhos)* Não quero ser enterrada viva. Eu não...



*Silêncio.*

**SACERDOTISA:** *(ajoelha-se junto a mulher)* A terra nos desafia, não eles. Jamais duvide de seu povo, jamais duvide da nossa fé. Dúvidas nutrem monstros. *(pausa)* Podemos ser engolidas pela loucura ou agradecer. Fomos escolhidas para salvar a aldeia.

**VIÚVA:** Como?

**FILHA:** Não veremos o raiar do Sol até entregarmos a raposa. Isso se a inanição...

**SACERDOTISA:** *(cortando)* Ninguém aqui morrerá por inanição. Uma entidade maligna está entre nós. Sacrificarei o que for preciso para detê-la. Isso é um castigo. Minha responsabilidade.

**FILHA:** Continuo sem entender.

**SACERDOTISA:** As árvores ao sul foram cortadas sob minha autorização. Permiti que o prefeito o fizesse para termos mais campos para cultivo. Não havia caça então pensei que assim ajudaria o povo.

**COMERCIANTE:** Onde o primeiro corpo foi encontrado...

**SACERDOTISA:** Atraí o mal. O bosque cumpriu sua parte, mas eu não. Deixei o medo aos homens tomar conta de minhas decisões.

**FILHA:** Todas nós estamos alteradas pela situação.

**SACERDOTISA:** Temi o que o prefeito faria comigo, com este templo mas não com o bosque. Agora... *(abrindo os braços em um gesto grande)*... ele nos castiga.

**MÃE:** Senhora....

**SACERDOTISA:** Não se preocupem. Minha carcaça humana vai cair como tal. Logo, minhas cinzas poderão ascender e a lembrança de minha devoção se agarrar à língua do povo. Essa é minha única salvação.

**FILHA:** Está se precipitando.

**VIÚVA:** É a mulher mais sábia da aldeia.

**SACERDOTISA:** Somente meu sangue livrará a terra. Uma vez que isso seja feito o bosque as protegerá e a raposa será revelada...

*A Viúva pega a agulha do chão.*

**VIÚVA:** Se é sua decisão.

**SACERDOTISA:** É a decisão do povo.

*Sacerdotisa pega a agulha.*

*Mãe e Comerciante observam em silêncio.*

*Filha tenta pegar a agulha, mas a Viúva a impede.*

**MÃE:** *(juntando as mãos)* Entranhas da terra,

ouve as servas,  
ô cântico entoado,  
sofrimento arranjado!

**SACERDOTISA:** A terra as cuidará..

**FILHA:** Não!

*Em um movimento rápido a Sacerdotisa enfia a agulha no próprio pescoço.*

*Blecaute.*

*Ouvem-se gritos histéricos.*

### **CENA 3**

*A luz do luar tinge o altar.*

*Tentáculos de bruma densa estendem-se pelo palco.*

*Uma trilha vermelha escorre pelo chão.*

*Ajoelhada e suja de sangue a Filha treme sozinha no palco.*

*Ouvem-se golpes abafados.*

*Silêncio.*

*Entram as outras mulheres abatidas.*

*A Mãe segura um pedaço de tecido da roupa da Sacerdotisa na mão.*

**COMERCIANTE:** Ninguém abre.

*Silêncio.*

**MÃE:** Depois de tudo o que a sacerdotisa fez...

*A Filha olha para a mãe.*

**VIÚVA:** (*desesperada*) Já faz duas malditas noites! Porque não aconteceu nada?

**MÃE:** Talvez seja o medo.

**VIÚVA:** Talvez não seja suficiente.

**COMERCIANTE:** Suficiente?

**VIÚVA:** Ela disse que seu sangue nos libertaria, que revelaria a raposa. Talvez após pecar, traindo o bosque, a Sacerdotisa tenha perdido o poder sobre ele.

**MÃE:** Mas ela nunca errava...

**VIÚVA:** Errou ao vender o sul! Como podemos confiar em suas palavras agora?

**FILHA:** Ela morreu! Ela sangrou bem na nossa frente e ninguém duvidou na hora.

*Silêncio.*

**COMERCIANTE:** Minha barriga está ardendo de fome...

**VIÚVA:** Se não sairmos logo daqui arderemos todas na cremação.

**MÃE:** Deve haver uma saída.

**VIÚVA:** A raposa! Podemos sair se entregarmos a raposa. Tudo o que temos de fazer...

**FILHA:** Nada!

**COMERCIANTE:** Mas porque nós? Porque nós e não outras garotas?

**FILHA:** Somos as que mais tempo passamos fora da aldeia. Minha mãe e eu nos bosques, você na estrada e ela nos campos. Mulheres fora de casa nunca foram bem-vistas aqui.

**COMERCIANTE:** Então alguma de nós realmente pode ser...

**FILHA:** Não sei.

*A Mãe começa a repetir uma salmodia.*

**VIÚVA:** Mas, talvez a natureza saiba. *(levanta a agulha)*  
Raposas são seres poderosos, capazes de se regenerar...

**FILHA:** *(cortando)* Não é uma boa ideia.

**VIÚVA:** Então realizemos a união e perguntemos ao bosque. Diferente da sacerdotisa nós...

**FILHA:** Não podemos simplesmente sangrar em jejum. Morreremos antes de obter qualquer resposta clara.

**VIÚVA:** Mas, assim a raposa...

**FILHA:** Estará intacta e nós feridas.

**VIÚVA:** Então...

**FILHA:** Temos que começar a pensar.

**VIÚVA:** E não estou fazendo isso?

**FILHA:** Todas estamos cansadas.

- VIÚVA:** Mas você é a única lúcida.
- FILHA:** Não disse isso.
- VIÚVA:** Se acha melhor que nós?
- FILHA:** O que eu quero dizer..
- VIÚVA:** Porque deveríamos escutar?
- FILHA:** Porque sou a única que não está tratando de matar ninguém!
- VIÚVA:** A única a saber sobre a raposa.
- FILHA:** Vi a cremação.
- VIÚVA:** Claro, enquanto comprava peixe do filho do pescador.
- FILHA:** E?
- VIÚVA:** Ouvi muitos boatos sobre você.
- FILHA:** E eu sobre você.
- VIÚVA:** Envolvendo homens?
- FILHA:** Como se atreve!?
- VIÚVA:** *(recitando)* Uma jovem moça,  
vi vagar pelos bosques,  
vestindo finas roupas,  
carregando flores.
- MÃE:** Vira essa boca pra lá!

**VIÚVA:** Ficava a sós com o filho do pescador e agora ele está morto...Também ouvi sobre um lenhador ao norte, um jovem padeiro...

**COMERCIANTE:** Um comerciante...

**VIÚVA:** Ora, ora.

**COMERCIANTE:** Conversavam próximos à estrada do leste.

**FILHA:** Isso não significa nada! Estava vendendo a colheita do dia. Também há rumores sobre o que você faz nas estradas, sabe como às vezes...

**COMERCIANTE:** É diferente.

**FILHA:** Porque?

**COMERCIANTE:** Eu não subo nas carruagens.

**VIÚVA:** Deitando-se com estrangeiros desconhecidos...

**FILHA:** Não!

**VIÚVA:** Igualzinha à mãe...

**FILHA:** Cala...

**VIÚVA:** Só posso dizer isso, ninguém conhece o pai afinal de contas.

**FILHA:** Estou vendo o que pretende fazer.

**VIÚVA:** Eu?

**FILHA:** Raposas são mestres do engano.

**VIÚVA:** E pintassilgos ótimas refeições.

**FILHA:** Não tenho medo de você.

**VIÚVA:** Deveria começar a ter.

**MÃE:** Calma!

**VIÚVA:** Provas! Apresento-vos provas.

**FILHA:** Não são provas, apenas suposições infundadas.

**VIÚVA:** Ouvi histórias sobre homens-raposa engravidando mulheres em aldeias do norte. Disfarçados como viajantes, seduzem aquelas que alguma vez negaram o casamento. Aqui na aldeia somente conheço uma...E depois chegou o estrangeiro. (*olha para a Mãe*) Como ele era? Ouvi dizer que tinha olhos prateados como o aço, cabelo castanho como o âmbar e braços fortes como raízes. Não me estranha que aceitou sua semente. Mas, e depois?

**MÃE:** Desapareceu.

**FILHA:** Mãe!

**MÃE:** Ele parecia diferente. O cheiro, os beijos... As palavras. Diferente de meu primeiro homem, suas mãos nunca me feriram. Podíamos nos beijar sem pertencer o um ao outro, apenas...ser. Disse que me levaria com ele quando voltasse ao norte. Que lá seríamos felizes...Mas desapareceu, sem despedida, levando o pouco de liberdade que tinha, pondo um coração dentro de mim. Um coração mais pesado que qualquer corrente...Quase fui expulsa da aldeia e tive que sair de casa. Estava suja. O povo me odiava, podia sentir os olhares em minha pele ao andar pelas ruas. O desprezo por tudo o que fazia. Ninguém me empregou, então, passamos fome. Só tinha o leite dos meus peitos para amamentar. Eu merecia. Sobrevivia à base dos fungos do bosque. Mas, a sacerdotisa me perdoou, consegui uma ca-



sinha e as pessoas se dispuseram a comprar os fungos que colhia. O bosque nos perdoou.

**VIÚVA:** E você não quer perder esse perdão.

**FILHA:** Perdoou um ódio infundado!

**VIÚVA:** Herege!

**FILHA:** Não! Sabem com que força o povo odeia sem motivos.

**VIÚVA:** Filha de estrangeiro, prostituta e herege...

**FILHA:** Mãe, ouve o que tenho a dizer...

**COMERCIANTE:** (*interrompendo*) Mas a sacerdotisa disse que seu sacrifício revelaria a raposa...

**VIÚVA:** E cumpriu! Olhem pra ela. A única banhada em sangue.

**FILHA:** Fui a única a ...!

*Viúva dá um tapa na filha.*

*Joga-se sobre ela e lhe segura as mãos.*

**VIÚVA:** Podem ficar de braços cruzados se quiserem, mas o bosque tudo vê.

**FILHA:** Parem!

**COMERCIANTE:** Desculpa.

*violentamente.*

*A Mãe observa atônita.*

**FILHA:** Mãe!

*A Filha é levada ao altar onde é deitada e imobilizada.*

**VIÚVA:** Vamos irmã!

**FILHA:** *(debatendo-se)* Estão erradas! Ela está enganando vocês! Eu não fiz nada que pudesse pôr a aldeia em perigo! Mãe!

**COMERCIANTE:** Vamos!

**FILHA:** Não!

*Lentamente a Mãe se aproxima do altar.*

*Começa a orar.*

**VIÚVA:** *(aponta para a agulha que segura em uma mão)*  
Pega a agulha!

*Tremendo, a Mãe inclina-se sobre a filha, pegando o instrumento.*

**FILHA:** Mãe por favor!

*A Mãe segura a agulha com ambas as mãos e a levanta sobre a cabeça.*

*Interrompe a ação.*

**FILHA:** Lembrem a sacerdotisa! Lembrem o que ela falou...!

**VIÚVA:** Isso! (*encara a mãe*) Dúvidas nutrem monstros.

*Um grito arranha a garganta da Mãe.*

*Ela já não treme.*

*Ela apunhala o estômago de sua filha.*

*A garota geme de dor.*

*A agulha sai e entra novamente.*

*Sai. Entra. Sai. Entra. Sai. Entra. Sai. Entra. Sai. Entra. Sai.*

*Entra. Sai. Entra. Sai. Entra. Sai. Entra. Sai. Entra. Sai. Entra.*

*Sai. Entra. Sai. Entra. Sai. Entra. Sai. Entra. Sai. Entra. Sai.*

*Entra. Sai. Entra. Sai. Entra. Sai. Entra. Sai. Entra. Sai. Entra.*

*Sai. Entra. Sai. Entra. Sai. Entra. Sai. Entra. Sai. Entra. Sai.*

*Entra. Sai.*

*Silêncio.*

#### **CENA 4**

*Uma nuvem de bruma densa plana no espaço.*

*No cume, sobre o altar, o corpo da Filha.*

*Recostadas na pedra, sob o corpo, a Viúva e a Comerciante, debilitadas.*

**VIÚVA:** Porque ela nunca foi embora?

**COMERCIANTE:** Não há lugar na estrada para uma mulher e uma criança, a não ser junto a algum arbusto, com a saia subida e a boca amordaçada por estranhos. Quando se trabalha com comércio ambulante há tantos anos, esse tipo de coisa vira cotidiano. Por isso é meu marido quem viaja enquanto fico aqui e recebo os comerciantes.

**VIÚVA:** Então sempre estive presa.

**COMERCIANTE:** O bosque desafia as viajantes.

**VIÚVA:** O bosque ou os homens?

**COMERCIANTE:** Porque não foi embora com seu marido? Antes dele...

**VIÚVA:** Ser esmagado por uma árvore? Morrer? Pouco me importam as formalidades agora.

**COMERCIANTE:** Porque então?

**VIÚVA:** Não serviria de nada. Continuará refém dele.

*Pausa.*

**VIÚVA:** Pensei que aquela árvore era a chave da minha cela. Pensei que trabalhar nos campos mostraria à aldeia minha força e que isso bastaria. Mas, eles sempre vão querer mais: seu corpo, sua alma, sua filha... seu ódio.

**COMERCIANTE:** Tomaram tudo de nós.

**VIÚVA:** Ainda temos o bosque.

**COMERCIANTE:** Se alguma de nós fosse a raposa já não teria atacado a outra?

**VIÚVA:** Precisamos acusar alguém para sair daqui. E só saberemos quem quando o bosque falar.

**COMERCIANTE:** Só?

**VIÚVA:** Sim.

**COMERCIANTE:** Mas erramos uma vez e...

**VIÚVA:** Não confiávamos no bosque! Agora é diferente. É a prova de devoção final.

*Silêncio.*

**VIÚVA:** Pode pegar a agulha se isso a fizer confiar em mim.

*A Comerciante avança pela bruma até chegar ao proscênio.*

*O corpo da Mãe está inerte junto à agulha. Seus braços repletos de cortes, sua carne exposta.*

**COMERCIANTE:** (*murmurando*) Continua humana estando morta, sua carne igual à nossa. A Sacerdotisa sempre disse que é a alma que molda a carne, alimentada pelo sentir do corpo. Tudo o que atravessa nossa pele atravessa nossa alma, e o que nossa alma sente empapa nossas ações. Ela decide onde e como levar o corpo, ela decide o que fazer com o seu sentir... E a dela decidiu que era melhor derramar toda dor e arrependimento pelos pulsos. Poderia ter cortado nossas gargantas mas em lugar disso preferiu morrer so-

zinha. Longe de todas. Por isso por mais horrível que seja o que ela fez à própria filha, ela demonstrou ser humana.

**VIÚVA:** Não há nada mais humano que o arrependimento.

**COMERCIANTE:** Você se arrepende?

**VIÚVA:** Pretendo expurgar meu erro, nosso erro, com a união. Devíamos ter confiado no bosque desde o princípio.

*A Comerciante pega o instrumento. Ambas se aproximam do altar.*

*A Viúva estende o braço e a outra a imita. Mãos sobrepostas sobre a lateral de pedra.*

**VIÚVA:** Agora recitarei, se atente à união carnal. Se alma e corpo não estiverem em perfeita harmonia, não funcionará.

*A Comerciante levanta a agulha.*

**VIÚVA:** Seja determinada para que o bosque nos ouça.

**COMERCIANTE:** Começa.

**VIÚVA:** *(fecha os olhos)*

Cinco dedos em cada mão,  
carne, osso e tendão.  
Joelhos no chão,  
no peito determinação.  
Realizamos a união,  
em devoção,  
oferecendo um órgão  
pedindo sua atenção.

Solo todo-poderoso,  
unimo-nos como povo,  
renunciamos ao gozo.  
Deixe-nos ouvir tua voz,  
libera-nos da sorte atroz,  
deixe-nos ouvir tua voz,  
nos livre da cruel foz.  
Cinco dedos em cada mão,  
carne, osso e tendão.  
Joelhos no chão,  
no peito determinação.  
Realizamos a união,  
em devoção,  
oferecendo um órgão  
pedindo sua atenção.  
AGORA!

*A Viúva retira a mão rapidamente.*

*A Comerciante atravessa sua mão cravando-a ao altar. Grita.*

**COMERCIANTE:** O que você fez!?

**VIÚVA:** Não vai me enganar!

**COMERCIANTE:** O que!?

**VIÚVA:** Vou sobreviver! Sou forte!

*Os dedos da Viúva envolvem o pescoço da outra.*

*Retorcem-se em briga, a mão ainda presa ao altar.*

**VIÚVA:** Eu não...

*Viúva grita.*

**VIÚVA:** ...erre!

*Comerciante morde o braço da viúva.*

*Um gemido.*

*A Viúva arranca a agulha do altar e a enfia nas costas da outra mulher.*

*Gritos.*

## **CENA 5**

*Neblina cobre o palco.*

*Já não há restos sobre o altar, apenas sangue.*

*Ouve-se o murmurar baixinho da Viúva.*

**VIÚVA:** Raposas, todas são raposas, raposas, todas são raposas, raposas, todas são raposas, raposas...

**VOZ:** Sabe muito bem que uma vez morta, a raposa volta à sua forma animal.

**VIÚVA:** Não, não, não, não, não... *(continua a murmurar)*

*Vozes desconhecidas ecoam no espaço, vindas de diferentes direções.*

**VOZ:** Humanas.

**VOZ:** Irmãs.



**VOZ:** Fez o que tinha de fazer né?

**VOZ:** Acha que é inteligente?

**VOZ:** Acha que é forte?

*Risos na escuridão.*

**VOZ:** Fez o que tinha de fazer né?

**VOZ:** Boa garota.

**VOZ:** Vai até as árvores, sobe a saia.

**VOZ:** Se gritar vai ser pior.

**VOZ:** O que elas sabem sobre a vontade do bosque!? O que essa maldita sacerdotisa sabe sobre nada!?

**VOZ:** Sinto gosto de terra.

**VOZ:** Tem pedras cortando meus joelhos, galhos arranhando minhas mãos...

**VOZ:** Aah!

**VOZ:** Com ele era ruim, sem ele é pior.

**VOZ:** Ele, ele, ele...

**VOZ:** Fez o que tinha de fazer né?

**VOZ:** Você sabe que não precisa dele.

**VOZ:** Porque eles não entendem isso?

**VOZ:** Todo dia.

**VOZ:** Duas vezes antes do pôr do Sol.

**VOZ:** E sabe porque?

**VOZ:** Larga essa foice!

**VOZ:** Solta a pedra!

**VOZ:** Nós somos maiores.

**VOZ:** Nós somos fortes.

**VOZ:** Essa é a única lei da floresta.

**VOZ:** A única que importa.

**VOZ:** Quer sobreviver?

**VOZ:** Obedeça.

**VOZ:** Você fez o que tinha de fazer né?

**VOZ:** Quer sobreviver?

**VOZ:** Acha que é inteligente?

**VOZ:** Acha que é forte?

*Gargalhadas.*

**VOZ:** Monstros são fortes.

**VOZ:** Por isso...

**VOZ:** Somente um monstro pode parar um monstro.

**VOZ:** Quer sobreviver?

**VOZ:** Ah, meu pescoço!

**VOZ:** Seja forte.

**VOZ:** Quer sobreviver?

**VOZ:** Há uma raposa na aldeia.

**VOZ:** Seja forte.

**VOZ:** A culpa é sua.

**VOZ:** Ela vai te devorar, assim como eles.

**VOZ:** Quer sobreviver?

**VOZ:** Fraca.

**VOZ:** Seja forte!

**VOZ:** Quer sobreviver?

**VOZ:** Você fez o que tinha de fazer né?

**VOZ:** ASSASSINA!

**VOZ:** Prostituta, herege...

**VOZ:** ASSASSINA!

*Viúva grita e ajoelha-se atrás do altar.*

**VIÚVA:** Elas eram...

**VOZ:** Sabe que não.

**VIÚVA:** Eu não...

**VOZ:** ASSASSINA!

**VIÚVA:** Eu fui forte! Eu fui forte! Eu fui forte! Eu fui forte!

**VOZ:** Mortas pela desconfiança.

**VOZ:** Pelo medo.

**VOZ:** Por você!

**VIÚVA:** Não!

**VOZ:** Sim!

**VOZ:** Fez o que tinha de fazer né?

**VOZ:** Como eles.

**VOZ:** Fez o que tinha de fazer né?

**VOZ:** Há uma raposa na aldeia.

**VOZ:** Fez o que tinha de fazer né?

**VOZ:** Há uma raposa na aldeia!

**VIÚVA:** Para!

**VOZ:** Fez o que tinha de fazer né?

*A Viúva grita.*

**VOZ:** Fez!

**VOZ:** Mentiu.

**VOZ:** Fez!

**VOZ:** Traiu.

**VOZ:** ASSASSINA!

**VOZ:** Fez!

**VOZ:** Engoliu.

**VOZ:** Fez!

**VOZ:** Destruíu.

*Um gemido dilacerante atravessa o peito da Mulher. Um grito agudo.*

*Ela golpeia a cabeça contra o altar. Silêncio.*

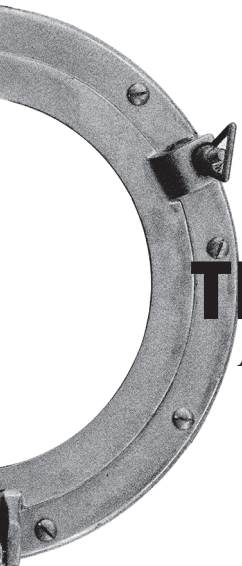
**VOZ:** Espera.

**VOZ:** Há uma raposa na aldeia?

F I M

**Yago Barbosa** é licenciando em teatro no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Tendo como linha de pesquisa a dramaturgia contemporânea, é bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), participando do grupo de estudos Drama, dramaturgia, cena: questões contemporâneas, no próprio IFCE. Seus trabalhos como performer incluem *Homúnculo* (2017) e *Corpos Subversivos* (2018). Participou como ator na peça *A Mãe* (2018) do FARPA Teatro.





# TRAVESSIA

*Monique Cordeiro*

## **Personagens**

Mulher-avó  
Mulher-mãe  
Mulher-filha  
Nina  
Sebastiana  
Dôra  
José  
Adélia  
Janaina

## PRÓLOGO

*Três mulheres de diferentes tempos estão no palco. A luz é azul e há barulho do mar.*

**MULHER-AVÓ:** Meu coração é uma concha repleta de água transbordante. Nele guardo histórias do passado, do presente e do futuro. Como um rio que nunca seca, as histórias transbordam.

**MULHER-MÃE:** Minha mente é embarcação e me guia para o mar que quero navegar. No desafio de perigos intermináveis, eu sigo avançando.

**MULHER-MÃE:** Meu corpo saliva pelo mar e é com água e sal que as feridas se fecham e as cicatrizes se formam. O corpo reconstrói o que havia sido quase destruído e se transforma.

## CENA 1

*A luz no palco é amarelada e forte como a que se acende ao meio dia no Sertão. O lugar é quente e seco, muito árido, faz muito calor. NINA está em casa fazendo as tarefas domésticas. Dentro de sua cabeça sempre há um barulho estranho. SEBASTIANA chega.*

**NINA:** Que cara de alegria é essa?

**SEBASTIANA:** Dôra. Vai voltar a estudar.

**NINA:** Oh felicidade! Sempre digo pros meus pequenos que nunca deixem de estudar. Olha o que estou fazendo para eles.



*Está com agulha de bordado e linha de crochê nas mãos. Mostra umas toalhas bordadas.*

**SEBASTIANA:** Mulher, por que é que tu perde tempo fazendo isso? Gastando o dinheiro que tua mãe deixou.

**NINA:** Eu gosto e eles não têm quem ajude. *(Pausa)* Bastiana, tu tem notícia de chuva?

**SEBASTIANA:** O vento do Aracati não tá soprando ainda. Tô me apegando com Santa Luzia. Ela há de interceder por nós.

**NINA:** Nunca vi chuva desde que vim para cá. E olha que já faz quantos anos? *(Pensa)* Tantos. Mãe dizia que tudo ficava bonito quando chovia.

**SEBASTIANA:** Eu já botei as pedrinhas de sal pra ver se vai ter inverno esse ano, mas nenhuma desmanchou. Só Deus, viu. E na tua cabeça ainda chove?

**NINA:** Se é barulho de chuva, Bastiana, não sei. Mas está aqui. Não para. Nem consigo ouvir música porque é o tempo todo esse barulho aqui dentro da minha cabeça. Será caso de medicina?

**SEBASTIANA:** Não acredito. Quem tem sabedoria é Deus. Tua mãe contava uma história de que ela tinha isso também, um barulho dentro da cabeça. O povo chamava ela de doida, de estranha, porque ela vivia tomando banho nesse tanque, gostava de mergulhar a cabeça. Ela amava muito teu pai, mas ter vindo com ele pra essas bandas fez ela sofrer demais.

**NINA:** Ela reclamava mesmo dessa agonia na cabeça. Só apareceu em mim quando ela morreu. E isso faz quanto

tempo? Parece que não foram três anos, mas três mil. O mais estranho, Bastiana, é que meu corpo não transpira nesse calor, mesmo quando tudo é seco. Tu já viu que tá tudo seco? Os pássaros, as árvores... parece que a gente pode ver esse calor, tocar nele. Fico preocupada porque não sinto sede. A boca seca, nada de suor, nunca mais caiu uma lágrima.

**SEBASTIANA:** Nem as cigarras tão cantando, tudo seco. E não chove.

*Sebastiana sai e Nina fica guardando as coisas que estava costurando. Distrai-se vendo os objetos na caixa de costura. Percebe outra caixa e parte para olhá-la. Dentro da caixa há broches de conchas, de sereias, estrelas do mar. Há um tecido bordado à mão, há fotos e há também uma carta e um caderno de receita.*

## CENA 2

*DÔRA entra em cena animada com sonhos na mão. Interrompe Nina. Ainda está claro, ainda é luz do meio dia cortando a tarde. Claridade que incomoda os olhos e um calor que perturba o corpo, a alma e o juízo.*

**DÔRA:** Trouxe sonhos pra ti, Nina! Aprendi essa receita e fiz hoje pra comemorar.

**NINA:** E está se aventurando nos doces, é?

**DÔRA:** Tava vendo as receitas, quando vi a de sonho, quis fazer. É bonito juntar farinha, leite, açúcar e ovo e fazer um sonho.

**NINA:** Mulher, bonito é ver tu preparando teu Pedacinho de Céu, voltando a estudar, aprendendo receita nova. Tu já ouviu falar dessa?

**DÔRA:** Qual?

**NINA:** Pedacinho de Céu!

**DÔRA:** E é nome de receita? Pensei que tu tava igual mãe, cheia de mistério na fala. Ela disse que vou pra a escola aprender tudo novo, tirar diploma, mas não posso esquecer que palavra tem poder. Aí tu sabe, ela solta aquele monte de ensinamento.

**NINA:** Sei. Bastica também fala assim comigo. (*Pensativa*). O Pedacinho do Céu que eu conheço é doce português. Vai farinha, leite, açúcar e ovo, mais leite condensado e coco ralado. Diz que as freiras, antigamente, faziam Pedacinho do Céu pela salvação das almas.

**DÔRA:** Mainha diz que alma se salva com reza, não com doce! (*rindo*). Aliás, briga é comigo se eu tiver fazendo doce.

**NINA:** Eu gosto quando tu tá mexendo panela, Dôra, principalmente fazendo Sonhos!

**DÔRA:** Mulher, tu gosta de tudo que eu faço. Chega dá é gosto cozinhar e trazer pra ti. E tu ainda me ensina um monte de coisa que eu não sei. Nunca sabia que esse doce tinha sido inventado num convento. Achava que as freiras estavam lá só pra rezar. Pra mim, rezar e cozinhar são duas formas de chegar perto de Deus, de encher a alma, de preencher o vazio que tem na gente. Mãe me ensinou a rezar,

ela dizia que as palavras que a gente dizia para Deus se transformavam em alimento pro nosso espírito. Quando eu cozinho, sinto isso.

**NINA:** Minha mãe amava cozinhar, Dôra. Uma pena tu não ter conhecido. Ela enchia a casa de bolo, beijinho, suspiro, bombocado. O cheiro daquele bolinho pela casa, a risada de mãe bem alta. Ela ria muito e ria alto. Era gostoso ouvir a risada dela.

*Nina mostra as fotos da mãe para Dôra. Mostra também os bordados, o caderno de receitas manchado e todos os objetos que achou na caixa. Dôra olha com cuidado cada coisa.*

**NINA:** Ela gostava de cozinha e gostava do mar. Foi na praia que conheceu meu pai. Na areia da praia que passavam horas conversando. Se apaixonaram, mas ele arrumou um trabalho por essas bandas e tiveram que vir. Mesmo tendo o carinho dele, ela sofria aqui, só era feliz quando cozinhava e enchia a casa com cheiro de alegria vinda do forno.

**DÔRA:** Depois quero a receita de bombocado.

**NINA:** *(ensimesmada, como se não tivesse ouvindo).* A única coisa ruim nessa hora era o calor. Quando acabava tudo, ela ia mergulhar a cabeça no tanque. As vizinhas ficavam tudo cochichando. Só quem se aproximou da gente foi tua mãe. As duas passavam era tempo comendo bolo, tomando café e falando de Deus e dos santos.

**DÔRA:** Tua mãe morreu de quê?

**NINA:** Ninguém sabe direito. Meu pai levou para consultar da cabeça Ficou internada, nunca mais voltou.

### CENA 3

*Sebastiana entra. Traz na mão a oração de Santa Luzia. Ela parece uma miragem, mas entra com passos firmes e muito iluminada.*

**SEBASTIANA:** Trouxe a oração de Santa Luzia pra tu.

**NINA:** Eu estava até distraída com os sonhos de Dôra. Agora estou com muito calor, com a boca seca.

*Dôra se aproxima de Nina e observa o rosto dela.*

**DÔRA:** Tua pele tá muito ressecada, descamando.

**NINA:** E essa agonia na cabeça... Antes era pouco, nem incomodava. Mas cada dia aumenta. De noite, fica pior; aí eu me levanto e fico sentada aqui no batente de casa, olhando para lua e para estrelas.

**SEBASTIANA:** Santa Luzia há de interceder por ti. Pede pra ela orientação, Nina.

**DÔRA:** Pede, mulher. Quando eu tava morando longe de mãe, eu pedia todo dia pra arrumar um trabalho por aqui. Foi Santa Luzia que deu.

**NINA:** *(lendo)* “Conservai a luz dos meus olhos para que eu tenha a coragem de tê-los sempre abertos para a verdade e a justiça, que eu possa contemplar as maravilhas da

criação, o brilho do sol e o sorriso das crianças. Ó minha querida Santa Luzia, eu vos agradeço por terdes ouvido a minha súplica. Por Jesus Cristo, nosso amigo e irmão, na unidade do Espírito Santo. Amém. Santa Luzia, rogai por nós.”

**SEBASTIANA:** Foi Deus e Santa Luzia que me livraram da cegueira. Se tu tiver fé, Nina, esse barulho passa.

**NINA:** É forte essa reza. Mãe dizia que as palavras viravam estrela quando a gente fazia oração, bastava eu ir para o meu cantinho e pedir. Quando o barulho na minha cabeça fica muito forte, eu vou para fora me banhar toda dos raios da Lua e das estrelas. Saio mais limpa e mais calma, como as ondas do mar em tempo de lua minguante.

**SEBASTIANA:** Não será o caso de tu buscar botar pra fora essa água toda de lágrima que tá dentro de ti? Faz quanto tempo que tu não chora?

**NINA:** Não sei (*pensativa*). Estou com medo é de ficar doida, Bastica.

**SEBASTIANA:** Calma, menina. Nada é maior do que Deus. Não se coloque como uma montanha que não consegue ultrapassar. Procure seu caminho, já é hora.

**DÔRA:** (*olha assustada*). Nina já tá fazendo tudo certo: se formou na faculdade, tem um trabalho certo, cuida da casa e das coisas que a mãe dela deixou. O caminho dela é aqui.

**SEBASTIANA:** Cada filho de Deus tem seu destino. Problema é achar que todo mundo tem de fazer tudinho igual. Tem coisa que a gente não aprende na faculdade, não. Só na vida. Tem coisa, minha filha, que só a vida ensina e a gente precisa descobrir sozinha. Tem sofrimento pelo meio, mas é aí que tá a boniteza de tudo.

**NINA:** Vocês duas são muito boas para mim, mas ficar aqui sem família, sem ninguém... Não sei nem onde tem parente meu direito. Eu estava aí com umas coisas antigas, uns objetos, umas cartas... Mãe falava de uma Adélia que mora para o lado do mar.

**SEBASTIANA:** Vá atrás de sua história. De repente, tu até descobre um jeito de se livrar desse barulho da cabeça. Ou se não consegue se livrar, se acostuma. Não tem o que te prenda aqui, Nina. Tá preocupada com o quê? Tu é boa, vai achar emprego onde for. Passe um tempo e volte se quiser. Conte com essa sua amiga velha.

**DÔRA:** Ô mãe, parece que a senhora tá mandando Nina embora. Deve ser caso só de ela procurar um doutor bom. Aqui na região ela encontra.

**NINA:** Eu entendo o que tua mãe tá dizendo, Dôra. Sempre fiquei colada na barra da saia da minha mãe. A gente vivia junta, era unha e carne. *(agitada e nervosa)* Desde que ela morreu é como se eu não soubesse mais quem eu sou. Sinto uma pressa que nunca passa. Não sei o que preciso, sempre quem soube era mãe. Eu fico aqui nessa minha vidinha tranquila, bordando para os alunos da escola, preparando aula, cuidando da casa... tentando esconder debaixo do céu e da Lua essa agonia, essa sequidão que é meu corpo, meu peito.

*Sebastiana se aproxima de Nina e faz o sinal da cruz na cabeça, nos olhos e no peito. Repete esse movimento várias vezes, começa uma reza.*

**SEBASTIANA:** Santa Luzia passou por aqui com seu cavali-  
nho comendo capim. Diz que pedra, diz que não. Pedra de

sal, água do mar, tira este cisco e joga no ar. Em nome de Deus e da Virgem Maria. Nina, segue o teu caminho e busca alegria. Perto ou longe, vai atrás de tua família. Se não encontrar, não pense em se desesperar; enfrenta a vida sem medo de amofinar.

*Nina aos poucos vai se acalmando. Dora emocionada se aproxima das duas. Todas sentem uma brisa de leve. Elas se abraçam. Ainda está quente, mas a brisa leve traz esperança de chuva derramada das nuvens e dos olhos de Nina.*

#### CENA 4

*Nina parte em travessia. Arrasta consigo o calor e secura do lugar, além de uma bolsa à tiracolo. Faz tempo que não chove e tempo que ela está sem chorar.*

**NINA:** Foi preciso partir (*pausa*). Muitas vezes resistimos em tomar uma decisão que pode parecer repentina, exagerada ou radical. Quantas vezes pensamos em partir (*Pausa*), mas ficamos porque devemos cuidar disso ou daquilo, ou porque se formos embora as coisas não andam sem nós?

Quanta bobagem. Somos tão insignificantes que tudo continua a acontecer. A vida segue seu rumo, seu fluxo, seu ritmo. As plantas crescem, a noite chega, o dia nasce. E sempre. E sempre. Desde que minha mãe morreu (*pausa*), não achei que fosse possível partir. No entanto, é. Comigo só a memória. A lembrança de ter sido cuidada e ninada



por uma mãe que gargalhava feliz e alto, que enchia a casa de festa e de gente. A memória está em mim e ela sou eu.

*Nina movimentava o corpo, fica de ponta de pé, rodopia. Rememora os primeiros passos das aulas de ballet que fez quando criança. No palco, as luzes sugerem fim de tarde. É o crepúsculo anunciando um recomeço e não um fim. Nina caminha e carrega sua pele seca e o calor que quase pode tocar.*

**NINA:** Comigo vão as memórias de aconchego e de amor. Barulho do mar, de panela chiando... música da rádio à noite, música que mãe cantava (*cantarola músicas de ninar*). Na hora de dormir leite quente, na hora de acordar papinha no prato. Parecia que o tempo parava e só aquele momento importava. Eu era criança. Hoje olho para outras crianças e me pergunto: por quem elas são cuidadas? Será que elas são cuidadas?

**NINA:** Minha mãe se foi e hoje eu tenho de cuidar de mim. Qual é o meu caminho? O que se passa comigo? Já se vão anos que não choro e anos que meu corpo resseca. Estar só em casa, mesmo com a ajuda de Sebastiana e de Dôra, foi diferente. Perceber minhas dores sozinha. Olhar para elas de frente e ter de lidar com elas, sem poder chorar. Às vezes, sozinha em casa era como se fosse possível ouvir, misturado ao barulho da minha cabeça, o som do meu coração. Que batia forte, apressado, sofrido, sofrido porque dali nascia o silêncio. Ao redor, um grande nada e o silêncio, ou um quase silêncio, assustador. Nas noites de lua cheia, os silêncios eram barulhos ensurdecedores. Era da luz da Lua que eu precisava para me acalmar. Com minha mãe por perto, tinha sopa me esperando, conversa para distrair, um lugar sempre protegido para mim. Morando só na casa, era

eu e meu silêncio e meus ruídos, barulho de pensamento se formando na minha cabeça que foi ficando cada vez mais forte, mais forte.

*Agitada, Nina acelera seus movimentos, seus passos. O corpo é rígido, mas ela tem alguma pressa.*

**NINA:** E isso me dá medo. Eu tenho medo do que sinto, do que penso, medo porque meu corpo está se transformando.

*Nina acelera mais os movimentos, que se tornam repetitivos. Pressa e agonia até a exaustão. Ela cai de joelhos.*

**NINA:** Para me livrar do medo, Sebastiana me ensinou a rezar. Trouxe uma oração de Santa Luzia para mim. Eu não sei rezar direito. Tenho vergonha de pedir aos céus algo que temos que resolver aqui na terra. Eu prefiro ficar à luz da Lua, deixar que a noite me cubra e me acalme. Me ajude a encontrar a divindade em mim, que do meu corpo transcenda a imagem e semelhança de um Deus que me olha e me vê e me acompanha onde eu vou. Descobrir o mistério e o silêncio divino em mim, torna a caminhada mais dura, minha pele mais seca e o calor mais palpável. Tenho buscado o meu melhor modo de ser, tenho buscado um atalho para viver com esse corpo e essa cabeça que me atornentam. Mas foi a hora de buscar meu caminho. Um caminho onde eu aprenda a andar com minhas próprias pernas.

*Levanta-se.*

## CENA 5

*Nina ainda está no palco, em pé. JOSÉ entra em cena, observando tudo ao redor.*

**JOSÉ:** Parece que vai chover, mas nunca chove. Só um mormaço. Aqui é um forno natural, a umidade dos ventos do litoral não chega. E a gente que pene com secura. Mas eu gosto de ver essa mudança, já são vários quilômetros percorridos desde que saí da minha cidade.

*Nina percebe o moço falando sozinho. Aproxima-se.*

**NINA:** Opa! O senhor está falando de chuva, sabe quando ela vem?

**JOSÉ:** Ô moça, como vai? Agora temos a presença de um anticiclone que em níveis médios da atmosfera contribui para pouca nebulosidade, ficando sem condição para chuva.

**NINA:** Você quer dizer que por alguma razão não vai chover...

**JOSÉ:** Isso mesmo. *(andando de um lado a outro)* Aqui não tem lagos ou rios volumosos que tragam a umidade, nem os ventos de áreas equatoriais, nem os ventos do litoral chegam por aqui.

**NINA:** Bastiana falava que o vento era a vida em movimento. E, toda vez, eu pensava no vento arrastando tudo e levando a gente para longe. Nunca pensei que ele levasse a “umidade do litoral ou das áreas equatoriais”.

**JOSÉ:** Os ventos movimentam tudo mesmo. Mas dependem da pressão atmosférica. E, logicamente, é melhor preferir ventos que não carreguem ninguém, como as brisas.

**NINA:** Eu mesma prefiro pensar de outro jeito, como se tudo fosse possível ... Como se o vento tivesse mesmo me movimentado.

**JOSÉ:** Entendo. Sou José, pesquisador do tempo. Analiso e aplico tudo num gráfico e quantifico em tabelas. Posso prever quantos milímetros chove ou choveu com meus instrumentos científicos. E você?

**NINA:** Nina, apreciadora do tempo! E que o pesquisador diz desse calor que a gente quase pode pegar? Me sinto cansada como um grande elefante pesado com a casca seca.

**JOSÉ:** O caminho até a outra cidade é longo e a temperatura só fica mais amena quando você ultrapassa aquela serra. Fica tudo verde, é bonito de ver.

**NINA:** Não sei se aguento chegar lá não. *(tira o frasco da bolsa)*

**JOSÉ:** Tenho costume de andar nessa estrada, é preciso ter paciência. Porque o caminho é longo e se tiver pressa, não aproveita nada.

**NINA:** Aproveitar o quê nesse calor? Nessa terra seca? Ideia besta de querer atravessar esse caminho sozinha.

**JOSÉ:** Minha vó dizia que há tempo para tudo. “Tempo de buscar, e tempo de perder”...

**NINA:** *(interrompendo)* Eu acho que estou perdendo meu tempo nessa viagem. Já devo ter pedido o juízo com essa agonia na cabeça.

**JOSÉ:** Tem tomado algum remédio que ajude a melhorar?

**NINA:** Não sei se é caso de medicina.

**JOSÉ:** Conheço bons especialistas para o lado de lá. Minha mãe teve um problema na cabeça, fez um tratamento, ficou boazinha.

**NINA:** Já caminhei tanto até aqui que não sei se é caso de voltar. *(olha os braços ressecados, pega um espelho na bolsa e se olha).*

**JOSÉ:** Não é da minha conta, mas você não parece bem.

**NINA:** É.. Tô ficando é assustada meu corpo, cada vez mais diferente. Tudo dói! Onde fica mesmo o médico?

**JOSÉ:** Voltando para as bandas de lá. Tem um carro saindo daqui para lá com o pessoal da pesquisa, se quiser acompanhar..

*Ao longe, surgem vozes como se fosse de uma procissão: é a oração de Santa Luzia.*

**NINA:** “Conservai a luz dos meus olhos para que eu tenha a coragem de tê-los sempre abertos para a verdade..” . É a oração de Santa Luzia! Agradeço, José, mas eu preciso seguir.

*Nina e José continuam suas travessias, cada um a seu modo, cada um para um lado.*

## CENA 6

*ADÉLIA entra em cena com uma cadeira para sentar e fumar seu cachimbo. O crepúsculo se faz noite e a Lua cresce no céu. Anuncia bons ventos e uma cidade boa para navegar.*

**ADÉLIA:** No meu tempo, os ventos daqui sopravam diferente. O mar não era coisa pra mulher (*pausa*). Os amigos de meu pai diziam que era uma loucura mulher no mar. Mas eu nunca me importei. Junto de meu pai e de meu irmão, bem cedinho, logo quando os primeiros pássaros cantavam, eu me lançava no mar. Todo dia eu ia pescar. Um dia um doutor me perguntou se eu não tinha medo porque uma mulher não tinha resistência pro mar. (*dá um sorriso*) perguntei pra ele se já tinha caído no mar comigo pra saber quem era mais resistente. O homem ficou todo desconfiado. O mar era minha casa, meu sustento, meu alimento. Fui eu que ensinei meus filhos a pescar. Fui eu que ensinei meus sete meninos a enfrentar o mar e trazer o alimento pra dentro de casa, foi o mar que meu deu de comer, de vestir e de calçar.

*JANAÍNA entra correndo, traz consigo uma boneca de pano debaixo do braço e bota para voar uma sacola de plástico. Brinca no escuro, mas ela é luz. Sua avó, Adélia observa.*

**JANAÍNA:** Vó, eu já posso sair pra pescar?

**ADÉLIA:** Pode sim. Seu pai começou com sua idade. O mar tá aí pra quem tem coragem. E pra quem tem coragem, ele dá a vida, dá o pão de cada dia, tudo o que a gente precisa. Ninguém fica rico não, mas aprende a navegar.

**JANAÍNA:** Quando eu crescer quero fazer uma casa no mar e sair navegando. Deixar que o vento me leve e me faça rainha do mar. *(fala enquanto corre)*.

**ADÉLIA:** *(ri e faz um gesto chamando Janaína)* Tu já é nossa Estrela do Mar!

**JANAÍNA:** *Vó (com entusiasmo)*, um dia eu sonhei que eu era uma Rainha do Mar. Eu conversava com os peixes. Tinha um lugar cheio de golfinho, eu ia em cima deles! Os ventos tinham braço, vovó, que abraçavam a gente, das nuvens caíam gotas doces de chuva e a música saía de dentro das conchas! *(sai dançando, saltitando como se estivesse num balé das águas)*.

**ADÉLIA:** *(rindo)* Menina, tu diz cada coisa... *(pausa)* Deixa o vento te abraçar, escuta o barulho do mar.

**JANAÍNA:** Eu acho que consigo ouvir o barulho do mar dentro da minha cabeça. Parece até que tem vento na minha cabeça!

**ADÉLIA:** Mas tu é mesmo uma cabeça de vento! Vive aprontando!

**JANAÍNA:** Não, vovó, parece que escuto o vento e o mar dentro da minha cabeça. Como se ele me ventasse da cabeça até o pé. *(continua correndo e dançando)*

**ADÉLIA:** Escuta o vento, escuta o mar. A “Senhora Ventania” pode te levar pra onde tu quiser. Eu nesses anos todos enfrentei vento, chuva, tempestade. Deus que me protegeu. Não queria outra coisa, era lá no meio do mar que eu me sentia livre.

## CENA 7

*Nina chega na cidade. Ela encontra pelo caminho Adélia sentada de frente de sua casa, fumando seu cachimbo enquanto Janaina brinca. Nina se aproxima.*

**NINA:** Já tem dias que viajo, a Senhora sabe um lugar para descanso?

**ADÉLIA:** Uma hora dessas e nessa escuridão, não tem hospedagem perto. *(silêncio)*

*Nina demonstra preocupação e tem vontade de chorar. Mas não chora, apesar de sentir os olhos com um pouco de água salgada.*

**ADÉLIA:** Não, menina, não chore.

**NINA:** Já andei tanto. Estou exausta e agora sem lugar para ficar.

**ADÉLIA:** Fique aqui em casa. Sente.

**NINA:** *(sentando - se)* Muito obrigada, Dona...

**ADÉLIA:** Adélia.

**NINA:** Venho de longe, nem sabia como ia ser chegar nessa cidade. Saí sem a certeza de que estava fazendo a coisa certa. Depois de tanto tempo, voltar aqui me assusta.

**ADÉLIA:** Eu sei. Aqui quando um tem uma dor, o outro sente. Mesmo quem vem de longe.



**NINA:** Atravessei o meu Sertão na tentativa de entender o que a vida quer de mim, de entender porque esse barulho na minha cabeça não passa.

**ADÉLIA:** Como é teu nome, menina?

**NINA:** Me chame de Nina.

*Janaína se aproxima, senta perto de Adélia e de Nina, brinca com a boneca de pano e com seus amigos imaginários.*

**JANAÍNA:** Eu também tenho um barulho na cabeça. Vó já contou tudo: é o barulho do mar.

*Nina espantada.*

**ADÉLIA:** Quem nasce aqui ou é filho de alguém com sangue dessa terra tem barulho de mar na cabeça. Pode ser de vento também. Precisa sempre de noite de Lua e água do mar para se acalmar.

**JANAÍNA:** Sabe o que eu sonhei? Que era Rainha do Mar!  
*(sai correndo)*

**NINA:** Eu tenho um barulho na cabeça que não passa.

**ADÉLIA:** Não vai passar. Vira música quando você tá no lugar onde deve estar. Quem traz o mar na cabeça, não pode se afastar muito dele. Tem gente que traz o mar nos olhos e na alma, que é maré da praia onde nasceu.

**NINA:** Minha mãe vivia enfiando a cabeça no tanque lá onde a gente morava. Se mudou com meu pai. Mas os dois eram daqui, se conheceram na praia.

**ADÉLIA:** Tu é filha do mar. Filha do amor que nasce no mar, em noite de lua cheia.

*A noite escura de lua cheia traz uma brisa leve, barulho de vento e de mar.*

## **CENA 8**

*Nina sonha com todas as mulheres que encontrou no caminho: Sebastiana, Dôra, Adélia e Janaina. Nina, Dôra e Janaina entram cantando, brincam de roda, de pega-pega, gargalham, dançam. Sebastiana e Adélia entram cantando e servindo sonhos, pedacinho do céu e bombocado. Todas comem, a plateia também pode receber. Uma alimenta a outra e celebram a travessia. Sebastiana, Adélia, Dôra saem. Nina e Janaina se olham, se abraçam e Janaina sai, ficando apenas Nina.*

## **CENA 9**

*Nina se sente diferente no novo lugar. O barulho da cabeça se harmoniza com o barulho do mar. Está escuro e a lua cheia no céu. Quanto mais perto do mar, melhor se sente.*

**NINA:** Era Sol e tudo ardia.

Foram necessários abrigos e descansos para seguir em frente naquele calor que se pegava com a mão.

O Sol queimava tudo.

A grama verde se desfazia em palha seca.

A pele macia se revestia de uma superfície ressecada.

Tudo dentro era duro e seco.

Toda noite ainda era dia e a Lua minguava no céu.

Agora a estrada fazia sua chamada.

Corpo rígido e cabeça quente em busca de sombra, em busca de um modo de se refrescar.

Tudo era vertigem num caminho que não se sabia andar.

A Terra ora firme, ora movediça dificultava o caminhar.

Terra batida, paus, pedras, pontes, descaminhos, abismos, precipícios...

Uma pesada angústia cortava meu peito.

Do claro cortante à penumbra de fim de tarde: uma Lua nova a se anunciar.

O Vento dava seu empurrão.

Movimentando céus e terra e bicho e gente, o Vento veloz envolvia e fazia voar, botava tudo em movimento.

Movimentava a certeza e também fazia sangrar.

O dia se aproximava da noite e tendo descoberto segredos da alma, o meu corpo não mais sofria. No meio do céu, entre as estrelas, uma crescente lua surgia.

É na Água que o mistério se mostra.

Do ventre saímos e para o ventre voltamos.

Um corpo terra-seca encontra noite de lua cheia com mar profundo que transborda a alma e umidifica pele-pelo-olho-boca-sexo-pele-pelo-sexo-boca-olho.

São as águas suaves transformando o sentir e fazendo o corpo salivar.

A água salgada é alimento para corpo-desejo-mente-corpo-terra-sonho-desejo-mente-corpo.

No mistério da noite, um corpo a se transformar.

*Nina se vestiu de água salgada. Está molhada da cabeça aos pés. A luz é azul sobre seu corpo e ele cintila, como um peixe a sacudir suas escamas. Ela dança a dança das águas. Se debate. Vive. Morre. Vira peixe.*

F I M

**Monique Cordeiro** é professora da rede estadual há dez anos. Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), trabalha nas disciplinas de Artes e Língua Portuguesa, faz mediação de leitura no projeto Círculo de Leitura, orienta projetos de literatura, de gênero e sexualidade. É escritora, atriz e contadora de histórias, tendo participado de peças de teatro e sessões de contos.



# MUROS AGUDOS IGUAIS À FOME

*Yuri Marrocos*

## **Personagens**

Mulher  
Homem  
José  
Adélia  
Janaina

*Será que a realização da plenitude e absurdo da vida exigem suicídio?*

*Não. Exige revolta.*

Albert Camus

*Fumar causa danos à saúde.*

Ministério da Saúde

## CENÁRIO

*Um relógio preso ao teto. Um microfone ao lado esquerdo do cenário. No centro do espaço cênico, um amontoado de tijolos. Ao redor desse monte central, flores. Convencionou-se admirar o tempo como uma linha reta: começo, meio e inevitável fim. Nas mitologias, já se sabia que o tempo, na verdade, é cíclico. Uma circunferência mandálica com o fim e o começo em si mesma. Essa peça só poderá ser encenada em dia de sábado, religiosamente às 20 horas. Nem mais, nem menos. Dia e hora do planeta Saturno, regente das feridas, limites e realidades que resultaram nessa dramaturgia. Aqueles que desrespeitarem esta ordem estarão sob pena de maldição do Deus Cronos, Deus Saturno, soturno: o Deus-Tempo.*

## PRÓLOGO

*Ilumina-se o monte. Deslumbra-se por essa imagem durante quarenta e cinco segundos. Os dois personagens entram em cena, ficam na penumbra da luz. Ilumina-se todo o palco. A MULHER, ao microfone, fala para a plateia. É uma mulher diurna, humana,*

*envolvida com as feridas de seu tempo e uma personalidade capaz de romper com os moldes que a limitam. O HOMEM está de costas, como quem não ouve, parece cego de tanto não ouvir. Ele é noturno: frio e seco. É a anti-revolução. Senhor dos limites, guardador de feridas e a personificação da dor nas costas e dos pés cansados.*

**MULHER:** O ano é 2019. São oito horas de um sábado e vocês vieram assistir a uma peça de teatro. Eu gostaria de falar um pouco sobre o tempo. O tempo é um planeta. Mas também um Deus. Equivalente ao Deus Grego Cronos. Dizem que ele, o tempo, era tão ambicioso que mutilou o próprio pai e tomou o poder entre os Deuses. Conhecido como Saturno, ele virou o deus do tempo, do trabalho. Virou dissolução, tudo que dói, fere, mutila. Esse teatro é uma peça-homenagem ao tempo, ao trabalho, às nossas feridas diárias e relutantes.

## **PRIMEIRO ATO**

### **CENA 1**

*Silêncio.*

**MULHER:** Você já leu nos jornais o novo absurdo?

**HOMEM:** Eu não leio faz um tempo. Que horas são?

**MULHER:** São 20:02. Por que você não lê?

**HOMEM:** Ninguém gosta de notícias ruins. O que está dizendo aí?

**MULHER:** Eles estão sumindo com todos os nossos direitos, conquistados a duras penas.

**HOMEM:** Quem são eles?

**MULHER:** Eles. Os sádicos. Querem que a gente trabalhe para sempre.

**HOMEM:** Tenho certeza de que não fizeram por mal. Que horas são agora?

**MULHER:** *(olha para a relógio)* Ainda são 20:02. Por bem que não foi.

**HOMEM:** Deixe de história, mulher, você também não pode acreditar em tudo que lê. Esses jornais publicam o que bem querem.

**MULHER:** Eu lhe asseguro que amanhã, depois de amanhã e depois de depois de amanhã você estará aqui, trabalhando. Como esteve ontem, e antes de ontem e antes de antes de ontem. Está em todos os jornais!

**HOMEM:** Nesse aí que você está lendo também? Que horas são?

**MULHER:** *(olhando para o relógio)* 20:03. Não sei, ainda não encontrei nada aqui. *(procura no jornal)* Só sei que você vai passar o resto da vida trabalhando.

**HOMEM:** Se você lesse menos talvez não estivesse com a cabeça aí, povoada por tantas mentiras.

**MULHER:** Seu coração não é um tijolo. Que horas são?

**HOMEM:** *(olha para o relógio)* Poderia ser pior. 20:04.

**MULHER:** Você não se revolta?



**HOMEM:** Não é assim que funciona.

**MULHER:** Está certo. Revolta não é o suficiente.

**HOMEM:** É perda de tempo!

**MULHER:** 20:05.

**HOMEM:** Eu não perguntei que horas são.

**MULHER:** Eu queria saber que horas eram.

**HOMEM:** Por quê?

**MULHER:** Porque eu não vou trabalhar para sempre. Você vai. Porque você é uma cabra.

**HOMEM:** Uma cabra? Você me dá dor nas costas.

**MULHER:** Está vendo? Isso é exatamente o que uma cabra diria. Você é uma cabra.

**HOMEM:** Se eu sou uma cabra, você é o quê? Que horas são?

**MULHER:** 20 e alguma coisa. Eu sou uma jardineira.

**HOMEM:** Suas flores já estão é morrendo.

**MULHER:** E seu muro dura menos que as notícias do dia.

**HOMEM:** Tem cuidado de como fala.

**MULHER:** O que não agrada, você pensa que não precisa ouvir. Por isso não lê. Por isso é uma cabra.

**HOMEM:** Que besteira. Onde você aprendeu essas coisas? Nos jornais?

## CENA 2

*A sirene toca. O muro está na altura da cintura do Homem.*

**HOMEM:** Já é hora de comer?

**MULHER:** Sim. Vamos?

**HOMEM:** Preciso trabalhar.

**MULHER:** Precisa comer. Está pálido. *(pega um saco de pão meio velho, tira um pão, divide em dois e oferece a ele)*

**HOMEM:** Já disse que não quero comer.

**MULHER:** Coisa mais irritante. Tome logo. *(pega o pão e eles comem; pausa longa)*

**HOMEM:** Você está vendada, sabe? Acredita demais. Lê muito, pensa muito. Isso tira da realidade a realidade. Eles não toleram desobediência.

**MULHER:** Eles não toleram o caralho.

**HOMEM:** Pois é o único trabalho que temos. Queira ou não.

**MULHER:** É importante para eles que a gente pense assim como você. Na verdade, que a gente não pense, como você.

**HOMEM:** Que seja.

**MULHER:** Desde que cheguei aqui não piso em casa direito. Você não sente falta da sua família?

*Silêncio.*

**HOMEM:** Eu não tive tempo de ter uma: muito trabalho.

**MULHER:** Sério? Nem pais? Nem um tio distante no interior?

**HOMEM:** Nada. Que horas são?

**MULHER:** 20:19. Nossas vidas estão nos jornais, sabia?

**HOMEM:** Eu acredito em você.

*Silêncio.*

**MULHER:** Você sabe quem foi demitido ontem?

**HOMEM:** Quem?

**MULHER:** O que cuidava dos cavalos.

**HOMEM:** Foi demitido por quê?

**MULHER:** Não sei. Quem me disse foi a moça que limpa o celeiro.

*Silêncio.*

**HOMEM:** Ei, você lembra o que fizemos ontem?

**MULHER:** O quê?

**HOMEM:** A mesma coisa que fizemos hoje. Eu construí esse muro e você plantou essas flores.

*A sirene toca. Eles se levantam. A Mulher sai de cena.*

### **CENA 3**

*Algumas horas depois. O muro já está bem alto. A Mulher lava as flores com um jarro d'água.*

**MULHER:** Eu fui lá (*molhando as plantas*)

**HOMEM:** Onde?

**MULHER:** Falar com eles.

**HOMEM:** Como eles são? Nunca os vi.

**MULHER:** São nojentos. Porcos imundos!

**HOMEM:** Por que?

**MULHER:** Acho que você precisa ir lá comigo.

**HOMEM:** Negativo.

**MULHER:** Por que?

**HOMEM:** Não vai funcionar.

**MULHER:** Um de nós precisa ir.

**HOMEM:** Vai você

**MULHER:** Eu já fui

**HOMEM:** Vai de novo.

*Silêncio.*

**MULHER:** Esses crápulas têm que pagar pelo que disseram!

**HOMEM:** Mas o que eles falaram?

**MULHER:** Eles grunhiram para mim!

**HOMEM:** Mas como era o grunhido? Era mais para um ronco amigável e compreensivo, ou um grunhido de muita raiva?

**MULHER:** De muita raiva.

**HOMEM:** Não falei!

*Silêncio.*

**MULHER:** Não acho justo (*ela joga o aguador de água na terra*) Porra. Ele não tem um mililitro de piedade dentro daquele sangue de petróleo dele não? Custa entender?

**HOMEM:** Custa. E caro.

*Silêncio.*

**MULHER:** Eu não vou ficar de braços cruzados esperando essas flores de merda crescerem.

**HOMEM:** Vai fazer o quê?

**MULHER:** Eu já fiz. (*silêncio*) Eu roubei um cigarro dele.

**HOMEM:** É isso que você fez?

**MULHER:** Claro que não (*silêncio*) Eu também roubei o fogo  
(*pega uma caixa de fósforos*).

**HOMEM:** Como que eles tinham cigarros se porcos  
não fumam?

**MULHER:** Porcos fumam o tempo inteiro.

**HOMEM:** Então você está me dizendo que agora ani-  
mais fumam.

**MULHER:** Não é isso que eu estou dizendo (*pausa*) Eles sem-  
pre fumaram.

**HOMEM:** Essa é boa! Saiu nos jornais os animais fumando?

**MULHER:** Galinhas fumam, escorpiões fumam, cavalos fu-  
mam, aqueles peixinhos bem pequeninhos que ficam nas  
pedras quando a maré seca, eles também fumam. Cavalos-  
-marinhos eu já não sei, mas devem fumar, né? Se cavalos  
e peixes fumam. (*acende o cigarro e oferece ao Homem*)

**HOMEM:** Nunca vi um cavalo-marinho fumando... (*recusa  
o cigarro*)

**MULHER:** Você já vai passar o resto da vida trabalhando.  
Fume um pouco.

**HOMEM:** Eu não fumo. Faz mal.

**MULHER:** Verdade, tinha esquecido que você é uma cabra.

**HOMEM:** O que você quer dizer com isso?

**MULHER:** Cabras não fumam, já viu uma cabra fumando?

**MULHER:** Mas é só um cigarrinho. Para acalmar a mente.

**HOMEM:** Eu não quero.

**MULHER:** Por quê?

**HOMEM:** Meu pai. Uma vez ele foi comprar cigarro e não voltou mais: fugiu.

**MULHER:** Mas você tá fugindo de quê? *(eles sentam um do lado do outro. Ela puxa a fumaça e traga).* É assim, você suga como se estivesse sugando o ar. Depois segura a fumaça no pulmão. E solta *(oferece o cigarro ao Homem)*

**HOMEM:** Como se estivesse sugando o ar?

**MULHER:** Sim

*Homem fuma e tosse muito.*

**MULHER:** Precisa fumar com jeitinho.

*Silêncio.*

**HOMEM:** Que horas são?

**MULHER:** Nem sei mais *(fuma o cigarro até terminar).*

**HOMEM:** Anoitece.

**MULHER:** E o cigarro acabou.

**HOMEM:** Nem fumei direito.

**MULHER:** Você disse que faz mal.

**HOMEM:** É claro que faz. Nunca leu o rótulo?

*A sirene toca. A luz se apaga e deixa ver apenas sombras. Vários trabalhadores clowns vestidos iguais a eles chegam e desfazem o muro e as rosas. Eles usam carrinhos de mãos quebrados que fazem um som ensurdecedor ao se arrastarem no chão. A ideia é causar dor. O tempo dói dentro do ouvido.*

## **SEGUNDO ATO**

### **CENA 1**

*Dia seguinte. Homem constrói um muro no centro do palco. Mulher desconstrói.*

**MULHER:** Eu não leio faz um tempo. Que horas são?

**HOMEM:** 20:30. Por que você não lê?

**MULHER:** Ninguém gosta de ler coisas ruins.

**HOMEM:** Esse negócio aí que você fuma. 20:31.

**MULHER:** Você também não pode acreditar em tudo que lê nos cigarros.

*Silêncio.*



**MULHER:** Eles escrevem qualquer coisa no rótulo! Que horas são?

**HOMEM:** Você começa com um, amanhã outro, e depois de amanhã mais um, e depois é ontem, e antes de ontem, e antes de antes de ontem. 20:31.

**MULHER:** Poderia ser bem pior, sabia?

**HOMEM:** Pior?

*Silêncio.*

**HOMEM:** Seu coração não é um cigarro.

*Silêncio.*

**MULHER:** Como vai a dor nas costas?

**HOMEM:** Cada dia dói mais.

*O muro já está na metade e centralizado, quase proibindo a vista do outro lado. Eles não se enxergam. A sirene toca. Eles não falam mais um para o outro.*

**MULHER:** Já é hora de comer?

**HOMEM:** Preciso comer. Estou pálido.

**MULHER:** Você comeu alguma coisa? Está meio pálido (*pega o saco de pão meio velho, tira um pão e o entrega por cima do muro*) Eu divido com você.

*Homem aceita o pão.*

**HOMEM:** Você é meio desajuizada. Lê muito, pensa muito.

**MULHER:** Você não sente falta do teu lar?

**HOMEM:** Não tive um: trabalho.

**MULHER:** Nada? Nem um distante?

**HOMEM:** Nada.

*Silêncio.*

**MULHER:** Ei

**HOMEM:** Oi

**MULHER:** Você sabe quem foi demitida hoje?

**HOMEM:** Quem?

**MULHER:** A moça que limpa o celeiro.

**HOMEM:** Foi demitida por quê?

**MULHER:** Não sei. Ninguém me contou ainda.

*Silêncio.*

**MULHER:** Você lembra o que fizemos ontem?

**HOMEM:** A mesma coisa que faremos amanhã.

**MULHER:** A mesma coisa que fizemos amanhã.

**HOMEM:** Eu construirei esse muro. E você, o que vai fazer?

*A sirene toca.*

## CENA 2

*O muro está tão alto que as personagens não se enxergam, nem o público.*

**MULHER:** Eu vou roubar outro cigarro.

**HOMEM:** É isso que você vai fazer?

**MULHER:** Eu já roubei. *(tira um cigarro do bolso)*

**HOMEM:** Roubou o fogo também?

**MULHER:** Claro. *(tira uma caixa de fósforos do bolso)*

*Silêncio.*

**MULHER:** Você já viu um cavalo-marinho? *(acendendo um cigarro)*

**HOMEM:** Só ouvi falar.

**MULHER:** Será que é mais cavalo ou é mais peixe?

**HOMEM:** Não sei. Será que tem quatro patas?

**MULHER:** Acho que não. Como é que eles iam nadar?

**HOMEM:** Nadando. Ouvi dizer que as baleias eram cachorros que aprenderam a nadar.

**MULHER:** Que bobagem!

*Silêncio.*

**MULHER:** Acho que eles têm cauda. E escamas.

**HOMEM:** Não, assim eles não seriam cavalos.

**MULHER:** Mas se tivessem quatro patas não seriam peixes.

*Silêncio.*

**HOMEM:** Como será que eles compram cigarros?

**MULHER:** Ah, com certeza devem vender lá no fundo do mar.

**HOMEM:** Estou perguntando como eles compram se eles não têm pata para segurar o dinheiro.

**MULHER:** Acho que eles pedem para alguém comprar.

*Silêncio.*

**MULHER:** Não quer? (*oferecendo o cigarro*)

**HOMEM:** Como se estivesse sugando o ar, né?

**MULHER:** Isso.

*Homem fuma. Consegue. Fumam até o cigarro acabar.*

**MULHER:** Que horas são?

*A sirene toca. A luz se apaga deixando ver apenas sombras. Vários trabalhadores vestidos iguais a eles chegam e desfazem o muro e as rosas, arrastando o carro de mão no chão.*

## TERCEIRO ATO

### CENA 1

*O cenário desconstruído. Tijolos e flores estão espalhados indistintamente pelo palco. O Homem constrói um muro invisível e a Mulher está no microfone estralando a língua no ritmo de um relógio.*

**HOMEM:** Eu não leio.

**MULHER:** *(estrala a língua)* 20:41.

**HOMEM:** Amanhã, depois de amanhã e depois de depois de amanhã e ontem e antes de ontem e antes de antes de ontem

**MULHER:** *(estrala a língua)* 20:41.

**HOMEM:** *(fala ao mesmo tempo)* Você está povoada por tanta mentira.

**MULHER:** *(estrala a língua)* 20:42.

**HOMEM:** Quem são eles?

**MULHER:** *(estrala a língua)* 20:42.

**HOMEM:** Que horas são?

**MULHER:** *(estrala a língua)* 20:42.

**HOMEM:** Eu não perguntei que horas são.

**MULHER:** *(estrala a língua)* São 20:43.

**HOMEM:** Está vendo? Isso é exatamente o que uma cabra diria.

**MULHER:** *(estrala a língua)* Dois-zero-dois pontos-quatro-três.

**HOMEM:** *(rasga o saco de pão, não tem mais nada)* Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não.

**MULHER:** *(estrala a língua)* Ponteiro dos minutos indo para o nove e ponteiro das horas indo para o nove também.

**HOMEM:** Já disse que eu não quero. Ler, pensar, isso tira da realidade a realidade.

**MULHER:** *(estrala a língua)* Nossas vidas estão nos jornais, sabia? *(estrala a língua)*

**HOMEM:** Ei, você lembra o que fizemos ontem?

**MULHER:** *(estrala a língua)* Vocês lembram o que fizemos ontem?

**HOMEM:** Eu construí esse muro.

**MULHER:** *(falando ao mesmo tempo)* Nós não derrubamos esse muro.

**HOMEM:** Você plantou essas flores.

**MULHER:** *(falando ao mesmo tempo)* Nós não plantamos essas flores.

*Apaga a luz.*

## CENA 2

*Um foco de luz na Mulher e outro no Homem. A Mulher fala ao microfone enquanto o Homem virou uma cabra.*

**MULHER:** O ano é 2019. Já são mais de oito horas de um sábado e vocês estão aqui, assistindo uma peça de teatro. Eu gostaria de falar um pouco sobre a peça: é um convite para quebrar os muros que interpõem os nossos caminhos. As flores que o digam. Essa peça não é uma homenagem ao tempo. É uma homenagem a todos aqueles que se desdobram para caber no tempo. É para aqueles que não tiveram tempo de vir aqui, no sábado, assistir a uma peça de teatro. Essa peça foi feita para aqueles que não puderam assisti-la. Não puderam devorá-la, pelo contrário, foram devorados por ela. É para aqueles que todo o dia passam a margarina no pão, quando tem margarina ou tem pão ou faca. Para os que decantam, para os que sofrem, suam, fedem, morrem,

gritam, se rasgam, se mutilam para caber em um tempo incabível como o nosso. Essa peça é para quem sente fome, coloca um tijolo e acende o último cigarro da carteira.

*Luz apaga. Cabra berra. Luz acende.*

**MULHER:** Eu roubei outro cigarro.

**HOMEM:** Faz mal.

*Luz apaga. Acende.*

**MULHER:** Você não sente falta do seu ar?

*Homem tosse. A luz se apaga. Acende. Os dois personagens estão em pé.*

**HOMEM:** Que ar?

*Mulher ri histericamente. Apaga. Acende. A Mulher está fumando um cigarro e um Homem está construindo um muro em torno de si mesmo.*

**HOMEM:** Que ar? Que ar? Que ar? Que ar?

*Mulher está acendendo vários fósforos e jogando na terra. Apaga. Acende. A mulher solta a fumaça. Homem tenta sugar*



*a fumaça dela.*

**MULHER:** Fumar com jeitinho...

*Apaga. Acende.*

**HOMEM:** Essa peça é para quem sente fome. (*rindo histericamente*)

**MULHER:** Para quem sente fome. (*rindo histericamente*)

*Apaga. Acende.*

**MULHER:** Você foge de quê?

*Apaga. Acende.*

**HOMEM:** Não.

*Apaga. Acende. Homem e Mulher derrubam o muro. Apaga. Acende.*

**HOMEM:** Não

**MULHER:** Isso não te revolta.

*Apaga. Acende.*

*As luzes vão se apagando lentamente.*

**MULHER:** *Revolta. (acendendo vários fósforos e segurando até o fogo queimar seus dedos)*

*Apaga-se totalmente. Vários trabalhadores chegam e recolhem os tijolos e flores do palco. Todos os personagens vão embora. O palco está completamente limpo. Acende.*

F I M

**Yuri Marrocos** é astrólogo, ator e escritor. Concluiu o Curso de Princípios Básicos de Teatro, oferecido pelo Theatro José de Alencar. Atualmente cursa a graduação em Psicologia da UFC, onde estuda as relações entre arte, cura e magia, além de pesquisar gênero, corpo e identidade. Trabalha e cria no coletivo transmídia Agouro Coletivo onde, na figura de um pássaro-perfomático, investiga os limites do próprio corpo e a desconstrução estética como reelaboração performativa de si mesmo. Como astrólogo, atua na pesquisa do mapa natal como uma dramaturgia celeste que guia o indivíduo em seu destino cósmico.



# VARRIDA

*Priscila Queiroz*

## **Um mergulho cênico**

‘Varrida’ faz referência a uma expressão popular usada para chamar uma pessoa com transtorno mental ou alguém que está apresentando ideias, palavras ou atitudes extravagantes, sem razão ou sentido aparente. No caso dessa pesquisa, trata-se de uma experiência cênica e dramatúrgica que atravessa memórias reais da atriz com a loucura e a sanidade que envolveram situações de cuidado a pessoas próximas e dela mesma. Uma montagem em construção onde a atriz se comunica diretamente com a plateia, rememorando lembranças de sua infância, adolescência e vida adulta em um mergulho cênico-performativo.

Este trabalho teve seus primeiros experimentos dentro do Ateliê de Escrita Dramática oferecido pela Escola Porto Iracema das Artes, realizado no primeiro semestre de 2019 e nasce como fruto de um estudo da atriz sobre as bases do teatro documentário, no qual as memórias da performer são levadas para o centro da dramaturgia e misturadas com algumas ficções, refletindo a liminar distância entre palco/plateia e ficção/realidade. Essa liminaridade se materializa também na encenação, que se pretende sem quarta-parede, mais intimista e propõe que toda a parte técnica como iluminação, projeção ou sonoplastia teatral seja feita pela própria atriz na hora da peça. O espetáculo está ainda em construção através de um trabalho ‘work in progress’, que se constrói a cada ensaio de forma experimental afim de construir um esqueleto móvel de cenas a serem contadas a cada experimentação de montagem.

A loucura possui diversas formas de aparecer na vida de qualquer um. Esse espetáculo nasceu da percepção de como a liminaridade entre razão e loucura estava afetando a vida atriz. É como se percebesse que o fato de ser uma pessoa que tem um histórico intenso e extenso no cuidado de pessoas com transtornos mentais, tem suas implicações na reflexão de como a sociedade, os próprios doentes e a própria atriz têm sobre a saúde mental, doença e cura. Fazer uma peça sobre a loucura, é insistir e apostar que um tema de tão difícil trato por conta dos estigmas sociais nele inclusos continua merecendo mais reflexões e ações construir pontes que

possibilitem uma melhor convivência entre outras diferentes poéticas da existência no mundo.

### **Dispositivos para o processo (cartas, caixa, som, os objetos, boneca, remédios)**

**"A PAIXÃO SEGUNDO G.H."** Livro de Clarice Lispector, escrito 1964. Nesta obra, a personagem principal (G.H) passa pela experiência de comer uma barata, mergulhando num estado de liminaridade do que é essência e verdade. Dessa forma, através de uma aproximação das histórias, a atriz deseja vivenciar um processo de busca por essência e verdade possivelmente existente na loucura, em um caminho de descoberta e aceitação de si, além de contribuir para ressignificações de ideias e atitudes e relações acerca da loucura.

**CAIXA** Esse objeto surgiu de um exercício do ateliê criado especialmente pelo orientador para este processo, no qual foi pedido para que a atriz escrevesse cartas e bilhetes para ela mesma falando sobre como ela estava sendo afetada com a sua pesquisa, como as relações que estabeleceu com a loucura através do cuidado de pessoas próximas e com sua sanidade. Esses objetos ficaram dentro dessa caixa e sua primeira utilização foi feita num exercício em que os outros alunos do curso liam as cartas para mim. Depois, nos próximos experimentos, as cartas foram trazidas para a cena e os espectadores liam as cartas para mim.

**SOM** Havia uma ideia de brincar com uma exteriorização de ter vozes na cabeça e que elas fossem tomando conta dos pensamentos até se tornarem incômodas e não fosse possível que os sons saíssem da cabeça. Então trouxe dois textos e uma música fazendo uma polifonia de pensamentos aleatórios, muitas vezes indistinguíveis e desconexos.

Foram realizados experimentos com até três caixas de som, cada uma no sentido de algo que fez parte da pesquisa. A proposta não era exatamente que os espectadores compreendessem os textos, mas criar uma camada sonora a ser alcançada. As escolhas foram: a música 'It's so quiet' de Bjork, escolhida por sua melodia cheia de desconstruções; a gravação radiofônica 'Para acabar de vez com o julgamento de Deus', que Artaud fez em 1947, escolhida também pelas desconstruções que o texto pede em sua execução; e fragmentos do texto 'A paixão segundo G.H.' escolhido por ser um texto que inspira a atriz através de uma série de reflexões em diversos fluxos de consciência invasores do que é compreensível e não. Além disso, um microfone para falar alguns textos aleatórios, usando também uma fala com gramelôs e onomatopeias.

**VÍDEO** A atriz teve a ideia de projetar um vídeo de algumas anotações diárias de uma das pessoas com quem conviveu e que pode acompanhar de perto quando essas anotações foram realizadas. Elas davam uma dimensão de como a nossa comunicação se realizava, pois muitas das conversas que teve com essa pessoa eram sobre o que estava escrito lá. A criação desse vídeo originou a escrita de alguns textos e uma cena que retrata esses diálogos fragmentados e que se potencializa com esse vídeo projetado.

**BONECAS** Falar sobre a relação do cuidado de si e de outro foi sempre algo que se quis retratar. Há algo de muita ternura, delicadeza que constroe esses laços de amor. Para isso, foi escolhida uma cena de manipulação com bonecas.

**BALAS** As balas entram numa proposta interativa e sensorial com o intuito de que os espectadores pudessem explorar junto comigo algumas sensações, pensamentos e impressões sobre doença e medicação. A atriz oferece à

plateia uma bandeja com balas que parecem remédios, e pequenos copos de água.

**Fluxos textuais de um processo:  
cartas, bilhetes, recados**

**FORTALEZA, 17 DE ABRIL DE 2019**

Eu preciso dividir com você... Trata-se de algo que durante muito tempo tratei como segredo, algo que sempre desconversei, mentia, de vez em quando, quando não queria me estender muito, mentia, nunca tive conversas muito longas ou profundas sobre o que resolvi reviver de alguma forma e compartilhar com vocês hoje (...). A intensidade das coisas, como elas nos afeta tem sempre uma forma para cada ser vivente. Apesar de ainda não entender tudo o que vivi para dizer é superei, escolhi este caminho para dizer que é eu estou convivendo melhor, convivendo cada vez melhor com esse ser que me tornei com todas suas razões e desrazões (...).

**FORTALEZA, 24 DE MAIO DE 2019**

Boa tarde Priscila! Te escrevo para impedir que você acredite nesse plano infalível que é o de ser normal. Sei que você busca isso obstinadamente. Pergunta: O que você acha que é uma pessoa normal de fato? Aonde elas vivem? Quais são os seus interesses? Vejamos, talvez uma vida com mais garantias para

se colocar os pés no chão? Pés no chão parece ser um bom pensamento... De ser racional. Pés no chão, pés no que é real.

Mesmo que nesse chão TODOS querem pisar, gente se mata para estar lá, ouro que não reluz para mim, mesmo que essa realidade seja tão bem vendida, mesmo que esta não queira ser despertada, mesmo que TODOS chamem isso de fuga.

### **FORTALEZA, 27 DE MAIO DE 2019**

Priscila, você tinha me dito que você cuida, que você pratica o cuidado desde suas memórias mais distantes... 4, 5 anos você tinha né? (...) Quem diria... Logo ela, a primeira pessoa, é com ela que você poderá contar, até cuidar de você? (...)

### **FORTALEZA, 28 DE MAIO DE 2019**

(...) Só tenho uma coisa a te dizer: Suas tentativas de encaixe demonstram que você tem conseguido sobreviver bem até aqui. Realmente é louvável, por mais vontade que desse... Parabéns! Você queria ouvir um Parabéns, eu te dou. Parabéns dado, mas te deixo uma pergunta, fuja um pouco da sobrevivência e procure um pouco mais de vida. Para o seu bem, não existe coisa mais humana do que suas desconstruções. Grite, eu permito, grite o mais alto que você puder. Ok. Volte a suas atividades.



## **FORTALEZA, 29 DE MAIO DE 2019**

Priscila, me lembro de um tempo que você gostava de brincar de pensamentos. Você sonhava que se você ganhasse na Loteria, você construiria um hospital que se dedicaria à pesquisa para a cura dos loucos. Ia ter um monte de cientistas, de doentes, doentes não, loucos e os familiares iriam visitar e se inteirar do estado de seus parentes. Diversas idades, diversas condições financeiras... Estava bonito, mas do que era mesmo que você estava querendo se livrar? Da tua carga, né? Das coisas que você tratava como desgraça na tua vida? Realmente, desgraças queremos eliminar, não é? (...)

### **ALGUNS RECADOS**

1) Olanzapina 5 mg, Clozapina 50 mg, Litium 300 mg, Carmabazipina 200 mg, Biperideno 2mg, Rivotril 20 mg;

2) Priscila, não enlouqueça;

3) Como não aumentar os muros? Como construir pontes?

4) Uma louca e outra é o quê? Como ela pode viver assim? Isso é vida? Vida é isso? Quem vive a vida de quem? Que vida é vivida perto de você?

5) Eu enlouqueço, você enlouquece, ela enlouquece, nós enlouquecemos, vocês enlouquecem, eles enlouquecem muita gente;

6) Priscila, você é uma pessoa normal. Você vai ver;

7) Priscila, não enlouqueça;

8) De novo visitar? De novo estar presente? Como é isso?  
Sempre uma descoberta.

9) Eu me enlouqueço, você se enlouquece, ela se enlouquece,  
nós nos enlouquecemos, vocês se enlouquecem, eles se  
enlouquecem a si próprios.

10) Ah!

## **Sobre o processo**

*Obs.: Textos para serem lidos da forma mais aleatória,  
fragmentária e livre possível.*

### **TEXTO 1**

É difícil perder-se...

Ainda mais quando se tem medo de não se encontrar mais...

Ainda mais quando não se entende direito o porquê...

A verdade não faz sentido, para mim nunca fez... Por mais  
que eu tentasse me segurar em uma para viver.

Medo de me desintegrar, sei lá...

Medo de não sobrar mais nada...

Medo de não saber voltar...

Medo de não saber o que fazer com essa liberdade que me  
proponho.

Se eu seguir com minhas impressões fragmentárias... Viver  
é uma bagunça... São tantas histórias, memórias e laços que  
se acham, se perdem, se encontram, se prendem... É real? É

loucura? Com certeza, estou dando voz e vez à loucura... Só pode ser.

Me sinto de frente ao abismo do que não entendo, não conheço.

Nunca consegui me deixar guiar pelo o que não conheço.

Eu preciso de coragem para fazer o que vou fazer... Esse abismo é meu e minha caminhada é solitária.

Reviver é um caminho tátil no caminho da compreensão, mesmo que este caminho seja incompreensível.

Ter a coragem de abrir e expor a vida em carne, crueldade e amor.

O que será que terei de fazer para continuar humana depois de tudo isso?

Vou precisar criar esse caminho. Criar sim, mentir não.

Sei que estou adiando, adiando. Adiando essa entrada que só é possível quando se entra de cabeça e se deixar ir apenas indo.

Entregando ao desconhecido minha vida desconhecida e quente.

Experiência animal por ser emergente e reconhecível porque expressivamente humana.

Como reviver?

Como trazer à vida?

Como?

## TEXTO 2

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 22, 33, 44, 55, 55, 67, 85, 58, 76, 10.  
AAAHHHHHH... SHHHHHH... (*Ar para fora*) ... (*Ar para dentro*) ... (*Ar para fora*) ... (*Ar para dentro*) ... (*Ar para fora*) ... (*Ar para dentro*) ... Não, eu não aceito. Não, eu não aceito. Não, eu não. Não, eu... Não... (*Grito*) estou procurando, estou procurando, estou à procura, estou pro, estou pro... É? Também.

Não sei, tenho pensado naquele dia especial.

O que você acha que é uma pessoa normal de fato?

Parabéns, Parabéns, Parabéns!

Realmente é louvável, por mais vontade que desse...

Eu preciso dividir com você, eu preciso dividir com você, eu preciso dividir com você, eu preciso... eu preciso... Eu preciso? Preciso mesmo? Sim, eu preciso. Preciso sim. Dividir e com você

Mesmo que nesse chão TODOS queiram pisar, gente se mata para estar lá, ouro que não reluz para mim, mesmo que essa realidade seja tão bem vendida, mesmo que esta não queira ser despertada, mesmo que TODOS chamem isso de fuga.

Não sei, não sei, não, não, não, não, não, não, não, não, eu não sei. Eu posso não saber? Posso? Você deixa eu não saber? Você deixa eu não? Ou você só vai deixar o que você quer que eu faça? Quem aguenta prisão assimmmm? Quem? Quem? Quem?

Que horas? Já é hora? É hora? Àquela hora chegou? Como qual hora? A hora de ser invisível e de ver por trás das paredes? Essa hora chegou?

Uma vez, uma vez, escuta, escuta... Me disseram que eu poderia tomar sorvetes de graça na sorveteria da esquina, mas chegando lá, os donos do sorvete não davam antes de pagar... Como pode? Vozes da minha cabeça dizem coisas o tempo todo. O TEMPO todo.

Shiiiiiii, shiiiiiii, shiiiiii, eu já disse que shiuuuuuuu. Shiu, shiu, shiu.

Uma vez perdi uma das crianças no meio da escola. E eu não queria falar disso, ok?

Querida mesmo era dormir, deixa eu dormir, me deixa, eu só quero ficar aqui. Comigo e com todos aqueles que me conhecem e formam o meu mundo. Me deixa quieta.

F I M

**Priscila Queiroz** é atriz, intérprete-criadora e performer. Começou seus estudos de artes em 1999, em São Paulo. Tem graduação e especialização em Artes Cênicas e Curso Técnico em Dança. Em Fortaleza, tem participado de peças de teatro, de dança e performances, além de diversos cursos livres.

# O CORPO PEDRADO

*Carlos Roque*

## **Personagens**

Personagem um  
Personagem dois  
Personagem três



## CENA 1 – MANIFESTO

*Em caso de encenação em teatros, sugere-se que toda a estrutura do palco fique à mostra. Entram três atores vestidos com roupas de trabalho (neutras) e organizam o espaço cênico na presença da plateia com latas de refrigerante amassadas, papelões e bitucas de cigarros que espalham pelo chão. No centro, instalam uma pedra grande de calçamento e em cima dessa pedra um cachimbo de durapox, uma caixa de fósforo e um simulacro de pedra de crack. Eles falam enquanto executam essas ações.*

**UM:** Drogado, pecador, doente, identidades marginais ligadas a um destino traçado, longe da cidadania.

**DOIS:** Corpos mal tratados, fatigados, conjurados por uma sociedade que busca banir todo o mal.

**TRÊS:** O que responder para os que encontram no crack uma forma de se experimentar o humano? Sim. Humanos!

**DOIS:** O leque de opções que o nosso tempo tem oferecido a esses sujeitos não os convida a fazer parte da comunidade humana.

**UM:** Como tudo na vida, o que deixou de ter serventia joga-se fora: incluindo pessoas.

**TRÊS:** Crack, lixo e cracolândia são os novos lugares sociais da loucura. Pátrias dos craqueiros, dos noiados, dos zumbis...

**UM:** Suprassumo de um capitalismo desembestado, de gozo solitário. Consumir é preciso, viver não é preciso.

**TRÊS:** Nesse espetáculo pretendemos agir na contramão da vergonhosa política nacional!

**DOIS:** Nesse espetáculo pretendemos agir na contramão da vergonhosa política nacional!

**UM:** Nesse espetáculo pretendemos agir na contramão da vergonhosa política nacional!

**TRÊS:** Inspirados na visão teatral de Bertold Brecht.

**DOIS:** No Sistema Coringa de Augusto Boal.

**UM:** E na pedagogia de Paulo Freire.

**TRÊS:** Trazemos para o centro da cena os gritos desses invisíveis...

**DOIS:** “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” – Paulo Freire.

**UM:** Construir pontes de palavras.

**TRÊS:** Palavras... Não pedras para preencher nosso vazio.

**UM:** Precisamos do OUTRO para nos humanizarmos.

**TRÊS:** Seu corpo...

**UM:** Seu cheiro...

**DOIS:** Seu desejo...

**TRÊS:** “NO MEIO DE TODO CAMINHO, SEMPRE HAVERÁ UMA PEDRA.”

*Som, uma abertura de gira. O som se mistura com barulho de*



*buzinas e trânsito.*

## **CENA 2 – QUEM SOU EU?**

*Diante da plateia, Um veste os elementos para compor a Personagem Um. Dirige-se diretamente para a plateia.*

**PERSONAGEM UM:** Oi gente, boa noite?

Gente, BOA NOITE???

Desculpa estar atrapalhando vocês.

Eu me chamo Rafael, tenho 26 anos e há dois meses eu venho realizando esse trabalho em coletivos.

Gente, como todos devem saber, a situação no Brasil não tá fácil pra ninguém, muito menos pra mim, então essa foi a maneira mais honesta de conseguir arranjar o meu sustento.

Hoje eu vendo essas balinhas dentro dos ônibus, topiques. Somente na minha mão vocês vão conseguir essas deliciosas balinhas de morango, uva e tutti frutti, pelo valor de 1 real. Em qualquer supermercado, mercantil ou mercearia, essas balas custam 1 real e 25, mas aqui, na minha mão, elas saem para você por 1 real.

Aí vocês vão me perguntar:

**DOIS:** Mas Rafael por que sai tão barato, essas balinhas estão vencidas?

**PERSONAGEM UM:** eu digo, tão não gente, é que meu lucro é baixo, e eu prefiro vender mais com o lucro baixo do que não vender nada e sair do ônibus com o bolso vazio. Aí vocês vão dizer:

**TRÊS:** Nossa Rafael como você é inteligente, porque não arranja um emprego melhor?

**PERSONAGEM UM:** E eu digo, eu tinha um emprego melhor, eu tinha a carteira assinada. Eu era pizzaiolo em um restaurante lá na Varjota, mas acontece que o dono de lá decidiu fazer uma lista de corte, e lá estava eu nessa lista. Aí vocês vão perguntar de novo:

**TRÊS:** Nossa Rafael, mas você é tão novo, devia tá era estudando.

**PERSONAGEM UM:** E eu respondo, eu estudava gente, fazia enfermagem na Universidade Estadual, lá na Parangaba, tive que abandonar o curso por falta de dinheiro. E para quem pensa que a universidade pública sai de graça para o estudante, é porque não sabe quanto custam as xerox, os transportes e a comida em um curso integral.

Aí, como vocês são curiosos. Vão querer saber:

**DOIS:** Rafael, e a sua família?

**PERSONAGEM UM:** Eu digo, minha mãe morreu quando eu era criança, e meu pai encontra-se preso há 6 anos. Então pessoal, como vocês podem ver, hoje eu tô aqui, andando sujo, com as roupas rasgadas, cheirando mal. Isso é porque gente, há 3 meses eu estou em situação de rua. Fui despejado da casa onde morava depois de 5 meses sem pagar o aluguel. E na rua, gente, não tem onde tomar banho, guardar as roupas ou muito menos perfume. A gente só tem a roupa do corpo e um papelão para dormir e dorme com medo. Medo de fechar os olhos e acordar apanhando, medo de tacarem fogo em você...

É, gente, o negócio é difícil, mas isso não é o pior, o pior é a FOME.

Na rua não é como na casa de vocês não, a gente não tem geladeira, armário, não tem onde estocar ou guardar a comida. Por isso todo dia é uma batalha. Uma batalha...

Então, pessoal, se vocês não tiverem podendo comprar as balinhas, mas quiserem me ajudar, qualquer ajuda será bem-vinda, qualquer moeda de 5 ou 10 centavos me ajuda a inteirar o dinheiro para o meu almoço.

Lembre-se pessoal:

“O pouco com Deus é muito, e o muito sem Deus não é nada.”

*Um decompõe Personagem Um, mas continua no espaço cênico. Dois compõe a Personagem Dois pegando um cigarro amassado, uma caixa de fósforo. Encaminha-se em direção ao público, tenta acender o cigarro várias vezes com o fósforo jogando os palitos no chão, acende e começa a cantarolar.*

**PERSONAGEM DOIS:** “Volver a los diecisiete después de vivir un siglo  
Es como descifrar signos sin ser sabio competente  
Volver a ser de repente tan frágil como un segundo  
Volver a sentir profundo como un niño frente a dios  
Eso es lo que siento yo en este instante fecundo.”

*Olhando para a plateia, traga o cigarro.*

**PERSONAGEM DOIS:** É isso aí... Violeta Parra sabia das coisas!  
Eu me chamo Edvaldo.

Edvaldo Correa Sampaio.

Sim. Igual o nome da construtora Correa Sampaio.

Eles são meus familiares, ou pelo menos, costumavam ser. (...)

Família... hnm... Família...

Vocês querem saber o que significa família?...

*Durante a fala, Três compôs a Personagem Três. Nesse ponto, se intromete.*

**PERSONAGEM TRÊS:** Bora man, ninguém aqui quer saber não, tu fala demais... não pode tomar umas, que é a mesma história.

**PERSONAGEM DOIS:** Vocês querem saber?

Alguém aqui sabe???

Vou dizer para vocês.

O nome família vem do latim “famulus” que quer dizer Escravo Doméstico.

E era isso que eu era para eles, um escravo, ES-CRA-VO, nada mais que isso.

*Personagem Três olha para o público, faz cara de não se importar com o que é falado.*

**PERSONAGEM DOIS:** Mas um escravo tem que ter sua utilidade, senão, não presta para nada e te jogam fora, no lixo.

Inutilidade é uma palavra assustadora.

Nesse mundo burguês ela equivale a uma sentença de morte.

E é isso que estou fazendo aqui... Só esperando a minha boa hora...

Mas nem sempre fui um inútil não!

Para quem me vê e me julga, fiquem sabendo: nem sempre fui um inútil!

Eu já fui o chefe, o patrão, me chamavam de Dr. Edvaldo.

**PERSONAGEM TRÊS:** Lá vem a mesma história de novo, toda vida é isso... já já ele chora.

**PERSONAGEM DOIS:** (*emocionado*) Mas a vida...

a vida às vezes bate com força...

bate com tanta força que nos derruba.

E eu caí.

Perdi quem eu mais amava. Covardemente eles me levaram meus filhos, meus meninos...

Não me venha com aquela história que temos de oferecer a outra face. Aiai.. A outra face...

“Como eu posso dar a outra face se já fui machucado brutalmente.”

(...)

León Gieco sabia das coisas...

*Baixa a cabeça. Dois decompõe o Personagem Dois, mas não sai do espaço cênico.*

**PERSONAGEM TRÊS:** Vamu logo com essa história, vamu?

Eu já tô toda me coçando, a fim de dar uma pancada.

Meu nome é Aparecida Rocha, mas me chamam de Nêga.

Tenho 43 anos.

Eu não sou dessa cidade não, vim pra cá eu era menina ainda, nasci em um sítio perto de Quixadá.

Dizem que nasci no laço, puxada por uma corda, parece até que eu não queria vir pra esse mundo.  
Já fiz de tudo um pouco nessa vida.  
Já vendi de porta em porta, trabalhei em casa de família, já fui babá, cuidadora de idosos, também já vendi perfume e hoje quando dá, faço e vendo desinfetante.  
Tive três filhos, a mais velha tem 23 anos, e já me deu dois netinhos (Enzo e João Gabriel).  
Tenho um rapaz de 18, que tá na faculdade, faz engenharia não sei de quê, vive na casa da minha irmã.  
A minha caçula tinha 16 quando mataram ela (...)  
Tanto que eu avisava para ela não se envolver.  
Eu dizia: mulher esse negócio de facção não brinca não, se eles te pegarem eles te matam.  
E foi dito e feito.  
Mataram ela com pedrada, vocês acreditam?  
E os bichos ruim ainda jogaram o corpo dela no canal.  
Acharam dois dias depois, tive nem coragem de ir olhar.  
Passou até na televisão.  
Maior tristeza para uma mãe (...)  
A bichinha era tão apegada a mim, mas foi se envolver com quem não presta... Falta de conselho é que não foi.  
Depois que fizeram isso com ela, eu perdi foi a vontade de viver, sabe?  
Hoje é só Deus que me mantém viva.  
Só Deus e Nossa Senhora(...)  
E esse homem aí...

*Olha para Dois.*

**PERSONAGEM TRÊS:** Esse homem, às vezes ele me trata mal, mas eu sei que ele me ama. Não é?

*Dois assume a expressão do Personagem Dois e olha com uma cara feia.*

**PERSONAGEM TRÊS:** Pois é, essa é a minha vida,  
e vamu logo vamu?.  
Tu fez a missão Rafael?  
Ficar aqui falando de pedras no caminho,  
Sou nem besta...  
Meu caminho foi todo feito é de pedra (...)  
Ficar falando...  
Coisa besta!

*Dois e Um compõem os personagens e juntam-se à Personagem Três para a próxima cena.*

### **CENA 3 – A PANCADA**

*Personagens Um, Dois e Três acendem o cachimbo de crack. Após a última pancada, visivelmente sob efeito da droga, percorrem o palco aos gritos:*

**PERSONAGEM TRÊS:** Euforia

**PERSONAGEM UM:** irritabilidade

**PERSONAGEM DOIS:** taquicardia

**PERSONAGEM TRÊS:** Tremores

**PERSONAGEM UM:** Estado de alerta

**PERSONAGEM DOIS:** agitação

**PERSONAGEM TRÊS:** Fissura

*Os atores paralisam-se. Decompõem os personagens.*

**TRÊS:** Primeiro extrai a folha da planta *Erythroxylon coca*.

**UM:** Acrescenta bases fortes, ácido sulfúrico e solventes orgânicos.

**DOIS:** produzido o cloridrato da cocaína, mistura tudo com bicarbonato de sódio.

**TRÊS:** Estão feitos os cristais de cocaína...

**UM:** Cristais de cocaína...

**DOIS:** Cristais de cocaína!!!

*Novamente nos personagens, percorrendo rapidamente o palco.*

**PERSONAGEM UM:** Aquece a pedra

**PERSONAGEM TRÊS:** em 95° Celsius, ou em 194° Fahrenheit, vira vapor.

**PERSONAGEM DOIS:** Inalado pelos pulmões

**PERSONAGEM TRÊS:** Cai rapidamente na corrente sanguínea

**PERSONAGEM UM:** Circula pelo corpo

**PERSONAGEM DOIS:** Circula pelo corpo



- PERSONAGEM TRÊS:** Circula pelo corpo
- PERSONAGEM DOIS:** Chega ao cérebro
- PERSONAGEM UM:** POW
- PERSONAGEM TRÊS:** POW
- PERSONAGEM DOIS:** POW
- PERSONAGEM UM:** Estimulante do sistema nervoso central
- PERSONAGEM DOIS:** Curta... mas intensa euforia
- PERSONAGEM TRÊS:** Curta... mas intensa euforia
- PERSONAGEM UM:** Curta... mas intensa euforia

#### **CENA 4 – VIOLÊNCIA**

*Sentados em torno da pedra de calcamento*

- PERSONAGEM DOIS:** Eita porra... bateu de com força...
- PERSONAGEM UM:** Roxeda né?...
- PERSONAGEM DOIS:** D'onde é essa bixa??...
- PERSONAGEM UM:** Lá do Oitão.
- PERSONAGEM DOIS:** Deuzu'livre pegar alí, tá embassado viu... Os homem tão lá direto...
- PERSONAGEM TRÊS:** É mesmo oh... tá escamoso. Cheio de zebrinha rodando.

**PERSONAGEM UM:** Pois para mim lá é moh limpeza... Eu com essa minha beleza toda, eles nem se tocam... Vocês é que são palozos demais.

**PERSONAGEM DOIS:** Palozo demais?

**PERSONAGEM UM:** Tu tá só as tripa aí, noiado direto... A Nêga com essa cara toda roxa, toda inchada... Minha filha, só em olhar para você os homem se ligam logo.... Casal de nóia..., vocês são muito filho da puta mesmo né? Eu não sei como é que a Nega ainda tem coragem de tá contigo Edvaldo... Tu quase mata ela de peia, e essa baitinga ainda volta... Nam minha irmã, aí é gostar de sofrer...

**PERSONAGEM DOIS:** É porque ela é metida demais, tu sabe... De vez em quando tem que levar umas mesmo que é para aprender a respeitar homem... Tô te dizendo mah, a bixona dessa vez quase não volta... Chamou a polícia pra mim e tudo...

**PERSONAGEM TRÊS:** Mas também né, tu quase me mata... tu ainda jogou uma pedra de calçamento na minha cabeça... Ainda bem que pegou só raspando viu... Já pensou se tivesse pegado de jeito? Eu tinha morrido... E eu não chamei a polícia não viu, seu mentiroso... Eles é que estavam passando e ouviram os grito...

**PERSONAGEM DOIS:** Só sei que descoloquei também viu... Bando de filho da puta covarde!

**PERSONAGEM TRÊS:** Foi moh B.O... Se eu soubesse... cheguei na delegacia, passei a manhã toda lá sentada, Os policiais passando direto e olhando com a cara feia... Depois me levaram pro IML, fizeram um bocado de pergunta... e eu com fome. Vinham aquelas enfermeiras, só pra encher o saco... Quando deu quase 8 hora da noite é que eu fui comer alguma coisa...Me mandaram para um abrigo, tipo

uma casa só de mulher... Era bem bonzím lá.... As mulheres tudo já tinham apanhado dos marido, as pobi veia... mas elas ficavam meio que me olhando torto, sabe? Até a dona de lá me olhava torto... Parece que tinha escrito na minha testa que eu usava pedra... Povo preconceituoso, é sofrendo e julgando os outros... Aí eu fui começando a pegar abuso... Então meu filho... quando bateu a fissura de verdade... Eu ó... saí foi fora...

**PERSONAGEM UM:** E eles deixaram tu sair assim, de boa?

**PERSONAGEM TRÊS:** Mas menina... deixaram... não tinham porque não deixar não, sou nem obrigada. Ainda me fizeram conversar com uma Doutora lá, mas a mulher nem me olhava direito.

*Três sai da personagem e encaminha-se para a plateia.*

**TRÊS:** Prontuário 3208; Paciente encaminhada para o atendimento médico pelo abrigo municipal de proteção a mulheres vítimas de violência doméstica. Apresenta hematomas e escoriações pelo corpo, relata dores nas costelas e cefaleia. A mesma informa que não consegue se encaixar na rotina do abrigo, afirma ser vítima de preconceitos por parte das internas e da administração do serviço. Segundo a paciente, não faz uso de drogas há seis dias. Apresenta sintomas de abstinência aguda: ansiedade, sudorese, insônia, tremores nas mãos. Hipótese diagnóstica F10 e F19, deverá ser acompanhada pelo Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas. Receitado Ibuprofeno 600mg para as dores duas vezes ao dia e Diazepam 10 mg pela manhã para controle dos sintomas de abstinência. No aguardo de leito na Santa Casa de Misericórdia para a desintoxicação. Sem mais para o momento.

**PERSONAGEM UM:** Pois mulher, tu teve foi sorte viu... Se eles quisessem ter te mandado para as tal comunidade terapêuticas, tu ainda tava era lá... Eu passei três meses ali... horrível... Gosto nem de lembrar...

**PERSONAGEM DOIS:** Mas tu voltou foi gordo né?

**PERSONAGEM UM:** Ora meu filho... Só comendo cuscuz direto... Só tinha cuscuz... Era cuscuz e oração...cuscuz e oração... cuscuz e oração... Eu tava ficando era doido de tanto assistir aqueles vídeos do Malafaia e agente ainda tinha que sair na rua pedindo comida...

*Um sai da personagem e dirige-se para a plateia.*

**UM:** Resultados da inspeção nacional em comunidades terapêuticas realizada em outubro de 2017, nas cinco regiões do Brasil, pelo Ministério Público em conjunto com o Conselho Federal de Psicologia (CFP).

Dentre as irregularidades encontradas podemos citar:

Isolamento e restrição do convívio social.

Retenção de documentos ou dinheiro.

Violação de sigilo de correspondência e de acesso a meios de comunicação.

Irregularidades envolvendo internações involuntárias e compulsórias.

Ausência de laudo médico e de comunicado ao Ministério Público.

Ausência de projeto terapêutico singular.

Violação da liberdade religiosa.

Ausência de alvará sanitário.

Exploração do trabalho como ferramenta de disciplina.

Ausência de protocolos ou projetos de desinstitucionalização.

Administração irregular de medicações.

Trabalho de adolescentes.

*Dois sai da personagem e dirige-se à plateia.*

**DOIS:** Podemos passar o dia inteiro falando das irregularidades dessas supostas “comunidades terapêuticas”, mas o mais grave é que: desde o ano de 2011 elas recebem repasses públicos federais. Em 2013 já havia um lobby para liberação de 230 milhões de reais destinados a essas comunidades. Só em 2018, o governo liberou mais de 90 milhões de reais. O Projeto de Lei Complementar 37, aprovado em 2019, autoriza e coloca como política pública a internação forçada de dependentes químicos nessas comunidades ultra religiosas e sem compromisso social, fazendo assim com que sejam repassados por ano mais de 150 milhões de reais em dinheiro do povo para essas comunidades. Enquanto isso, os Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas, chamados CAPS AD, realizam atendimentos diários, numa perspectiva territorial de evolução contínua, com supervisão médica e psicológica, praticando a política de Redução de Danos, recomendada pelo OMS, esses mesmo CAPS AD tiveram seus investimentos congelados pelas três esferas de governo.

Enfim, o cenário é caótico.

*Pausa. Enquanto desmontam o espaço cênico, os atores repetem.*

**UM:** O cenário é caótico.

**DOIS:** O cenário é caótico.

**TRÊS:** O cenário é caótico.

*Terminam de desmontar o espaço cênico.*

**UM:** Sem mais para o momento.

**DOIS:** Sem mais para o momento.

**TRÊS:** Sem mais para o momento.

**TRÊS:** Nos despedimos com uma frase do dr. Martin Luther King:

“É nosso dever moral, e obrigação, desobedecer a uma lei injusta”.

**UM:** Nos despedimos com uma frase do dr Martin Luther King:

“É nosso dever moral, e obrigação, desobedecer a uma lei injusta”.

**DOIS:** Nos despedimos com uma frase do dr Martin Luther King:

“É nosso dever moral, e obrigação, desobedecer a uma lei injusta”.

**TRÊS:** É nosso dever moral.

**UM:** É nossa obrigação.

**DOIS:** Desobedecer a uma lei injusta.

**TRÊS:** É nosso dever.

**DOIS:** É nossa obrigação.

**UM:** Desobedecer.

**DOIS:** Desobedecer.

**TRÊS:** Desobedecer.

*Pausa.*

**TRÊS:** A cena continua pelos becos e ruas da cidade.

**DOIS:** A cena continua pelos becos e ruas da cidade.

**UM:** A cena continua pelos becos e ruas da cidade.

**TRÊS:** A cena continua.

**DOIS:** Pelos becos e ruas da cidade.

**UM:** Pelos becos e ruas da cidade.

**TRÊS:** Pelos becos e ruas da cidade.

**DOIS:** A cena continua.

**UM:** A cena continua.

**TRÊS:** A cena continua.

**UM:** Desobedecer.

**DOIS:** Desobedecer.

**TRÊS:** Desobedecer.

F I M

**Carlos Roque** é psicólogo. Trabalhou como Redutor de Danos no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas, em Fortaleza, como também na área de Psicologia Social Comunitária na comunidade do Vicente Pinzon. Atualmente atua na área clínica com atendimentos focados na abordagem humanista existencial. Se considera um apaixonado por artes em geral, tentando sempre conciliar sua paixão artística com sua prática em psicologia.



Este livro foi composto com as famílias tipográficas Acier Bat (títulos), desenvolvida pelo type designer Jean-Baptiste Levée (Production Type), Roboto (textos sem serifas) pelo type designer Christian Robertson (Google) e Meno Text (textos serifados), criada pelo type designer Richard Lipton (Lipton Letter Design). As três foram licenciadas via Adobe Fonts.

Fortaleza. Outubro de 2021.